UNESP
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Câmpus de Araraquara - SP

FELIPE ALEIXO

ORAÇÕES CONDICIONAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS): uma análise funcionalista

ARARAQUARA – SP
2021

FELIPE ALEIXO

ORAÇÕES CONDICIONAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS): uma análise funcionalista

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. Carmo Rodrigues

ARARAQUARA – SP
2021

A366o

ALEIXO, FELIPE

Orações Condicionais na Língua Brasileira de Sinais (Libras) : uma análise funcionalista / FELIPE ALEIXO. -- Araraquara, 2021

214 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Angélica Rodrigues

1. Orações condicionais. 2. Língua Brasileira de Sinais (Libras). 3. Perspectiva funcionalista. 4. Condicionalidade. 5. Línguas de Sinais. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

FELIPE ALEIXO

ORAÇÕES CONDICIONAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS): uma análise funcionalista

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.
Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. Carmo Rodrigues

Data da defesa: 27/05/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. Carmo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Câmpus de Araraquara

---

Membro Titular: Prof. Dr. Anderson de Almeida da Silva
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPar

Membro Titular: Prof. Dr. André Nogueira Xavier
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Membro Titular: Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Membro Titular: Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Membros Suplentes: Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira – UFMS
Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck – Unesp/Araraquara
Prof. Dr. Andrew Nevins – UFRJ

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

Às comunidades surdas do Brasil, que merecem todo o respeito, destaque e reconhecimento que lhes é de direito.

À Silvana Zamproneo, minha primeira mestra e responsável pelo amor que tenho ao estudo das línguas.

À Ivanilde Amelotti Machado, que sempre torceu para que seu neto, um dia, fosse doutor.

AGRADECIMENTOS

Sempre digo que minha tese de doutorado jamais teria sido realizada se sozinho estivesse durante esse intenso período de minha vida. Os agradecimentos abaixo direcionam-se, assim, às muitas mãos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho fosse concluído.

Em primeiro lugar, agradeço à Profa. Dra. Angélica Rodrigues, minha querida orientadora, mas mais do que isso – muito mais. Angélica tem a característica marcante de transformar vidas: seja com a orientação rigorosa dos passos que devemos tomar quanto à carreira e à pesquisa acadêmica, seja com o carinho e atenção com que nos acolhe e nos motiva a seguir sempre adiante, seja, ainda, com o exemplo que é de mulher, pesquisadora, professora, militante, mãe e amiga. É graças a ela que me encontrei dentro da minha profissão; graças a ela que entrei em contato com a Libras. É a minha inspiração constante e a responsável por grande parte das conquistas que obtive. Minha gratidão nunca será suficiente por tudo que representa para mim.

Agradeço ao Prof. Dr. André Nogueira Xavier, por todas as valiosas contribuições que tem, gentilmente, dado ao meu trabalho – desde os primeiros esboços até o texto de Qualificação. Para mim, é uma honra tê-lo como arguidor em minha Banca de Defesa, não só pelo fechamento deste ciclo, como também pelo modelo de professor e de pesquisador que representa para mim.

Ao Prof. Dr. Anderson de Almeida Silva, por todos os apontamentos feitos em minha qualificação e pelas constantes palavras de motivação e de carinho para que esta etapa, a Defesa, fosse concluída. Agradeço, ainda, por ter aceitado o convite para estar, mais uma vez, conosco.

À Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, pela leitura carinhosa da pré-análise dos meus dados e por todos os apontamentos feitos. Agradeço, ainda, por toda a sua rica contribuição para a área de estudos das condicionais, inspiração para a proposta deste estudo, bem como pelo aceite para compor minha Banca de Defesa.

Ao Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite, pelo aceite em participar deste importante momento de minha carreira. Poucos sabem, mas a tese do Prof. Tarcísio foi a primeira pesquisa em Libras que, de fato, estudei do início ao fim. Por isso, também foi uma inspiração para o meu caminho como pesquisador, mesmo sem ter a ciência disso.

À Eliane F. A. S. Ochiuto, grande amiga que o doutorado me proporcionou, por todas as discussões e pelas dúvidas sanadas com relação à sua língua materna e, consequentemente, ao meu córpus. Nossa troca fez que nos familiarizássemos com as pesquisas que realizamos, fraternas com relação à perspectiva funcionalista de análise.

Ao amigo Rimar R. Segala, por toda a paciência e por toda a disponibilidade para discutir dados da minha pesquisa. Agradeço, ainda, pela parceria neste percurso de nosso doutoramento e pela companhia nos eventos de que pudemos participar.

Aos colegas surdos Israel B. Amim, Roberto A. Alves, Lucas V. Machado, Pedro Serafim, pela constante contribuição para observar alguns de meus dados e por auxiliar em muitas das traduções de meus exemplos.

A todas as comunidades surdas com que tive contato em minha vida, pelo acolhimento, convívio e partilha de experiências.

Ao Prof. Dr. Roland Pfau, pela discussão inicial de meu tema e pelo envio de valiosos textos que muito contribuíram para esta pesquisa.

À Profa. Dra. Ivani Fusellier, pelas indicações de leitura e pela prazerosa conversa quando da avaliação de uma de minhas apresentações ao longo deste doutorado.

Ao Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, que coordenou o programa durante a maior parte de minha pesquisa, por sempre ter sido muito prestativo e receptivo aos pedidos de última hora.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp de Araraquara, que muito contribuíram com a minha formação como professor e pesquisador, sobretudo Maria Helena de Moura Neves, Rosane Berlinck, Wanda Sandes, Cristina Fargetti e Gladis Massini-Cagliari.

À Adriana Ap. da Silva, minha grande companheira nesta trajetória do doutorado; juntos dividimos todas as nossas conquistas e os nossos sonhos que essa etapa tão importante proporciona.

Aos meus amigos queridos do coração (e colegas de trabalho) Alessandra Cruz e Jaelson Santos, pelas risadas gostosas de todos os dias, pelos auxílios em momentos de desespero, pelos conselhos em horas oportunas, pelas trocas de experiências motivadoras, pela constante presença, mesmo na distância, mesmo em isolamento.

Ao colegiado do Curso de Letras-Libras Bacharelado, da Universidade Federal de Roraima, pela aprovação de meu afastamento de um ano e meio, bem como por terem se desdobrado para suprir a ausência de um professor em um colegiado tão pequeno em quantidade, mas enorme em força de vontade e na esperança da construção de um mundo melhor.

Aos meus amados alunos da Universidade Federal de Roraima, que entenderam minha ausência e que são os responsáveis pela minha constante motivação em querer aprender sempre mais.

Ao Prof. Dr. Paulo Jeferson, colega de trabalho que compartilhou comigo textos importantes praticamente impossíveis de serem encontrados.

Ao querido Padre Luiz Claudemir Botteon e ao Centro Universitário Claretiano, que me acolheram por quase nove anos e têm grande contribuição para minha chegada até aqui, uma vez que sempre incentivaram minha qualificação acadêmica e profissional, seja financiando diversos cursos que fiz, seja liberando minhas saídas durante as Especializações e o meu curso de Mestrado. Sempre serei grato a essa casa, que, volta e meia, surge em minhas memórias, trazendo consigo muito carinho, amor, respeito e saudade.

Aos meus grandes amigos de todas as horas, William, Vanessa, Isadora, Maíssa, Maiara, Flávia, por serem meu alento em momentos de estresse e pelas prosas carregadas de sorrisos que tornaram os meus dias muito mais leves.

A Matheus, meu irmão, e Thatiana, por diminuírem a distância entre Boa Vista e Batatais, reforçando a sensação de que é sempre importante e bom ter a família por perto.

A Lucas, meu irmão caçulinha, por ter me cedido sua casa pelo período que passei em Araraquara e por ser aquele que alegra, com sua presença, o dia de qualquer pessoa.

À Vovó Vani, avessa às tecnologias, por ter se desdobrado para aprender a falar comigo por videochamadas *quase todos os dias durante esses quatro anos*, e por ser a representação concreta da expressão “amor de toda a minha vida, que não cabe no peito”.

À minha mãe, Denise, e a meu pai, José, que sempre me apoiaram em todos os meus sonhos e por serem os maiores torcedores para que eu tenha sucesso na vida. Agradeço pelas constantes orações, pelas conversas que me colocam para a frente, pelos mimos de todas as horas. Tudo que sou é resultado de uma criação recheada de amor, afeto, carinho, respeito e dedicação, graças à constante doação de vocês, que são tudo para mim.

Por fim, agradeço ao meu companheiro, Luís Müller Posca, por todo o amor compartilhado nesse período, pela motivação diária, pelo otimismo exagerado, por dividir comigo muitos sonhos e por ser aquele que, mesmo passados dez anos de união, ainda me faz suspirar e ser grato a Deus por ter nos colocado juntos para dividir uma vida muito bem vivida.

I just knew that when these deaf people were together and communicating with each other, what they were communicating with was a language, not somebody else's language; since it wasn't English, it must have been their own language. There was nothing "broken" or "inadequate" about it; they got on splendidly with it.

William C. Stokoe

RESUMO

Nesta pesquisa, tivemos o objetivo geral de descrever e analisar, partindo de uma perspectiva funcionalista, como as relações de condicionalidade podem ser expressas na Libras partindo de produções naturais de uso, extraídas do Corpus de Libras da UFSC. Nesse sentido, observamos como as orações condicionais são elaboradas em discursos naturais, seja a partir de um enlace conjuntivo, em que há o uso das conjunções manuais SE e EXEMPLO, seja por um enlace justaposto, quer dizer, em que marcadores não manuais explicitam esse uso. De modo específico, buscamos apontar quais marcadores não manuais gramaticais estão associados à expressão de condicionalidade, relacionando-os aos diferentes tipos de condicionais que identificamos na Libras seja seguindo critérios semânticos, em que observamos os graus de hipoteticidade, seja seguindo os parâmetros de seus domínios de uso, tal como Sweetser (2002) e Dancygier (2003) sugerem. Ainda, avaliamos a ordem das condicionais, considerando suas possíveis motivações quanto ao uso dos constituintes condicionais codificados como tópicos ou adendos (FORD; THOMPSON, 1986; HIRATA, 1999). Para isso, recolhemos 64 ocorrências de condicionais da Libras e partimos para uma análise quali-quantitativa, considerando, como grupos de fatores: critérios formais, ao identificar marcadores manuais e não manuais que apresentam um padrão de uso nessas orações, bem como ao observar a ordem dos constituintes, relacionando-os ao tipo de informação que veiculam; critérios semânticos, ao observar os sentidos expressos quanto ao grau de hipoteticidade; critérios semântico-pragmáticos, ao observar a relação de sentido das condicionais quanto aos domínios de uso. Os resultados obtidos permitem-nos atestar que: (i) o uso mais prototípico das condicionais na Libras é o arqueamento das sobrancelhas sobre a prótase, juntamente com a produção do mouthing de "si" e com a projeção da cabeça para a frente. Isso pode ser seguido por um piscar de olhos que demarca a passagem do constituinte antecedente para o consequente; na apódose, há uma mudança no formato das sobrancelhas, bem como uma mudança na inclinação da cabeça. Esses usos podem, todavia, sofrer influência de outras funções no discurso, o que pode alterar, também, a sua realização. (ii) A anteposição, ou seja, a sequência prótase > apódose, tem uso mais representativo no uso da Libras; a posposição, todavia, não é agramatical. As prótases das condicionais antepostas veiculam informações dadas/inferíveis; as das condicionais pospostas, em contrapartida, apresentam, sempre, uma relação de novidade. Nesse sentido, as prótases das condicionais antepostas funcionam como tópicos das sentenças em que ocorrem, ao passo que as pospostas funcionam como adendos restritivos. (iii) Quanto aos graus de hipoteticidade das orações condicionais, nossos dados demonstram a impossibilidade de distribuí-las em grupos discretos, uma vez que muitos usos de MNM e de outros sinais manuais se sobrepõem às ocorrências. Sendo assim, propusemos uma análise a partir de um *continuum*, em que situações que se estabelecem mais próximas do polo esquerdo demonstram noções +factuais, e, à medida que "caminham" pelo continuum, passam a ter uma interpretação +hipotética. Logo, quanto mais à direita do *continuum*, menor a possibilidade de realização (-factual). (iv) Com relação aos domínios de uso, identificamos ocorrências para os quatro grupos, a saber, de conteúdo, epistêmico, de atos de fala e metatextual. Com relação aos tipos de usos (de conteúdo, epistêmico, de atos de fala e metatextual), não confirmamos nossa hipótese de que há marcadores específicos para esses usos.

Palavras-chave: Orações Condicionais. Libras. Perspectiva funcionalista. Condicionalidade. Línguas de Sinais.

ABSTRACT

In this thesis, whose general objective is to describe and analyze, from a functionalist perspective, how the relations of conditionality can be expressed in *Libras* at natural productions of use, extracted from the *Libras* Corpus of *UFSC*. In this sense, we observe conditional sentences elaborated in natural speeches, either from a conjunctive link, in which there is the use of manual conjunctions *SE* and *EXEMPLO*, or through a juxtaposed link, in which the use of non-manual markers makes explicit this use. Specifically, we seek to point out which non-manual grammatical markers are associated with the expression of conditionality, relating them to the different types of conditionals that we identify in *Libras*, either by following semantic criteria, in which we observe the degrees of hypotheticality, either by following the parameters of their domains of use, as Sweetser (2002) and Dancygier (2003) suggest. We still evaluated the order of conditionals, considering their possible motivations regarding the use of conditional constituents coded as topics or addendums (FORD; THOMPSON, 1986; HIRATA, 1999). For this, we collected 64 conditionals of *Libras* occurrences and started a quali-quantitative analysis, considering, as groups of factors: formal criteria, when identifying manual and non-manual markers that present a pattern of use in these sentences, as well as observing the order of constituents, relating them to the type of information they convey; semantic criteria, when observing the meanings expressed as to the degree of hypotheticality; semantic-pragmatic criteria, when observing the relation of meaning of the conditionals regarding the domains of use. The obtained results allow us to attest that: (i) the most prototypical use of conditionals in *Libras* is the arching of the eyebrows over the prosthesis, together with the production of the "si" mouthing with the projection of the head forward. This can be followed by a blink of an eye that marks the passage from the previous constituent to the consequent; in apodosis, there is a change in the shape of the eyebrows, as well as a change in the head's inclination. These uses can, however, be influenced by other functions in the speech, which can also change its performance. (ii) The preposition, that is, the protease sequence> apodosis, has more representative use in *Libras*; the postposition, however, is not ungrammatical. The proteases of the preconditioned conditionals convey given / inferable information; those of the postponed conditionals, on the other hand, always present a relationship of novelty. In this sense, the proteases of the prepositional conditionals function as topics of the sentences in which they occur, whereas the postpositions function as restrictive addenda. (iii) Regarding the degrees of hypotheticality of the conditional sentences, our data demonstrate the impossibility of distributing them in discrete groups, since many uses of *MNM* and other manual signs overlap the occurrences. Therefore, we proposed an analysis based on a continuum, in which situations that are closer to the left pole demonstrate notions + factual, and, as they "walk" through the continuum, they come to have a + hypothetical interpretation. Therefore, the further to the right of the continuum, the less the possibility of realization (- factual). (iv) Regarding the domains of use, we identified occurrences for the four groups, namely, content, epistemic, of speech acts and metatextual. Regarding the types of uses (content, epistemic, of speech acts and metatextual), we do not confirm our hypothesis that there are specific markers for these uses.

Keywords: Conditionals Clauses. Libras. Functionalist perspective. Conditionality. Sign language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Arqueamento de sobrancelhas	66
Figura 2	Exemplo de uso de MNM em oração condicional	74
Figura 3	Marcação de uma condicional hipotética	75
Figura 4	Projeção da cabeça para a frente na oração condicional	76
Figura 5	Articulação típica para condicionais contrafactuais na ISL	79
Figura 6	Articulação típica para condicionais factuais na ISL	79
Figura 7	Conjunção IF em Língua de Sinais Britânica	84
Figura 8	Sinais correspondentes a IF na Língua de Sinais Holandesa (NGT)	84
Figura 9	Sinais correspondentes a SUPPOSE na NGT	85
Figura 10	Sinais correspondentes a IF na ASL	86
Figura 11	Realizações do sinal WENN (se) em ÖGS	86
Figura 12	O sinal SE da Libras	87
Figura 13	Expressões não manuais de condicionais consideradas por Ampessan (2017)	88
Figura 14	Exemplo de condicional usado nos testes realizados por Ampessan (2017)	89
Figura 15	O Sinal EXEMPLO	94
Figura 16	Diferentes ângulos dos informantes – Dupla 1, Grupo 1	101
Figura 17	Print da Tela de trabalho no ELAN	102
Figura 18	*Print* da tela em uso do Movavi	106
Figura 19	Exemplo de Organização dos dados no Excel	108
Figura 20	O sinal SE da Libras	115
Figura 21	Detalhamento de produção do sinal SE	116
Figura 22	Variação de Configuração de Mão do sinal SE	117
Figura 23	Sinal SI da LSF	118
Figura 24	Sinal NUNCA	119
Figura 25	Sinal AZUL	119
Figura 26	Mouthing de “si” nos sinais EXEMPLO e SE, respectivamente	126
Figura 27	Movimento de cabeça para a frente	137
Figura 28	Inclinação de cabeça para a frente	138

Figura 29	Inclinação de cabeça para trás em contexto de pergunta	139
Figura 30	Balanço de cabeça vertical SIM (para cima e para baixo)	166
Figura 31	Balanço de cabeça vertical SIM	167
Figura 32	Representação do balanço curto lateral de cabeça (BalLat)x	173
Figura 33	Nariz “enrugado” (*wrinkled nose*) e franzimento de sobrancelhas em [- factuais].	180
Figura 34	Inter-relação multidimensional do *continuum* de factualidade para as condicionais da Libras	183

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Frequência dos tipos de enlace condicional	114
Gráfico 2	Padrões de uso das sobrancelhas nas prótases	129
Gráfico 3	Relação entre sobrancelhas arqueadas e franzidas X tipos de sentenças condicionais	130
Gráfico 4	Proporção dos tipos de Tópicos e Adendos das orações condicionais	149
Gráfico 5	Tipos de Tópicos X Orações Condicionais	155
Gráfico 6	Quantidade de orações condicionais segundo os domínios de uso	185
Gráfico 7	Tipos de enlace vs. Domínios de uso	195

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Funções das expressões não manuais	63
Quadro 2	Expressões não manuais da Libras	64
Quadro 3	Funções sintáticas que, além das condicionais, requerem o uso de sobrancelhas arqueadas.	71
Quadro 4	Relação entre MNM nas pesquisas em línguas de sinais estrangeiras	81
Quadro 5	Marcadores Não Manuais identificados nas condicionais	104
Quadro 6	Funções veiculadas pelos Marcadores Não Manuais nas condicionais	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Tabela de Verdade das Relações Condicionais	37
Tabela 2	Tipos de sentenças condicionais	113
Tabela 3	Uso do mouthing	127
Tabela 4	Posição da oração condicional	141
Tabela 5	Tipos de Tópicos e Adendos das orações condicionais	148

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	American Sign Language
AUSLAN	Língua de Sinais Australiana
BSL	Língua de Sinais Britânica
DSGS	Língua Gestual Suiço-Alemã
ISL	Língua de Sinais Israelense
LSC	Língua de Sinais Catalã
Libras	Língua Brasileira de Sinais
MNM	Marcadores não manuais
NGT	Língua de Sinais Holandesa
ÖGS	Língua de Sinais Austríaca
RSL	Língua de Sinais Russa

CONVENÇÃO DAS GLOSAS

/: sinal interrompido

//: interrupção feita pelo próprio sinalizante

_ e +: tempo (símbolos usados quando um sinal é produzido de forma mais longa)

XXX: sinal não identificado

IX(index): apontação para pessoas, objetos, localizações (pronome)

DEM: pronome demonstrativo

POSS: pronome possessivo

DV: Verbos descritivos (classificadores)

FS(Unesp): Soletração

SINAL(nome): Sinal-Nominal

SINAL(xxx): sinal não conhecido

&(significado-do-gesto): gesto

E(ID do emblema): emblema

<u>abc</u>

SINAL: marcadores não manuais

cond: oração condicional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 18

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 26

2.1 A PERSPECTIVA DE ANÁLISE FUNCIONALISTA 26
2.2 CONDICIONALIDADE 32
2.2.1 DA NATUREZA DAS ORAÇÕES CONDICIONAIS 32
2.2.2 DA RELAÇÃO ENTRE TÓPICOS E CONDICIONAIS 39
2.2.3 SOBRE A POSIÇÃO DAS ORAÇÕES CONDICIONAIS 44
2.2.4 SOBRE AS RELAÇÕES SEMÂNTICAS E PRAGMÁTICAS NOS DOMÍNIOS DE USOS DAS CONDICIONAIS 50
2.2.5 SOBRE OS GRAUS DE HIPOTETICIDADE 58
2.3 CONDICIONALIDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS 62
2.3.1 MARCADORES NÃO MANUAIS 62
2.3.2 MARCAÇÃO MANUAL 83
2.4 CONDICIONAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) 87

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 96

3.1 ORIGEM DOS DADOS 96
3.2 COLETA DAS OCORRÊNCIAS 103
3.3 CRITÉRIOS DE ANÁLISE 109

4. ANÁLISE 112

4.1 ASPECTOS FORMAIS DAS CONDICIONAIS 112
4.1.1 TIPOS DE SENTENÇAS E MARCADORES MANUAIS 112
4.1.1.1 O sinal SE 114
4.1.1.2 O sinal EXEMPLO 120
4.1.2 MARCADORES NÃO MANUAIS DAS ORAÇÕES CONDICIONAIS 125
4.1.2.1 *Mouthing* 125
4.1.2.2 Sobrancelhas 128
4.1.2.3 Sobre os limites da marcação de sobrancelhas nas condicionais 135
4.1.2.4 Inclinação de cabeça 136
4.2 POSIÇÃO 140
4.3 GRAUS DE HIPOTETICIDADE 161
4.4 DOMÍNIOS DE USO 184

5. CONCLUSÃO 198

6. REFERÊNCIAS 205

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, os estudos linguísticos estiveram concentrados de forma predominante em línguas orais, que são realizadas por meio das modalidades falada e/ou escrita. Isso significa dizer que poucas pesquisas consideravam as línguas de sinais, na medida em que estas se realizam a partir de uma outra modalidade, qual seja, a visiogestual. Para se ter uma ideia disso, Haug e Mann (2008), ao elaborarem uma revisão teórica sobre questões específicas em línguas de sinais, tiveram muitas dificuldades em fazer um estudo comparativo entre essas línguas, em virtude da escassez ou da ausência de investigações que as tivessem como foco. Essa dificuldade também foi encontrada em trabalhos maiores, como o de Velupillai (2012, p. 29), que, em seu estudo quanto à tipologia linguística (de forma geral), afirma que "as línguas de sinais ocorrem em todo o mundo, mas a maioria ainda é pouco descrita ou não é descrita". Mesmo uma rápida olhada nos trabalhos disponíveis na seção de linguística de algumas bibliotecas das Universidades Públicas brasileiras revela um padrão semelhante: há um grande acervo sobre o estudo científico da comunicação – de visões gerais da linguística a fenômenos específicos de uma língua em particular. No entanto, apenas uma pequena proporção desses trabalhos conterá qualquer referência cientificamente relevante a línguas que são operacionalizadas fora das modalidades falada e/ou escrita.

Apesar de os registros indicarem o uso de línguas de sinais há séculos[1], é sobremodo recente observar pesquisas debruçando-se sobre os fenômenos das línguas de sinais. Desde a

[1] Dois exemplos de textos que tratam sobre o sujeito surdo e sua língua são *"*A deaf person's observations about an elementary course of education for the deaf", de Pierre Desloges, publicado em 1779, e "*The deaf before and since the Abbé de L'Epée"*, de Ferdinand Berthier (1840). Pierre Desloges é considerado o primeiro surdo a publicar uma obra para provar que a instrução dos surdos deveria ser realizada por meio de uma língua de sinais. Berthier, em 1840, publicou a biografia de L'Epée, evidenciando como era realizada a educação de surdos anteriormente ao trabalho desenvolvido pelo abade e como sua ação foi fundamental para o povo surdo da época (LANE; PHILLIP, 1984).

segunda metade do século XX, os estudos linguísticos voltados para essas línguas começaram, paulatinamente, a se expandir e a serem considerados pela comunidade acadêmica em geral, graças a fatores que incluem os desenvolvimentos socioculturais e, ainda, os avanços na tecnologia, sobretudo depois dos anos 2000, com a popularização da internet, em que se evidenciou, por exemplo, a presença de surdos na grande mídia, nas redes sociais, em canais do YouTube, entre outros.

As primeiras abordagens a respeito dessa área de estudos (a da descrição e análise linguística das línguas de sinais) concentravam-se principalmente na área da linguística formal, de modo que as abordagens funcionais tiveram muito pouca contribuição para o debate. Mais recentemente, por exemplo, a extensa apresentação de Sandler e Lillo-Martin (2006) sobre a fonologia, a morfologia e a sintaxe da Língua de Sinais Americana (de agora em diante, "ASL") e seus universais para as línguas de sinais é realizada a partir de uma perspectiva principalmente gerativista. Outros trabalhos muito importantes, como o volume editado por Pfau, Steinbach e Woll (2012), que abrange a investigação de muitos subdomínios linguísticos, e a análise de Napoli e Sutton-Spence (2014) sobre as estruturas sintáticas de mais de 40 línguas de sinais, também são apresentados a partir desse ponto de vista.

No Brasil, os estudos acadêmicos sobre as línguas de sinais, sob o panorama da linguística, foram iniciados no início dos anos 1980, com os estudos de Lucinda Ferreira Brito, famosa pela apresentação de similaridades e diferenças entre uma variante paulista da Libras (até então conhecida como "língua de sinais dos centros urbanos brasileiros") e da língua de sinais Urubu-Kaapor, utilizada em uma comunidade indígena localizada no interior do Maranhão (FERREIRA-BRITO, 1984).

A partir de então, muitos outros estudos começaram a tomar a Libras como objeto de estudo, seja comparando-a a outras línguas de sinais (como BERENZ; FERREIRA-BRITO,

1990), seja descrevendo o seu sistema próprio. A tese de Quadros (1999), nesse sentido, representa um importante marco para a comunidade acadêmica, sobretudo para a área da Sintaxe, uma vez que introduz, pela primeira vez, uma descrição bastante detalhada sobre a estrutura frasal da Libras.

Sendo assim, graças aos estudos formalistas, temos, hoje, muito material de relevante referência sobre os sistemas que subjazem tantas línguas de sinais. Mais raras são as pesquisas que se desenvolvem sob a perspectiva funcionalista de análise.

É, assim, importante o movimento de que trabalhos sob a perspectiva teórica funcionalista também sejam realizados não só no Brasil, mas no contexto geral de análise das línguas de sinais. E isso porque a perspectiva funcional observa os fatos da língua considerando, também, fenômenos estruturais, como fazem as perspectivas estrutural e gerativa, mas analisa, diferentemente, a situação de comunicação por inteiro, quer dizer, o contexto discursivo, os participantes que o compõem, além dos propósitos que estes têm para construírem seus eventos de fala. Segundo essa perspectiva, a interação entre os falantes e a situação comunicativa motiva a estrutura gramatical.

Logo, é saudável, para a área análise das línguas de sinais, que diferentes perspectivas teóricas se debrucem aos estudos linguísticos, o que contribui, significativamente, para a documentação, para a descrição e para a reflexão de propriedades que, muitas vezes, não são consideradas por discussões que privilegiam, apenas, as línguas operacionalizadas por meio da modalidade oral-auditiva. Ainda se discute se os fenômenos encontrados em línguas de sinais devem ser tratados de modo semelhante ao que é atestado para línguas orais. Não se chegou ainda a um consenso com relação a isso. Todavia, já sabemos que diferenças significativas entre elas têm levado linguistas a repensar muito conceitos há muito tempo concretizados. Por exemplo, a famosa afirmação que ouvíamos nas aulas de Fonética e Fonologia de que a

“linguagem é a relação de pensamentos e sons” não mais se sustenta a partir do momento em que passamos a considerar línguas que não fazem uso de sons.

Lançamo-nos, assim, ao desafio de entender como a Libras pode também ser analisada através das lentes do funcionalismo e, por sua vez, como os fenômenos encontrados podem ser discutidos com base em teorias que, em sua origem, se firmaram sobre estudos na oralidade. Nesta tese, buscamos descrever e analisar as orações condicionais da Libras, partindo, então, de uma perspectiva funcionalista, em contextos de uso natural da língua. Pretendemos, assim, detalhar como os surdos brasileiros constroem a condicionalidade na Libras estabelecendo relações sintáticas, semânticas e pragmáticas.

A condicionalidade nas línguas de sinais ainda é um tema em que poucos pesquisadores ao redor do mundo têm se debruçado com exclusividade, como se observará ao longo desta pesquisa. Sendo assim, nossa investigação se justifica não só porque se insere em um universo timidamente explorado, mas também por trazer à academia dados que contribuem para o aperfeiçoamento e para as reflexões sobre as línguas, fortalecendo a legitimação da Libras como língua natural, permitindo a inserção do fenômeno em gramáticas descritivas, bem como colaborando para a construção do conhecimento científico.

Nosso objetivo geral é o de descrever como a relação de condicionalidade é expressa na Libras partindo de produções naturais de uso, extraídas do Corpus de Libras, da UFSC, e observando como os interlocutores constroem, em seus discursos, orações condicionais, introduzidas seja por meio do uso de conjunções manuais (enlace conjuntivo), seja por marcadores não manuais (enlace justaposto), a fim de compreender como ocorre essa relação subordinativa em diferentes contextos de uso. As orações condicionais introduzidas por conjunção manual observadas foram as introduzidas pelas conjunções SE e EXEMPLO, tal como ilustram, respectivamente, (1) e (2) a seguir:

(1)

cond.

SE OUVINTE INCLUSÃO IX3 SURDO OU OUVIR INCLUSÃO

Se o ouvinte inclui o surdo, tem inclusão.

(2)

cond.

EXEMPLO QUERER IMPLANTE-COCLEAR QUERER-NÃO IMPLANTE-COCLEAR DEPENDER

Se a pessoa quer ou não quer o implante coclear, depende de cada um.

Além disso, observamos o padrão de uso não manual envolvido para a realização de orações justapostas, ou seja, quando não há marcação manual, tal como ilustrado no exemplo (3):

(3)

cond.

OUVIR SABER LÍNGUA-DE-SINAIS POSSÍVEL ENSINAR TAMBÉM

Se os ouvintes sabem língua de sinais, podem ensiná-la também.

Para a análise do uso dessas orações na Libras, partimos não só de sua produção formal, como também as observamos, considerando critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos que motivam o uso dessas construções. Assim, de forma específica, objetivamos: identificar os usos e os não usos de conjunções condicionais manuais; apontar os marcadores não manuais gramaticais associados à expressão de condicionalidade; descrever e analisar os diferentes tipos de condicionais da Libras, seguindo os parâmetros de análise de Sweetser (2002) e Dancygier (2003); avaliar a ordem das condicionais, considerando suas possíveis

motivações; identificar o tipo de informação veiculado nas condicionais da Libras, seguindo os critérios de Prince (1984).

Sendo assim, observamos os seguintes grupos de fatores:

1) Critérios formais: quais marcadores manuais e não manuais apresentam um padrão de uso das orações condicionais e qual a ordem dos constituintes que compõem a sentença.
2) Critérios semânticos: quais os sentidos veiculados pelas orações condicionais.
3) Critérios semântico-pragmáticos (uso): as orações condicionais da Libras apresentam-se de acordo com os modelos de relação propostos por Sweetser (2002) e Dancygier (2003)?

Nossas hipóteses partem destas perguntas:

1) Uma vez que não há marcação morfológica que especifique o uso das condicionais quanto ao grau de hipoteticidade, podemos identificar marcadores não manuais que explicitem esse uso? Para essa questão, nossa hipótese é que há usos gramaticais desses marcadores específicos para a realização das orações condicionais.
2) Existem fatores semântico-pragmáticos que explicam a realização de condicionais pospostas? Embora os trabalhos sobre condicionais nas LS do mundo apontem para a agramaticalidade da posposição de orações condicionais, foram encontradas em nosso córpus ocorrências de condicionais pospostas. Nossa hipótese em relação a essas ocorrências é a de que há fatores semântico-pragmáticos que viabilizam a posposição de condicionais na Libras.
3) Ainda com relação à ordem, o tipo de informação veiculado pelas prótases pode interferir na posição das condicionais? Nossa hipótese é que o tipo de

informação veiculado pelos constituintes da sentença pode interferir no uso de condicionais antepostas e pospostas.

4) O contexto de uso seria a única forma de identificar as relações semânticas entre prótase e apódose? Nossa hipótese é que o contexto de uso carrega em si grande parte da responsabilidade pela identificação das relações semânticas referentes ao grau de hipoteticidade, mas que o uso de marcadores manuais e não manuais contribuem, também, para essa identificação.
5) Os tipos de usos (de conteúdo, epistêmico, de atos de fala e metatextual) podem ser identificados na Libras? Se sim, a sua distribuição motiva o uso de algum marcador? Ou de posição sintática? Nossa hipótese é que os tipos de usos motivam, também, a posição dos constituintes das sentenças condicionais na Libras e que há marcadores específicos para esses usos.

Sendo assim, nossa questão norteadora de pesquisa é: *quais são as possibilidades de realização da condicionalidade, em contextos reais de uso, na Língua Brasileira de Sinais*?

Com relação à organização formal desta pesquisa, cinco seções compõem nossa investigação. Assim, depois desta Introdução, trazemos, na segunda seção, as questões teóricas que sustentam toda a nossa investigação. Inicialmente, apresentamos as bases funcionalistas que seguimos para a análise do nosso fenômeno e, na sequência, focamos o tema da condicionalidade. Fazemos uma abordagem, nesse sentido, sobre como o tema tem sido tratado em pesquisas nas línguas orais, para, em seguida, apresentarmos pesquisas que passam pela discussão das condicionais na Libras. Nosso objetivo aqui é demonstrar que nossa pesquisa é inédita para os estudos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira.

Posteriormente, apontamos nossas decisões metodológicas que contribuíram para a construção desta tese. Indicamos, além do tipo de pesquisa e a abordagem selecionados, como construímos nosso córpus, tendo por base o Córpus de Libras. Além disso, apresentamos nossa padronização para apresentar as glosas, considerando os sinais manuais e as expressões não manuais utilizadas pelos informantes. Mostramos, ainda, como os vídeos foram editados e armazenados em plataforma virtual. Por fim, mostramos nossos grupos de fatores que serão utilizados para a análise das condicionais.

É válido salientar que consideramos que a apresentação das glosas poderia ser insuficiente para a representação da língua e, muitas vezes, informações articulatórias essenciais poderiam ser perdidas. Para solucionar esse problema, ao lado das glosas que representam dados de nosso córpus, inserimos as imagens estáticas dos sinais utilizados em sequência, bem como indicamos os *links* para os vídeos sinalizados dessas ocorrências, que podem ser acessados, também, via QR-code.

Na seção subsequente, apresentamos os dados que obtivemos por meio da coleta das 64 ocorrências que compõem nosso córpus, partindo para a discussão e a análise de dados, apresentando, assim, nossos resultados.

Por fim, fazemos nossas conclusões e, ao final, disponibilizamos nossas referências bibliográficas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentamos as bases teóricas que fundamentam nossa análise para a discussão do fenômeno em estudo, de modo a observar como as orações condicionais têm sido estudadas sob diferentes perspectivas, inserindo-se aí as enunciadas por línguas orais ou por línguas de sinais.

Inicialmente, apresentamos os modelos teóricos que embasam nossas reflexões e métodos de análise, seguindo uma linha essencialmente funcionalista. Na sequência, trazemos à tona pesquisas relevantes à nossa discussão que teorizaram sobre as orações condicionais em línguas orais. Depois, apresentamos o que se tem pesquisado sobre o fenômeno para a área das línguas de sinais, para, por fim, evidenciar estudos que abordam nosso objeto de pesquisa em investigações sobre a Libras.

2.1 A perspectiva de análise funcionalista

Como dissemos na introdução desta tese, nossa perspectiva teórica, que orienta esta pesquisa, é a funcionalista. O Funcionalismo, como paradigma teórico dentro da Linguística, não é uma abordagem homogênea, ou seja, apresenta diferentes vertentes que estão relacionadas a grupos e estudiosos que as desenvolveram.

Essas linhas funcionalistas apresentam um ponto em comum, tendo em vista que asseveram que a língua tem funções cognitivas e sociais, as quais desempenham um papel fundamental na determinação dos sistemas que estruturam a gramática das línguas naturais. Logo, o pesquisador funcionalista parte da observação dos dados, considerando que a estrutura é imanente aos fatos da língua (MARTINET, 1978). Sendo assim, seu objeto de análise é “a língua real de falantes reais em situações reais” (ANDRADE, 1992, p. 34).

Mais do que isso, na perspectiva funcionalista, a preocupação está em estudar a relação entre a estrutura gramatical e os diversos contextos comunicativos em que as línguas são utilizadas, de modo a identificar como as pressões externas à língua motivam os seus usos no sistema. Isso quer dizer que, para a análise da língua, devem-se considerar toda a situação de comunicação: do propósito do evento de fala, aos seus participantes e contextos discursivos. Segundo Martelotta (2011, p. 61), os cientistas que seguem essa perspectiva observam, sobretudo, o uso da língua, de modo que o consideram fundamental para compreender a natureza da linguagem. Além disso, apresentam uma "visão dinâmica das línguas", na medida em que se atêm à "criatividade do falante para adaptar as estruturas linguísticas aos diferentes contextos de comunicação" .

De acordo com Neves (1997, p. 25), a gramática observada pelo funcionalista é aquela que constitui "uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual, entretanto, só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria de interação verbal".

Em nossa pesquisa, não elegemos uma única teoria funcionalista para "dar conta" dos nossos dados. Como se poderá ver ao longo de nosso estudo, recorremos aos preceitos de pesquisas que têm arranjos teóricos que confluem, na medida em que observam as orações condicionais considerando uma orientação que articula sintaxe, semântica e pragmática.

Por exemplo, com relação à Linguística Sistêmico-Funcional, Halliday e Matthiessen (2004) consideram a descrição gramatical que demonstra como e por que a língua varia em função de seu uso e em relação com os grupos de falantes e contextos de uso. Nessa perspectiva proposta por Halliday e Matthiessen (2004), três pontos são norteadores para o modelo de análise: o uso (em relação ao sistema); o significado (em relação à forma) e o social (em relação ao indivíduo). Considerando a noção funcional da linguagem, os autores destacam

que “a análise sistêmica revela que a funcionalidade é intrínseca à língua: isso quer dizer que a inteira arquitetura da língua é organizada em linhas funcionais. A língua é da forma que é em virtude das funções nas quais tem se envolvido na espécie humana” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 31, tradução nossa).

Então, quando propõem que é a partir do uso que se pode explicar a organização de uma língua, a Linguística Sistêmico-Funcional postula que o sistema linguístico deve ser entendido como um leque de possibilidades aberto aos usuários da língua, de modo que suas escolhas (as dos falantes) não são aleatórias porque são carregadas de valores sociais (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2004). Isso quer dizer que os dados por nós coletados não são (nem poderiam ser) analisados de forma desvinculada dessas possibilidades situacionais.

Já a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) segue a linha holandesa de teoria da gramática funcional desenvolvida por Simon Dik (1989, 1997). Esse modelo tem como unidade básica de análise o ato discursivo, em que se busca descrever a língua a partir de quatro níveis da organização gramatical – interpessoal (motivações pragmáticas), representacional (motivações semânticas), morfossintático (aspectos estruturais) e fonológico (aspectos prosódicos) –, que se organizam em uma relação *top–down*, hierarquicamente.

Assim, os fatos da língua são analisados levando-se em consideração a situação comunicativa, ou seja, a relação entre o produtor e o receptor da língua, bem como a contextualização temporal e local da enunciação (ponto em comum com a LSF), de modo que não se estuda o sistema de forma independente do uso, nem o contrário (uso sem sistema). Dessa maneira, as formas dos enunciados são vistas como dependentes de suas funções (DIK, 1997).

Tem-se, então, por meio dessa postura, a hipótese de que categorias formais podem ser explicadas de modo criterioso se forem consideradas sob uma correspondência com as categorias semânticas e pragmáticas originadas na cognição humana e na comunicação inter-humana (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Por essa razão, não bastaria, aqui, analisar as orações condicionais apenas pela posição sintática que ocupam; é preciso levarmos em consideração, também, essa inter-relação entre as áreas da semântica e do contexto discursivo de realização.

> Neste modelo [o da Gramática Discursivo-Funcional], procura-se evitar a ideia de toda uma gramática formal, desprovida de significado. Ao contrário, foca-se no modo como construções gramaticais emergem de usos individuais da língua. Assim, o estudo das línguas não deve partir de molduras prontas, mas deve ter como fundamento principal explicar os processos gerais que subjazem à emergência da estrutura e significado a partir dos usos linguísticos (OLIVEIRA; HIRATA-VALE, 2017, p. 221).

Vale dizer, todavia, que fazer uma análise funcional não significa deixar de lado a descrição formal das estruturas linguísticas. Em nosso estudo, por exemplo, como se aferirá na seção analítica dos dados, descrevemos como as orações que veiculam o valor de condição na Libras se realizam com relação à produção dos sinais e dos traços formais que carregam. Isso é importante tendo em vista que serve como ponto de partida para nossa análise posterior, considerando, assim, os aspectos semântico-pragmáticos para a manifestação da condicionalidade, caminhando em direção ao discurso.

Em princípio, é preciso definir qual o conceito de discurso que utilizamos nesta pesquisa, uma vez que ele pode ser considerado de diferentes modos em diferentes propostas teóricas em função do objeto e dos princípios a que se se refere, tendo em vista, ainda, que analisamos as condicionais recorrendo a postulados da Estrutura Informacional, levando em

consideração o estatuto informacional dos constituintes que as compõem (LAMBRECHT, 1994).

Fazemos isso em virtude do alerta dado por Pfau (2008), que afirma que, no passado, muitos estudos em línguas orais e de sinais enfatizavam similaridades entre tópicos e condicionais (como HAIMAN, 1978; COULTER, 1979; JANZEN, 1999). Segundo o autor, nas línguas de sinais, os dois tipos de construções são similares, de forma que ambos, topicalização e condicionalidade, aparecem, usualmente, em inícios de sentenças, sendo marcados por marcadores não manuais e por constituírem unidades prosódicas independentes.

Assim, nesta tese, assumimos que o discurso é entendido como uma prática verbal que apresenta sempre um valor interindividual, na medida em que consiste em um processo cognitivo complexo envolvendo diferentes tipos e níveis de operações e de conhecimentos. Então, para a realização do discurso, fatores como o estatuto mental do locutor e do interlocutor, o contexto de enunciação e a relação entre os interlocutores devem ser considerados.

Esse conjunto de condições que intervêm na produção de qualquer discurso constitui aquilo que Lambrecht (1994, p. 36) considera como “universo discursivo”, que se configura como um modelo por meio do qual esses fatores podem ser organizados em categorias, nas quais estão agrupados, além daqueles elementos externos ao discurso (como a situação, o tempo, o espaço, as circunstâncias e, obviamente, os enunciadores que o produzem), e os que são internos ao ato discursivo.

Assim, assumimos, com Lambrecht (1994), que os elementos internos do discurso, ou seja, as expressões linguísticas e os significados associados a elas evidenciam o lado abstrato das representações mentais criado nas mentes dos interlocutores durante a comunicação, de modo que é por meio da manipulação dessas representações que a informação é veiculada. O modo como essas entidades são manifestadas está diretamente relacionado à forma como suas

representações são estabelecidas na mente do falante durante a produção de seu discurso; e isso se relaciona, também, com a organização das informações veiculadas – e, portanto, com a estrutura informacional do discurso.

Essa relação feita por Lambrecht pode ser associada à perspectiva adotada por Dik (1989). Em sua Gramática Funcional, o autor apresenta um modelo de interação social por meio da linguagem, no qual as expressões linguísticas são produzidas a partir da intenção do falante, da informação pragmática do falante ou da avaliação do falante sobre a interpretação do ouvinte. Por sua vez, para que o ouvinte faça a interpretação das expressões linguísticas, ele depende: da própria expressão linguística, da sua informação pragmática e da sua hipótese sobre a intenção comunicativa do falante.

Nesse contexto, em que a informação é tomada na sua forma "pragmática", tal como definida por Dik (1989), compõem-se todo o conhecimento, as crenças e as suposições disponibilizadas para falante e ouvinte no momento da interação verbal por meio da forma como essa informação é apresentada no discurso. Nesse modelo, é entendido que os participantes do ato comunicativo querem alcançar seus objetivos informacionais por meio de suas expressões linguísticas (cooperatividade), estruturando os seus discursos de acordo com regras e normas preestabelecidas no sistema (estruturação). O autor distingue essas regras em dois subgrupos: (i) aquele formado por regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas; (ii) aquele em que estão inseridas, de modo mais abrangente, as regras pragmáticas, ou seja, em que estão evidentes os padrões de uso dessas expressões linguísticas (DIK, 1997).

Dessa forma, todos os níveis (sintático, semântico, pragmático etc.), de um modo ou de outro, estão interligados, apresentando, é claro, funções distintas. No nível das funções semânticas estão, por exemplo, os processos ativos/passivos das sentenças. No das funções sintáticas, os termos essenciais, integrantes e acessórios da oração, como sujeito, objetos etc. E

no das funções pragmáticas, de fundamental importância para este estudo, o tópico, o foco, o tema, o rema, entre outros que são importantes para que a informação seja estruturada dentro do contexto comunicativo, sobretudo no universo da produção da condicionalidade, como será pontuado na subseção a seguir.

2.2 Condicionalidade

Nesta seção, apresentamos a fundamentação teórica tomando por base a literatura cujo foco está na expressão de condicionalidade das línguas naturais. Recorremos a pesquisas que consideramos fundamentais para nossa análise, seja em virtude da consensual relevância dentro dos estudos seminais relacionados à condicionalidade, seja em virtude da consonância com os modelos teóricos e com os rumos que se integram aos objetivos estabelecidos para esta tese, lançando mão, assim, de uma coletânea que dê suporte à discussão sobre o tema, o qual, pela primeira vez, é exclusivamente discutido na Língua de Sinais Brasileira sob um enfoque funcionalista.

Assim, inicialmente, apresentamos estudos que teorizaram as orações condicionais sob o viés das línguas orais. Em sequência, apresentamos o que tem sido descrito sobre essas orações em algumas línguas de sinais pelo mundo. Por fim, identificamos o que temos, até o momento, sobre o tema com relação à Língua de Sinais Brasileira.

2.2.1 Da natureza das orações condicionais

Iniciamos esta subseção afirmando que o estudo de orações condicionais é, ao mesmo tempo, intrigante e desafiador, uma vez que esse tipo de oração pode ser investigado

sob várias perspectivas – dentro do domínio da Linguística sob uma perspectiva sintática e semântica e, além da linguística, sob a perspectiva da Lógica e da Filosofia.

Em sua forma clássica, o tipo de oração condicional é frequentemente formalizado com a fórmula lógica simples "*se p, q*". Os linguistas geralmente não só levam em consideração a relação condicional entre o antecedente (p) e o consequente (q); a forma linguística da expressão condicional também é estudada.

Cristofaro (2003) identifica que as relações de condição estabelecem uma conexão entre dois Estados de Coisas de forma que a ocorrência de um deles (o dependente) seja a condição para a ocorrência do outro. Oliveira e Hirata-Vale (2017), por seu turno, assumem que as construções condicionais são essencialmente caracterizadas pelo fato de se apoiarem sobre uma base causal hipotética. De acordo com as pesquisadoras, há um consenso na literatura quanto a apresentar a condicional como "um enunciado em que dois segmentos se associam numa relação de causalidade não preenchida" (p. 295).

Neves (2000, p. 832) conceitua: "dentro de uma construção **condicional**, a **oração** que exprime condição (tradicionalmente, a **subordinada**) é chamada **prótase**, e a que exprime o que é condicionado (a **nuclear**, ou **principal**) é chamada **apódose**" (grifos da autora). Sendo assim, a construção se apoia basicamente numa hipótese, o que a faz também ser chamada, nos estudos clássicos, como "período hipotético" (NEVES, 2000)[2].

Assim, observe-se este exemplo:

(4)

Se Maria estudar muito, ela vai passar na prova.

---

[2] Nesta tese, as expressões "oração principal", "apódose" e "oração núcleo" são consideradas sinônimos, sendo usadas, portanto, indistintamente. O mesmo ocorre com "oração condicional", "oração dependente" "prótase" e "oração subordinada/hipotática".

A relação prototípica encontrada nessa ocorrência exibe dois padrões linguísticos relevantes para as condicionais: primeiro, há uma conjunção – "se" –, que mostra a relação condicional entre a primeira oração (prótase) e a segunda oração (apódose). Em segundo lugar, a ordem da frase é tal que a oração condicional precede a principal. Translinguisticamente, ambos os padrões são muito frequentes, embora haja variação. No português, por exemplo, Neves (2000, p. 829) assume que essas construções podem ser enunciadas sob a forma "SE-ORAÇÃO CONDICIONAL + ORAÇÃO PRINCIPAL" ou "ORAÇÃO PRINCIPAL + SE-ORAÇÃO CONDICIONAL", quer dizer, as orações condicionais podem se apresentar como antepostas ou pospostas à oração principal.

Sob um ponto de vista geral, de acordo com Ferguson, Reilly, Meulen e Traugott (2009), as construções condicionais (do tipo *se p, então q*) refletem a capacidade que as pessoas têm de (i) conseguirem imaginar situações alternativas àquelas em que de fato estão, (ii) fazer inferências com base em informações que lhes foram dadas de modo incompleto, (iii) imaginar possíveis correlações entre situações diferentes, (iv) e entender como o mundo mudaria se certas correlações fossem diferentes. Assim, compreender a organização conceitual e comportamental dessa capacidade de construir e interpretar condicionais nos dá informações básicas sobre os processos cognitivos, sobre o uso da língua e sobre as estratégias que as pessoas utilizam para organizar os seus discursos.

Segundo os autores, a pergunta sobre o que são construções condicionais pode ser respondida a partir de muitos pontos de vista, mas é na área da Linguística que se considera a existência de alguma correlação entre as propriedades psicológicas, semânticas e formais das condicionais. Nesse sentido, uma descrição da representação que fazemos das construções condicionais deve partir de questões como: nessa determinada língua, existe uma construção condicional prototípica? Quais outras construções podem ser usadas como condicionais? Que outras funções semânticas podem ser expressas pelas condicionais?

É na análise e na apresentação de aspectos da estrutura gramatical de uma determinada língua (ou de uma variedade das línguas), usada por uma determinada comunidade de fala, localizada em um determinado espaço e num determinado tempo que encontramos a tarefa central da descrição linguística funcional. Na prática, primeiro identificamos as condicionais com base em uma clara equivalência semântica com sentenças de tipo "*se – então*", tal como apontado por Neves (2000), para, depois, buscarmos marcadores morfológicos, sintáticos e lexicais de tais sentenças, e, finalmente, identificarmos, por extensão, (a) frases com marcadores que não concordam semanticamente com condicionais e (b) frases que concordam semanticamente, mas não possuem tais marcadores (FERGUSON; REILLY; MEULEN; TRAUGOTT, 2009).

Uma língua pode ter uma construção condicional prototípica; pode ter um pequeno conjunto dessas construções; ou pode não ter essa marcação condicional de forma explícita. Além disso, as construções prototípicas podem variar em graus de uso. Por exemplo, as conjunções "se", do português, "*if*", do inglês, e "*si*", do latim, marcam a maioria das prótases das sentenças condicionais nessas línguas, e geralmente é possível usá-las para parafrasear outras sentenças semanticamente consideradas pelos falantes como condicionais. Para a marcação obrigatória da apódose em uma condicional, há indícios disso em línguas orais, segundo Haiman (1978), apenas no pidgin Tok Pisin, utilizado em Papua-Nova Guiné (SANKOFF; LABERGE, 1972, p. 41), por meio do uso de "bai" na oração principal como mostrado em (5):

(5)

[conditional clause] [main clause]
Sapos yu no lusim mi, **bai** mi kikim yu nau.

Se você não tivesse me deixado ir, eu teria largado você.

Mas o que são, de fato, construções condicionais? A tradição gramatical costuma associar a noção de condicionalidade às chamadas orações subordinadas adverbiais; assim, uma oração subordinada adverbial condicional expressa "a circunstância de que depende a realização do fato contido na oração principal", podendo apresentar, nas suas formas mais comuns, "um fato de realização impossível, [...], um fato cuja realização é possível, provável ou desejável [...]", ou, ainda, "desejo, esperança e pesar" (ROCHA LIMA, 2011, p. 346). Por sua vez, Bechara (2009, p. 274) define as condicionais hipotéticas como aquelas que iniciam oração que, "em geral", exprime ou uma "condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal", como se vê em (6), a seguir, ou "um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal", como se observa em (7):

(6)

"Se os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo".

(7)

"Se as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos".

Ainda nessa perspectiva, Azeredo (2011) associa, na língua portuguesa, as orações condicionais ao uso da conjunção "se", "caso" e "desde que", por meio das quais é expressa a atitude de *incerteza* do enunciador. O autor, além disso, destaca que o uso da conjunção condicional "se" pode introduzir ou fato real ou hipotético, associado a uma inferência ou consequência. Para as situações hipotéticas, separa-as em dois tipos:

> [...] aquelas que expressam a típica relação entre uma causa e um efeito hipotéticos e apresentam correlação obrigatória entre o tempo da oração

> subordinada e o da principal [...] e aquelas que apresentam liberdade na combinação dos tempos verbais e cuja oração principal contém uma inferência do que declara na oração subordinada (AZEREDO, 2011, p. 326).

Muitas vezes, nas gramáticas normativas de língua portuguesa, as orações condicionais são descritas com foco tão somente às conjunções que as introduzem e pela forma que se manifestam, ou seja, de modo desenvolvido ou reduzido[3] (cf., por exemplo, CUNHA; CINTRA, 2017, p. 212 e 613; ABREU, 2003, p. 147-148).

Todavia, o estudo das orações condicionais vai muito além da abordagem tradicional de como se manifestam estruturalmente e do tipo de conjunção usado. De acordo com Haiman (1978), a perspectiva lógico-filosófica para análise das relações condicionais, precursora desses estudos, foi utilizada unicamente durante muito tempo – e ainda é usada por muitos filósofos. Nessa perspectiva, a condicionalidade é definida nos termos desta Tabela de Verdade, que define a relação de "implicação material":

Tabela 1 – Tabela de Verdade das Relações Condicionais.

p	q	p ➡q
V	V	V
V	F	F
F	V	V
F	F	V

Fonte: traduzida de Haiman (1978, p. 577).

Essa tabela representa, portanto, a relação de verdade das condicionais estabelecida entre uma oração antecedente, representada por *p*, a que se acostumou chamar, na tradição, de

[3] Tradicionalmente, uma oração subordinada reduzida não é introduzida por conjunção e, usualmente, seus verbos são utilizados nas formas nominais; as desenvolvidas, em contrapartida, são aquelas introduzidas por uma conjunção (ou pronome relativo, no caso das relativas).

oração subordinada (ou, como vimos anteriormente, prótase), e uma oração consequente, representada por *q*, tradicionalmente chamada de oração principal (ou apódose). Essa relação, segundo Haiman (1978), mostra que uma oração complexa condicional só será falsa se seu antecedente for verdadeiro e o consequente, falso. Em todas as outras possibilidades, o resultado será uma condicional verdadeira.

Dessa forma, segundo o autor, produções como (8), a seguir, podem ser produzidas na língua, uma vez que têm tanto antecedente quanto consequente falsos:

(8)

Se Hitler foi um gênio militar, eu sou tio de um macaco.

Para Haiman (1978), nenhuma conexão real, seja lógica ou causal, é obtida entre prótase e apódose nesse exemplo; quer dizer, o fato de Hitler não ter sido um gênio militar não implica ou causa o fato de eu não ser "tio de um macaco". A possibilidade de se aceitar essa realização advém, portanto, da relação de ambas as sentenças com o contexto pragmático de enunciação. Essa sentença é, assim, um exemplo de uma condicional que pode ser realizada quando o antecedente e o consequente são falsos.

Mas a abordagem de Haiman sobre as condicionais não se estabelece em uma explicação centrada, filosoficamente, nos valores de verdade. Até mesmo porque, sob a perspectiva da Linguística, percebemos que os usuários da língua, sejam eles falantes ou sinalizantes, requerem muito mais do que a identificação de valores de verdade ideais para identificarem estruturas condicionais como bem formadas; mais do que isso, eles buscam identificar conexões entre as orações que apresentam as entidades e estados de coisas relacionados por meio da condicional (SWEETSER, 2002). Sendo assim, as condicionais não

pertencem a esse domínio "estático da lógica matemática"[4], e sim a um domínio discursivo, que considera, sempre, o contexto em que se insere a sua realização, bem como as atitudes do falante. É o que se observará na subseção a seguir.

2.2.2 Da relação entre tópicos e condicionais

O trabalho de Haiman ganha notoriedade com relação à análise e à descrição das condicionais, na medida em que advoga que estas podem ser consideradas *tópicos* de suas orações. Haiman (1978) afirma que a primeira vez que se discutiu algo nesse sentido foi em Ramsey (248), que disse: "se duas pessoas estão discutindo sobre 'se *p*, será *q*?', e ambas estão em dúvida sobre *p*, *eles estão adicionando p hipoteticamente ao seu estoque de conhecimento*, e argumentando *nessa base* sobre *q*[5]" (HAIMAN, 1978, p. 590, grifos do autor). Em outras palavras, quer-se dizer que, se duas pessoas estão discutindo sobre um assunto levantado na prótase, mas estão em dúvida sobre ele, então, elas incluem o assunto da prótase em seu conhecimento de mundo, para, a partir disso, hipoteticamente, discutir sobre o conteúdo que está na apódose.

Ducrot (1973), em um trabalho anterior ao de Haiman (1978), afirma que o falante, quando usa uma oração condicional, está pedindo ao seu ouvinte que aceite, por algum tempo, uma proposição *p*, que provisoriamente se torna o pano de fundo para a construção do discurso

---

[4] O que não quer dizer que as relações lógicas não existam nem ainda sejam usadas por pesquisadores.
[5] "If two people are arguing about 'if p, will q', and are both in doubt about p, THEY ARE ADDING P HIPOTHETICALLY TO THEIR STOCK OF KNOWLEDGE, and arguing ON THAT BASIS about q".

– em particular, para a proposição consequente. Significativamente, a hipótese, uma vez dada, é considerada um tema[6] (DUCROT, 1973, p. 265).

Para Haiman (1978), Ducrot tenta caracterizar a noção de relevância invocando uma lei da conversação que ele chama de “lei da exaustividade”, de acordo com a qual, ao falarmos sobre um assunto, damos ao nosso interlocutor a informação mais importante (ou forte – “*strong*") que temos. Assim, se B é verdadeiro em qualquer situação, que sentido há em anunciar que B é verdadeiro apenas *no caso de* A? Isso acontece tendo em vista que uma oração condicional representa um mundo possível no qual uma proposição é verdadeira. Logo, uma vez que o número de mundos possíveis é infinito, a condicional é *selecionada* entre eles.

Haiman (1978), ao renunciar a análise que se resume a observar os valores de verdade, discute que, quando se categorizam frases como verdadeiras ou falsas, não se prevê a existência de ocorrências como:

(9)

Se você é tão inteligente, por que não é rico?

(10)

Se você é tão inteligente, corrija você mesmo.

(11)

Se você estiver com fome, há comida na geladeira.

---

[6] Neves (2003, p. 129) distingue, com base em Dik (1997), os conceitos de tópico e tema, sendo o primeiro intraoracional (portanto, com algum estatuto sintático), e o segundo, extraoracional, quer dizer, tem função na orientação discursiva, e não na orientação da oração.

De acordo com o autor, nesses tipos de ocorrências, o consequente é interpretado não com base em sua verdade, mas com base em sua adequação no mundo definido pela oração condicional.

Nesse sentido, uma oração condicional é (talvez apenas hipoteticamente) uma parte do conhecimento compartilhado pelo falante e seu ouvinte. E, sendo assim, constitui a estrutura que foi selecionada para dar margem ao que vem depois no discurso (NEVES, 2000). É assim que Haiman (1978) traz à tona a noção de identificação entre as condicionais e os tópicos.

Vale dizer que a noção de tópico abrange muitos conceitos, sob diferentes pontos de vista. E muitas das questões que convergem nesse sentido estão relacionadas à forma como a informação é veiculada no discurso. Nesse sentido, o tópico, segundo Haiman (1978), pode ser tomado a partir de duas perspectivas: (a) a de que caracteriza aquilo *sobre* o que o emissor está falando, no sentido daquilo que Halliday (1967) nomeia como "*aboutness*"; e (b), a que relaciona o tópico à veiculação de informação dada (ou compartilhada).

E é justamente nesse ponto que muitos autores entram num "embate" com Haiman, tendo em vista que este assume, a partir dos dados analisados em Hua, a relação entre informação dada e tópico e, consequentemente, segundo sua visão, a veiculação de informação dada pela prótase da oração condicional.

Por exemplo, Akatsuka (1986), diferentemente de Haiman (1978), ao não considerar a correlação entre tópico e informação dada, evidencia a necessidade de distinguir tópicos de contraste dos tópicos de retomada. A autora entende que os dois tipos de tópico seguem a perspectiva de versarem *sobre* aquilo que o emissor está falando – ou seja, no sentido de *aboutness*, e não no sentido de *giveness*.

Apesar de não ter as condicionais como foco, Lambrecht (1994) vai ao encontro de Dik (1989) e parece concordar, duplamente, com as noções de tópico apresentadas tanto por

Haiman (1978) quanto por Akatsuka (1986[7]), uma vez que considera que é sobre o tópico de uma oração que a proposição expressa pela sentença é construída. Desse modo, o referente da oração só pode ser considerado como tópico se, em um determinado contexto discursivo, ele apresentar uma informação relevante que "aumente" o conhecimento do interlocutor sobre esse mesmo referente. É por essa razão que Lambrecht (1994) afirma que o tópico de uma oração só é estabelecido pela relação entre um referente e uma proposição. Isso quer dizer que o tópico deve estar relacionado com a pressuposição pragmática suscitada pela construção da oração dentro do discurso. Nesse sentido, diz Lambrecht (1994, p. 150) que:

> Uma vez que o tópico é a "questão de interesse atual" sobre o qual novas informações são adicionadas a um enunciado, para uma proposição ser construída como "sendo sobre" um referente tópico, esse referente deve evidentemente ser parte de uma pressuposição pragmática já estabelecida, ou seja, ela já deve estar "em discussão" ou, de qualquer outra forma, estar disponível a partir do contexto[8] (tradução nossa).

Desse modo, o tópico é considerado como um constituinte que tem a função de selecionar e ativar um elemento existente na memória do interlocutor, enviando-o para a memória ativa, o que permite que possa ser combinado com novos elementos cognitivos que são introduzidos pelo constituinte focal. De qualquer modo, os referentes dos tópicos devem estar acessíveis ao interlocutor, sendo acessados seja por meio do discurso anterior, seja por meio do contexto em que o texto é produzido e interpretado – e é nesse sentido que Lambrecht (1994) estabelece um ponto de convergência com as duas posições adotadas por Haiman (1978) e debatidas por Akatsuka (1986).

---

[7] Versão publicada em 2009.

[8] "[...] since the topic is the already established «matter of current concern» about which new information is ADDED in an utterance, for a proposition to be construable as being about a topic referent this referent must evidently be part of the pragmatic presupposition, i.e. it must already be «under discussion» or otherwise available from the context".

Lambrecht (1994, p. 144-147) enfatiza, por exemplo, que tópico e sujeito gramatical não apresentam, obrigatoriamente, uma relação de correspondência entre si. Imaginemos uma situação em que fosse proferida a seguinte realização:

(12)

O meu amigo, ele está desempregado.

Nesse caso, "o meu amigo" é o tópico da sentença, cuja função é localizar, para o interlocutor, o elemento sobre o qual se está fazendo referência. O sujeito gramatical da sentença, por sua vez, é "ele", pronome que recupera o tópico apresentado.

Assim, o falante/sinalizante toma uma decisão comunicativa ao realizar a seleção do tópico da oração, ou seja, ele determina uma espécie de "ponto de partida" para o referente sobre o qual pretende veicular uma informação. Todavia, essa decisão do falante para a seleção de um referente tópico está condicionada por aquilo que ele supõe que esteja ativado na mente do ouvinte no momento em que a unidade informacional é realizada (LAMBRECHT, 1994).

Assumimos, assim, com Lambrecht (1994, p. 345), que o tópico encerrado pelas orações condicionais está diretamente relacionado à parte da informação que o falante/sinalizante pressupõe que é compartilhada entre ele e o seu interlocutor, ponto de partida para a realização de sua contraparte, ou seja, da asserção desenvolvida no constituinte focal, que contém a "parte da informação que o locutor assume não ser compartilhada entre ele e o interlocutor […]". Sobre isso, Barbosa (2005, p. 341) afirma que o foco está relacionado com a "ideia de novidade", ou seja com "a informação que contrasta de algum modo com porções da informação antecedente, pré-existente, no contexto de enunciação (*background*)".

Vale ressaltar que Lambrecht (1994) caracteriza o constituinte focal como aquele que considera uma situação que não está previsível nem recuperável no contexto, mas não pelo

fato de o referente/entidade não ter sido apresentado no discurso, e sim porque essa novidade informacional é veiculada por intermédio da *relação* estabelecida entre os diversos elementos e proposições em que estão inseridos (sendo chamada de "relação focal"), não tendo nada a ver a atribuição das propriedades “novo” e “dado” aos conteúdos. Assim, assumimos, ainda, com Lambrecht (1994), que o foco pode pôr em evidência constituintes que veiculem diferentes tipos de informação (como nova, dada e inferível, que veremos adiante), de modo que o que garante a relação de novidade que lhe é inerente é a sua *relação* com a contraparte pressuposta da oração. Em nossa análise, essa relação é importante sobretudo porque pode estar relacionada à posição dos constituintes da sentença, que discutimos na subseção a seguir.

2.2.3 Sobre a posição das orações condicionais

Como mencionamos na Subseção 2.2.1, em muitas línguas, as orações condicionais podem se organizar, sintaticamente, sob a forma anteposta, quer dizer, com a prótase antecedendo a apódose (*se p, q*), ou sob a forma posposta, com apódose antecedendo prótase (*q, se p*).

Ford e Thompson (1986[9]) analisam a posição das orações condicionais considerando a veiculação de informação dos constituintes que as compõem, ou seja, identificando os tipos de relações que as antepostas mantêm com o que foi dito anteriormente e que as pospostas mantêm com o discurso subsequente. Nesse sentido, as autoras consideram importante observar que o tópico, que veicula conhecimento compartilhado entre os

[9] A versão usada foi publicada em 2009.

participantes do ato discursivo, serve de pano de fundo para o conteúdo subsequente (função que Haiman (1978) também atribui às condicionais).

Assim, diante do que foi exposto até aqui, podemos salientar dois elementos de análise que se complementam para a posição nas condicionais: por um lado, a distinção entre dado e novo no fluxo informacional discursivo e, por outro, a forma como essa articulação (entre asserção e pressuposição) é realizada nas orações condicionais.

Ford e Thompson, então, observam as condicionais considerando como elas funcionam em relação ao material do discurso anterior e posterior, na tentativa de relacionar essas funções à definição do tópico de Haiman (1978). Desse modo, a partir de textos escritos do inglês, as autoras identificam quatro tipos de tópicos em orações condicionais pospostas, os quais também são assumidos por nós, na seção de análise. O primeiro tipo, segundo as autoras, é o mais óbvio deles: quando a oração condicional carrega o conhecimento compartilhado por meio da *repetição* de uma afirmação anterior, representada pela fórmula "*X. Considerando X, então Y*[10]". Hirata (1999, p. 43) exemplifica esse caso, a que nomeia **tópico de retomada**, com o seguinte exemplo retirado de seu córpus em língua portuguesa:

(13)

> Essa doutrina nega que o desenvolvimento mental consista meramente em um processo de desdobramento, ou que a mentalidade se desenvolva no vazio. (...) Ao contrário afirma que as condições de seu cultivo são por si mesmas parte integrante do processo. **Se essa teoria não fosse verdadeira**, seria necessário abandonar a idéia de que a educação é algo mais que aquisição de informação (grifo da autora).

[10] "X. Assuming X, then Y" (FORD; THOMPSON, 1986, p. 356).

No exemplo dado por Hirata (1999), a prótase “se essa teoria não fosse verdadeira” retoma a “doutrina” mencionada anteriormente; assim, a oração condicional, tópico da sentença que encerra a citação, funciona como tópico, retomando um conteúdo já dito e, portanto, partilhado entre emissor e receptor.

O segundo modo, de acordo com Ford e Thompson (1986), pelo qual uma oração condicional atua como tópico, veiculando informação compartilhada para o discurso subsequente, é aquele em que há um **contraste** com uma afirmação anterior, simbolizado pela fórmula “*X. Mas se não X, Y*[11]”. Hirata (1999, p. 44) assim exemplifica esse contraste com um exemplo em português:

(14)

> Essa “tendência para antropomorfizar”, utilizando as palavras de P. Veyne, o produto do trabalho humano decorre, como vimos no primeiro capítulo, da própria ambigüidade essencial do artefato: a um só tempo faz parte do universo físico, enquanto matéria, e humano, enquanto produto do trabalho e mediador das relações sociais. No entanto, **se considerarmos que o motor da modificação tipológica se encontra na dinâmica das relações sociais e econômicas – como na década de 70 propuseram Klein, Binford e Schiffer** – então a concepção de desenvolvimento endógeno do artefato representa fetichização.

Em casos como o acima, um contraste hipotético com relação ao discurso precedente é articulado pela prótase, de modo que a apódose apresenta um novo resultado, resultante dessa situação hipotética.

O terceiro tipo de situação em que uma condicional anteposta pode fornecer uma "moldura" de informação compartilhada para o discurso subsequente é aquele em que ela

---

[11] “X. (But) if not X, then Y” (FORD; THOMPSON, 1986, p. 357).

assume um papel de **exemplificação**. Esse tipo de condicional introduz um caso particular ou exemplo de uma generalização feita anteriormente. A fórmula esquemática para esta função seria, segundo as autoras, "*Generalização. (Por exemplo) se X, então Y*[12])". Aqui, apresentamos o exemplo dado por Ford e Thompson (1986, p. 357):

(15)

> The whole philosophy of economic nationalism, which is now universal throughout the world, is based upon the false belief that the economic interest of one nation is necessarily opposed to that of another . . . **If you try to explain to someone, say, in the steel industry, that possibly prosperity in other countries might be advantageous to him**, you will find it quite impossible to make him see the argument, because the only foreigners of whom he is vividly aware are his competitors in the steel industry[13] (grifo nosso).

Como pode ser percebido, a condicional anteposta estabelece uma relação de compartilhamento de informação apresentando um exemplo (a indústria do aço) da generalização realizada anteriormente (economia nacionalista).

O quarto tipo de situação em que uma oração condicional pode servir de tópico para o discurso subsequente, de acordo com Thompson e Ford (1986), não apresenta uma relação direta com o discurso anterior, mas estabelece novas possibilidades, explorando-se opções disponibilizadas anteriormente. Isso pode ser representado pela fórmula "*X. Se opção Y, então Z*"[14]. Hirata (1999, p. 44) caracteriza esse tipo como sendo um tópico de **alternativa** ou de **opção**, e exemplifica oferecendo-nos o seguinte dado:

---

[12] "Generalization. (For example) if X, then Y" (FORD; THOMPSON, 1986, p. 357).
[13] "Toda a filosofia do nacionalismo econômico, que agora é universal em todo o mundo, é baseada na falsa crença de que o interesse econômico de uma nação é necessariamente oposto ao de outra. . . *Se você tentar explicar a alguém, digamos, na indústria do aço, que possivelmente a prosperidade em outros países pode ser vantajosa para ele*, você descobrirá que é totalmente impossível fazê-lo entender o argumento, porque os únicos estrangeiros de quem ele tem plena consciência são seus concorrentes na indústria do aço" (tradução nossa).
[14] X. If Option Y, then Z.

(16)

> Mané Gorila: Ontem mesmo dei dez contos do meu bolso pra comprar bancos pra escolinha lá do morro. **Se vocês ficassem aqui**, eu era até capaz de fazer uma escola aqui também. É preciso ensinar essas crianças a ler. Sem saber ler elas não vão poder votar amanhã (grifo da autora).

Vale ainda ressaltar que, apesar de estabelecerem as condicionais antepostas como sendo a forma não marcada de realização desse tipo de sentença para o inglês, Ford e Thompson (1986) reconhecem a possibilidade de acontecer a ordem inversa, ou seja, de a prótase aparecer depois da apódose. É nesse sentido que se estabelece uma divergência ao proposto por Haiman (1978). Para as autoras, nesse caso, a oração condicional posposta não apresenta um conhecimento partilhado de forma tão marcante. Embora não tratem especificamente do estatuto informacional das condicionais, mas da posição em que elas aparecem e da relação que têm com os discursos antecedentes e subsequentes, Ford e Thompson (1986) não consideram as condicionais pospostas como tópicos de suas sentenças, na medida em que não apresentam uma conexão clara, de conhecimento compartilhado, entre os discursos antecedente e consequente.

Nesse sentido, Hirata (1999) afirma que as condicionais pospostas podem funcionar como adendos. Isso significa dizer que as condicionais podem desempenhar a função de *afterthought* (CHAFE, 1984), ou seja, de se referirem a conteúdos novos depois de uma aparente conclusão do enunciado. Com base em seus dados, Hirata (1999) mostra, assim, que as condicionais podem assumir a função de **adendos restritivos**, na medida em que restringem o significado da oração núcleo, ou de **adendos ampliadores**, ampliando ou generalizando o significado da oração núcleo. Vejam-se os exemplos a seguir:

(17)

> Não teremos compreendido o fenômeno que se evidenciou em termos políticos **se não tivermos a coragem de enfrentar os problemas fundamentais para o país** (HIRATA, 1999, p. 133, grifo da autora).

(18)

> Mané Gorila: Anjinho vai pro céu garantido, seu Justino. E o que vai pro céu deve levar boa informação da gente.
>
> Justino: Tava pensando... **se o senhor não se ofende,**
>
> **aquele dinheiro que eu lhe dei...**
>
> Mané Gorila: O que é que tem?
>
> Justino: **Se o senhor pudesse devolver**... (HIRATA, 1999, p. 135, grifos da autora).

De acordo com Neves (2018, p. 1325), um adendo pode ser considerado como uma "expressão que se pospõe a um enunciado após fazer-se entender que ele estaria concluído". Em (17), a oração condicional é expressa nesse sentido, ou seja, realiza-se como uma ressalva à oração núcleo, como um adendo informacional restritivo; assim, a necessidade de se "ter a coragem de enfrentar os problemas fundamentais para o país", conteúdo da condicional, denota uma avaliação feita pelo falante em relação ao conteúdo da oração principal, delimitando-a.

A função de adendo ampliador pode ser identificada em (18), por meio das orações condicionais que não se relacionam explicitamente a uma oração principal. Hirata (1999) advoga que, em virtude de serem deixadas "em aberto", apresentam a função de ampliar ou de generalizar o significado do enunciado que as precede.

Dessa forma, assumimos, com Ford e Thompson (1986) e Hirata (1999), que a posição das orações condicionais está diretamente relacionada com a função que estabelecem dentro do discurso.

2.2.4 Sobre as relações semânticas e pragmáticas nos domínios de usos das condicionais

As orações condicionais são também analisadas sob a perspectiva cognitivista elaborada por Sweetser (2002), que aborda como as construções condicionais do inglês, introduzidas pela conjunção *if*, podem ser interpretadas a partir de três domínios semânticos e pragmáticos diferentes: o domínio de conteúdo, o domínio epistêmico e o domínio de atos de fala. Seu trabalho serve como mais uma reflexão sobre a pesquisa inicial de Haiman (1978), questionando a relação entre condicionais e tópicos, bem como as características dessas construções em usos linguísticos reais.

Para Sweetser (2002), por exemplo, os falantes exigem muito mais do que a identificação de valores de verdade para aceitar uma condicional como "bem formada" em suas línguas em uso; o que eles exigem, de fato, é uma conexão entre as duas orações dentro do ato discursivo. Desse modo, a autora põe em foco o grau e a natureza da identificação dessa conexão, de forma a propor que a condicionalidade apresenta sentidos diferentes no uso de cada um dos três domínios acima citados. Além disso, com relação à noção de tópico, Sweetser (2002) também o considera como uma "moldura", que vai dar base ao conteúdo subsequente da oração condicional. No entanto, ela não o relaciona à informação dada, no sentido de já ter sido mencionado anteriormente no discurso ou no sentido de que o falante pressuponha que seu conteúdo já esteja disponível na mente do seu ouvinte. Para a autora, a prótase, quando anteposta, tem um sentido de conhecimento dado na medida em que o seu conteúdo precede qualquer consideração sobre aquilo que é veiculado pela apódose, mesmo que contenha um valor hipotético. É nesse sentido, então, que a pesquisadora propõe a categorização das condicionais em três domínios diferentes, focando, sobretudo, a relação estabelecida entre prótase e apódose.

O primeiro domínio que Sweetser (2002, p. 114) estabelece em sua pesquisa é o do *conteúdo*; neste domínio, a relação condicional *if-then* indica que a realização do evento ou do estado de coisas descrito na prótase é uma condição suficiente para a realização do evento ou estado de coisas descrito na apódose. Para exemplificar essa noção, recorremos ao exemplo clássico da autora:

(19)

If Mary goes, John will go[15].

Em (19), temos que, se o estado de coisas do mundo real incluir a partida de Mary, isso também incluirá a partida de John. Logo, a conexão entre antecedente e consequente pode ser considerada causal, uma vez que a partida de Mary pode trazer ou viabilizar a partida de John, ou Mary não partirá, porque John também não partirá.

Ainda com relação às condicionais do domínio de conteúdo, Oliveira e Hirata (2017) afirmam que estas são o tipo mais básico e menos subjetivo de condicional, na medida em que nelas estão presentes "traços da causalidade que se marcam especialmente pelo modo como os eventos estão dispostos, implicando uma determinada sequencialidade" (p. 303). Tendo seu significado mais próximo da zona da causalidade, essas condicionais veiculam seu significado sobre uma situação concreta.

O segundo domínio proposto por Sweetser (2002) é o *epistêmico*, para o qual se observa se o conhecimento da verdade da premissa hipotética expressa na prótase é uma condição suficiente para concluir a verdade da proposição expressa na apódose. Para facilitar o

---

[15] *"Se Mary for, Jhon irá".*

entendimento dessa relação, a autora propõe que se pense na seguinte sentença: “Se eu sei [conteúdo da prótase], então eu posso concluir que [conteúdo da apódose]”. Isso é ilustrado pelo seguinte exemplo dado pela autora:

(20)

If she's divorced, (then) she's been married.[16]

Nesse caso, em que se percebe que ambas as condicionais são verdadeiras, é estabelecida uma relação de implicação de conhecimento sobre o conteúdo das proposições, ou seja, o conhecimento de que a proposição “ela se divorciou” é verdadeira é uma condição suficiente para garantir que se possa concluir que o conteúdo da proposição “ela foi casada” também é verdadeiro. Um outro exemplo dado pela autora é o seguinte:

(21)

If John went to that party, (then) he was trying to infuriate Miriam.[17]

Em (21), aparentemente, não conseguimos estabelecer uma conexão lógica entre os estados de coisa abordados na prótase e na apódose. Essa relação é estabelecida, então, epistemicamente, quer dizer, o falante ativa, em sua mente, o seu conhecimento sobre o assunto em questão e pressupõe que seu ouvinte já sabe do que ele está falando, de modo que a relação de verdade está relacionada a essa suposição de conhecimento. Assim, “John foi a essa festa” é

[16] “Se ela se divorciou, (então) ela foi casada” (SWEETSER, 2002, p. 116).
[17] “Se John foi a essa festa, (então) ele estava tentando enfurecer a Miriam” (SWEETSER, 2002, p. 116).

tomado como verdade, sendo suficiente para concluir que “ele estava tentando enfurecer Miriam” também é (SWEETSER, 2002).

Nesse caso, consideramos, assim, que um dos interlocutores *sabe* que John foi à festa e *conclui* que ele foi lá para enfurecer Miriam. Isso só se confirma por se estabelecer que o nexo de causalidade não está no nível do conteúdo, e, sim, no nível epistêmico; ou seja, é o conhecimento que causa a conclusão.

De acordo com Sweetser (2002), as condições epistêmicas são, não surpreendentemente, as que mais se aproximam da estrutura formal-lógica *se-então*; elas expressam nossa compreensão de nossos processos de raciocínio lógico e, portanto, refletem em certa medida as mesmas estruturas inerentes a uma compreensão mais formal da lógica. Todavia, elas também se diferem dessas estruturas puramente formais, na medida em que se observa que os valores de verdade encerrados por prótase e apódose, apesar de necessários, não são suficientes para garantir, nos termos de Austin (1962), a *felicidade* de uma condicional epistêmica mais do que a de uma condicional de conteúdo. As condicionais epistêmicas devem ter alguma relação presumida entre as duas orações.

Oliveira e Hirata-Vale (2017), sobre as condicionais do domínio epistêmico, afirmam que o significado dessas construções está fundamentado na avaliação que o falante faz de uma situação interna ou cognitiva e que, por essa razão, é mais subjetivo do que as condicionais que se encontram no nível do conteúdo. Sendo assim, elas são o resultado de uma suposição do falante, que estabelece uma relação hipotética entre os dois fatos descritos na prótase e apódose. As pesquisadoras afirmam que se deve fazer a seguinte leitura sobre as condicionais epistêmicas: “considerada a verdade do fato condicionante, eu concluo o fato principal” (OLIVEIRA; HIRATA-VALE, 2017, p. 303).

O terceiro domínio proposto por Sweetser (2002) é o das condicionais que veiculam **atos de fala**. Nesse domínio, a oração condicional valida o ato de fala expresso na oração principal, como se pode perceber no exemplo a seguir:

(22)

Se você tiver fome, há comida na geladeira.

Como podemos perceber, em (22), o fato de a pessoa ter fome não está condicionado ao fato de haver comida na geladeira. Assim, a interpretação para essa sentença é a seguinte: se você estiver com fome, então (considerando isso) eu informo que há comida na geladeira. O ato de informar o ouvinte sobre a presença de comida na geladeira é relevante apenas no caso de o falante estar supondo que o seu interlocutor está com vontade de comer. Portanto, mesmo que o falante não tenha declarado uma condição exigindo uma noção de relevância ou informatividade, a condição "se você estiver com fome" nos apresenta a condição suficiente para fazer a declaração anterior – e, igualmente, para a oferta inerente à declaração. Uma leitura melhor para este exemplo no nível dos atos da fala poderia ser: "Por meio deste, ofereço a você comida, que está na geladeira, se assim você quiser". Dada essa leitura, o estatuto do ato de fala se apresenta de modo ainda mais claro: a oferta está condicionada à sua potencial aceitação pelo ouvinte.

Em síntese, as condicionais que estão sob o domínio dos atos de fala criam um pano de fundo (*background*) para a relevância de um ato de fala, de modo que o significado está assentado sobre as atitudes do falante com relação ao evento da fala e ao ouvinte. Oliveira e Hirata-Vale (2017) consideram que, nessas condicionais, o grau de intersubjetividade é ainda maior do que o estabelecido entre as condicionais epistêmicas e de conteúdo, de forma que a

noção de causalidade, embora ainda presente, já está bem mais diluída. De acordo com as autoras, nas condicionais de atos de fala "o falante demonstra ater-se a todas as normas pragmáticas e convenções sociais, ao evitar enunciar um ato que, por alguma razão, possa ser questionado no contexto da fala" (p. 304). Ademais, ainda afirmam que se deve ter a seguinte leitura para esse tipo de condicional: "considerada a situação condicionante, enuncia-se esse ato".

Além dos três domínios estabelecidos por Sweetser (2002) para as condicionais, há, ainda, um quarto, proposto por Dancygier (2003): o **metatextual**; neste domínio, há sobretudo, uma identificação com a posição de prótase e apódose, que tende a ser invertida (ou seja, a apódose está anteposta à prótase), de modo que a função assertiva é desempenhada pela apódose, e a prótase é quem introduz uma informação sobre algo descrito na apódose. Dancygier (2003, p. 104) apresenta os seguintes exemplos:

(23)
He trapped two mongeese, if that's how you make a plural of "mongoose"[18].

(24)
He trapped two mongeese, if "mongeese" is the right form[19].

(25)
Grandma is feeling lousy, if I may put it that way[20].

(26)
Grandma is feeling lousy, if that's an appropriate expression[21].

(27)
Chris managed to solve the problem, if solving it was at all difficult for him[22].

---

[18] "Ele prendeu dois 'mongeese', se é assim que você transforma o plural de 'mongoose' (um tipo de suricato)". Aqui, a tradução fica estranha, porque o jogo entre as palavras "mongoose" e "mongeese" está relacionado ao plural do inglês, em paralelismo, por exemplo, com o que ocorre com "goose" (ganso), cujo plural é "geese" (gansos).
[19] "Ele capturou dois 'mongeese' (suricatos), se 'mongeese' for a forma correta".
[20] "A vovó está se sentido se sentindo 'lousy' (péssima), se eu puder colocar dessa forma".
[21] "A vovó está se sentido se sentindo 'lousy' (péssima), se essa for uma expressão apropriada".
[22] "Chris conseguiu solucionar o problema, se solucionar tenha sido de qualquer modo difícil para ele".

(28)

Chris managed to solve the problem, if "manage" is the right word.[23]

(29)

The Queen of England is happy, if not ecstatic[24].

(30)

John was born in Philadelphia, if that's where they keep the Liberty Bell[25].

Nessas sentenças, os conteúdos enunciados nas orações principais, todas antepostas, apresentam um determinado pensamento de uma determinada maneira. O falante, no entanto, não tem certeza se escolheu a expressão certa para interpretar um aspecto do enunciado – seja referente à forma ou à interpretação. Para marcar a falta de certeza, ela acrescenta ao enunciado uma oração expressando sua dúvida sobre uma parte do texto. A oração condicional, então, pode destacar o fragmento em questão, repetindo-o – como acontece em (24) e em (28) –, ou referindo-se a ele anaforicamente – como, por exemplo, o uso dado em (26). Pode também oferecer uma expressão potencialmente mais apropriada, como em (29), ou explicar as razões pelas quais o falante não tem certeza se a expressão é apropriada – este é o caso em (23), (27) e em (30).

Dancygier (2003) diz que muitos confundem as condicionais metatextuais com as condicionais de atos de fala; no entanto, a diferença entre elas reside principalmente no fato de que, nas condicionais metatextuais, o falante comenta o seu próprio enunciado, e o comentário segue o enunciado na mesma construção. A autora afirma, ainda, que as condicionais de atos de fala e as metatextuais diferem com relação à preferência de ordenação sintática: as primeiras são mais frequentemente usadas com a condicional anteposta à principal, enquanto as

---

[23] "Chris conseguiu solucionar o problema, se 'conseguir' for a palavra correta".
[24] "A Rainha da Inglaterra está feliz, se não em êxtase".
[25] "Jhon nasceu na Filadélfia, se for lá que eles guardam o Sino da Liberdade".

metatextuais são tipicamente utilizadas após a oração principal (*p, se q*), sobretudo pela sua função semântico-pragmática de referir-se a algo já mencionado no discurso, de forma anafórica ao próprio domínio textual.

Oliveira e Hirata-Vale (2017) referem-se às condicionais metatextuais sobretudo com relação ao fato de o significado dessas sentenças estar baseado na situação textual e metalinguística, de modo que, "à medida que se torna altamente embasado na avaliação do falante em relação à interação, o significado condicional se torna cada vez mais intersubjetivo". As autoras propõem, então, a seguinte leitura para as condicionais metatextuais: "considerado determinado elemento do discurso, enuncia-se esse ato" (p. 304).

Assim, ao olhar-se para os quatro domínios das condicionais, pode-se perceber que, embora todas criem uma relação de causalidade entre prótase e apódose, essa relação tende a se tornar mais subjetiva e abstrata, na medida em que se pode estabelecer um *cline*, proposto por Oliveira (2019, p. 208): "conteúdo > epistêmicas > atos de fala > metatextuais". Esse *cline* revela que as condicionais de conteúdo são, portanto, o tipo mais básico das condicionais, em que os traços de causalidade se marcam sobretudo pela predição, que é "a propriedade da condicional de projetar uma consequência a partir de um evento ou proposição dado"; a interpretação de causa vai se perdendo, à medida que o significado da condicional se torna mais subjetivo e abstrato.

Em nossa análise, observamos nossos dados assumindo os tipos de usos estabelecidos por Sweetser (2002) e Dancygier (2003), considerando, ainda, o *cline* de relação causal das condicionais proposto por Oliveira (2019).

2.2.5 Sobre os graus de hipoteticidade

A interpretação das condicionais segundo os modelos de Sweetser (2002) e Dancygier (2003) privilegia o plano de interpretação pragmática e caminha paralelamente às pesquisas que investigam as proposições codificadas pela prótase e apódose dentro de uma construção condicional.

Há, todavia, a possibilidade de avaliar a relação entre as orações que compõem a sentença condicional considerando o grau de hipoteticidade estabelecido. Nesse sentido, Comrie (1986) considerava esse um dos aspectos mais importantes para a análise das condicionais, na medida em que faz uma relação com o grau de potencialidade de realização dos estados de coisas. Com base em uma comparação tipológica (de línguas faladas) e seguindo essa interpretação, Comrie (1986) afirma que os conjuntos de condicionais resultantes dessa comparação são, por um lado, as condicionais que têm um maior grau de hipoteticidade, o que significa que a probabilidade de realização delas é muito baixa. Por outro lado, existem condicionais com baixa hipoteticidade, cuja probabilidade de realização é muito alta.

É sob esse prisma que se tem costumado identificar, em diferentes línguas orais, três tipos de condicionais: factuais, potenciais (ou hipotéticas) e contrafactuais. Esses tipos referem-se, então, aos diferentes graus de hipoteticidade da verdade (e, consequentemente, da probabilidade de realização) das proposições envolvidas. Isso quer dizer que uma sentença factual representa uma relação com um menor grau de hipoteticidade; em contrapartida, uma condicional contrafactual representa o menor grau de probabilidade de realização, o que acarreta um maior grau de hipoteticidade; a condicional potencial (ou eventual) se estabelece num “meio termo” entre esses dois extremos, ou, como afirma Oliveira (2008, p. 92), combina não factualidade com não pressuposição – diferentemente das condicionais contrafactuais que se caracterizam por conter traços de não factualidade e pressuposição. Assim, a diferença

principal entre eventuais e contrafactuais é que “nas condicionais eventuais, o conteúdo da condicional é concebido como incerto, ao passo que nas condicionais irreais [ou contrafactuais] esse conteúdo é concebido como irreal” (OLIVEIRA, 2008, p. 92).

Neves (2000, p. 832) apresenta o seguinte exemplo, em português, para ilustrar uma condicional factual:

(31)

SE tudo está desse jeito, eu não posso confiar.

Nesse sentido, de acordo com a autora, dada a realização da oração condicionante, ou seja, da prótase, segue-se, necessariamente, a realização da oração condicionada. Em (31), então, o que importa não é a verdade de que “tudo está desse jeito” e que “ele não pode confiar”, seguindo uma perspectiva da lógica, e, sim, aquilo que o falante afirma (ele afirma “que tudo está desse jeito”, esteja ou não esteja “desse jeito” na realidade) e que isso condiciona um “fato” – o fato de que “não pode confiar” (NEVES, 2000, p. 837).

Por outro lado, nas contrafactuais, uma vez dada a não realização da oração condicionante, segue-se a não realização da oração condicionada necessariamente. Veja-se, o exemplo dado por Neves (2000):

(32)

Pois olhe, SE o Natel tivesse escolhido o secretariado logo que saiu a indicação, a essas horas ele seria o governador eleito de São Paulo.

São fatores importantes, para o português, por exemplo, o tempo e o modo verbais, que corroboram a interpretação de não factualidade. Em (32), está dado que "Natel" não "escolheu o secretariado logo que saiu a indicação"; sendo assim, a combinação entre pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo (*tivesse escolhido*) e futuro do pretérito do indicativo (*seria*) acaba por realçar a noção de contrafactualidade da condicional.

Em outras palavras, Neves (2018, p. 919) afirma, por exemplo, que a correlação verbal na construção contrafactual contribui para a sua percepção, tendo em vista que há, em geral, na oração condicional, "um pretérito imperfeito ou um pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo" e em sua contraparte, na oração principal, "um futuro do pretérito, simples ou composto". Assim, no português, uma característica exclusiva das contrafactuais é o tempo pretérito mais-que-perfeito, uma vez que, por si só, introduz a noção de condição não realizada, sejam quais forem os tempos e modos verbais utilizados nas orações principais; com relação à oração principal das contrafactuais, é o futuro do pretérito que garantiria, assim, a noção de condição não preenchida. É o que se vê nos exemplos retirados de Neves (2018, p. 925):

(33)

*"Seria um trailer espaçoso**, se houvesse sobrado algum espaço entre os tonéis de ferro e caixotes acumulados**." (grifos da autora)*

(34)

*"**Se eu tivesse feito qualquer coisa** não teria sobrado ninguém pra te contar a história"*

Por fim, as condicionais eventuais, também chamadas potenciais, são, de acordo com Neves (2000, p. 842), aquelas em que a prótase "repousa sobre a eventualidade", quer dizer, na apódose o enunciado é tomado como certo, "desde que eventualmente satisfaça a condição enunciada". Em outras palavras, elas podem ser definidas como aquelas em que o

antecedente é marcado pela eventualidade de um fato, cujo conteúdo enunciado no consequente, no caso de vir a ocorrer, será tomado como certo. Nesse sentido, um bom exemplo que ilustra essa noção é dado por Bittencourt (2012):

(35)

Se for dirigir, não beba.

Vale ressaltar que, nas línguas orais, a condicionalidade não é veiculada apenas por uma única forma conjuntiva, ou seja, por uma única conjunção. Por exemplo, em português, embora seja principalmente marcada pelo "se", como afirmam Neves, Braga e Dal'Áglio-Hattnher (2009), há outras conjunções (ou locuções conjuntivas) que também são consideradas como veiculadoras de condicionalidade, como "caso", "que", "desde que", "uma vez que", "contanto que", dentre outras, como mostrado em Oliveira (2008), Hirata-Vale (2005) e em Oliveira e Hirata-Vale (2017).

Nesta tese, essa perspectiva de análise, a que considera o grau de hipoteticidade das condicionais, tem fundamental importância, na medida em que, ao analisarmos as orações condicionais na Libras partindo de uma teoria que, a princípio, fora pensada apenas no campo das línguas orais, compreendem uma base para avaliar se esses tipos também podem ser encontrados nessa língua de sinais.

Assim, uma vez apresentada a revisão da literatura concernente às condicionais nas línguas orais, partimos, na próxima seção, a uma busca de como esse fenômeno tem sido estudado em línguas de sinais já descritas, a fim de fortalecer nossas bases para uma análise produtiva de como os surdos brasileiros veiculam, em seus discursos naturais, a expressão de condicionalidade.

2.3 Condicionalidade nas línguas de sinais

Os estudos linguísticos concernentes às condicionais em línguas de sinais são bastante incipientes, se os compararmos com a grande extensão de literatura que encontramos sob a perspectiva das línguas orais.

Para as poucas línguas de sinais em que o tema é tratado, vê-se que, muitas vezes, tão somente a forma prototípica é descrita. Ainda assim, as descrições disponíveis podem nos dar importantes *insights* sobre os padrões intermodais. Ademais, para a maioria das línguas de sinais descritas até o momento, no que se refere ao tratamento das condicionais, a maioria dos estudos (senão todos), como veremos nesta seção, é uníssona em afirmar que a marcação não manual é de extrema importância para a identificação dessas construções, inclusive dispensando-se, em alguns casos, os marcadores manuais. É por essa razão que, em primeiro lugar, focaremos o uso desses marcadores não manuais para, em seguida, observarmos os sinais manuais.

2.3.1 Marcadores Não Manuais

Inicialmente, é importante dizer que a gramática das línguas de sinais envolve características não manuais que são essenciais para a compreensão e análise dos discursos sinalizados. Essas realizações envolvem movimentos corporais, movimentos de cabeça e expressões faciais e funcionam como marcadores em diferentes níveis na gramática das línguas de sinais.

De acordo com Herrmann (2013), os articuladores não manuais podem ter funções afetivas e gramaticais. Para a autora, embora seja difícil distinguir ambas as realizações, na

medida em que a produção é feita pelos mesmos articuladores, existem regras claras para diferenciá-las em muitas línguas de sinais. Por exemplo, segundo a autora, as gramaticais apresentam início e fim bem marcados, ao passo que as afetivas seriam mais "graduais", tal como ouvintes usam ao produzirem seus discursos orais. Pfau e Quer (2010) também fazem essa distinção, ao dizer que há expressões faciais que são puramente afetivas, como aquelas que expressam surpresa, desgosto ou descrença, daquelas que têm uma função dentro da estrutura da língua, seja nos níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos.

Quadro 1 – Funções das expressões não manuais.

Lexical	• não manuais inerentemente vinculados a um item lexical • uso de não manuais distintivos
Morfológica	• adjetivais • adverbiais • marcação de concordância
Sintática	• Tipos de sentenças • Orações subordinadas • Negação • Topicalização • Mudança de papéis
Semântico-pragmática	• Estrutura Informacional • Modalidade • Atitudes do falante • Contrafactualidade
Não linguística	• Características afetiva e emocionais

Fonte: traduzido de Herrmann (2013, p. 39).

Para a Libras, Ferreira-Brito e Langevin (1995) listam as expressões não manuais, que, segundo os autores, podem ser encontradas na cabeça, na face e no tronco, tal como se mostra no Quadro 2:

Quadro 2 – Expressões não manuais da Libras.

Rosto (parte superior)	• Sobrancelhas franzidas • Olhos arregalados • Lance de olhos • Sobrancelhas arqueadas
Rosto (parte inferior)	• Bochechas infladas • Bochechas contraídas • Lábios contraídos e projetados com sobrancelhas franzidas • Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha • Apenas bochecha direita inflada • Contração do lábio superior • Franzir do nariz
Cabeça	• Balanceamento para frente e para trás (sim) • Balanceamento para os lados (não) • Inclinação para frente • Inclinação para o lado • Inclinação para trás
Rosto e Cabeça	• Cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas (ex.: o quê? Quando? Como? Por quê? • Cabeça projetada para trás e olhos arregalados (ex.: Quem?)
Tronco	• Para frente • Para trás • Balanceamento alternado dos ombros • Balanceamento simultâneo dos ombros • Balanceamento de um único ombro

Fonte: adaptado de Ferreira-Brito e Langevin (1995, p. 240-241).

Ainda segundo Ferreira-Brito e Langevin (1995), essas expressões não manuais podem ocorrer simultaneamente, como balançar a cabeça para os lados (como, por exemplo, ao se usar "não"), ao mesmo tempo em que se franzem as sobrancelhas e se move o tronco para a frente, produzindo, assim, uma sentença negativa e interrogativa.

Quadros (1999) relaciona o uso das expressões não manuais observando suas funções gramaticais na estrutura das sentenças da Libras. Por exemplo, a pesquisadora demonstra que o direcionamento do olhar e o movimento do tronco são fundamentais para a identificação de concordância entre sujeito e objeto. Já Arrotéia (2005) demonstrou que a expressão facial é a responsável pela marcação da negação na Libras, funcionando, também, como marcador sintático, ou seja, com uso +gramatical, ao passo que os movimentos de cabeça característicos da negação (balanceamento para os lados) assumem traços mais voltados para valores afetivos.

Em síntese, o que nos interessa para a identificação de nosso fenômeno na Libras são, portanto, as expressões que marcam gramaticalmente o uso da condicionalidade. Não vamos especificar aqui cada um desses marcadores, tendo em vista que não é esse o nosso objetivo (cf., nesse sentido, QUADROS, 1999; QUADROS; KARNOPP, 2004; ARROTÉIA, 2005; QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2008; ARAUJO, 2013; XAVIER, 2019). Passamos, assim, à discussão daqueles marcadores não manuais identificados em condicionais de diversas línguas de sinais.

Baker e Padden (1978) foram as primeiras a examinar a marcação das orações condicionais na ASL (*American Sign Language*), em um trabalho cujo foco estava na marcação não manual dessas construções. Elas relatam que uma grande quantidade de atividades não manuais está presente durante a sinalização de orações condicionais e afirmam que os marcadores sintáticos que identificam essas orações como condicionais consistem em várias

configurações de atividades não manuais. Em sua análise, não identificam um único comportamento não manual que marque uma condicional; as autoras afirmam que parece haver uma preferência individual para cada sinalizante marcar essas sentenças. No entanto, identificam um marcador não manual bastante recorrente: o arqueamento de sobrancelhas (ou "sobrancelhas levantadas", em tradução livre – Figura 1).

Figura 1 – Arqueamento de sobrancelhas.



Fonte: Ekman e Friesen (2003, p. 38).

Coulter (1978) também relata ter identificado que as sobrancelhas são arqueadas ao longo da oração condicional, mas, em sua análise, o queixo também deve ser erguido (1978, p. 67). O "queixo erguido" de Coulter é descrito por Liddell (1980) como uma maneira alternativa de descrever a "inclinação de cabeça para trás". Além disso, Coulter (1978) utiliza o símbolo ("t") para a marcação das condicionais, uma vez que considera, assim como Haiman (1978), que as condicionais por ele estudadas sempre são tópicos.

Ainda para a ASL, Baker-Shenk e Cokely (1980) apresentam uma terceira descrição do marcador não manual condicional, que eles simbolizam por meio da notação "cond". Eles o descrevem como uma junção de "sobrancelhas levantadas, geralmente com a

cabeça inclinada em uma direção e, às vezes, o corpo ligeiramente inclinado nessa mesma direção" (1980, p. 141, tradução nossa). Os autores afirmam, ainda, que esses marcadores não manuais (de agora em diante, MNM) estão presentes na oração condicional, de forma que, na oração seguinte, após uma pausa, a sobrancelha fica na posição de repouso e há uma mudança na orientação da cabeça ou do corpo – para o caso de a apódose ser uma declarativa ou imperativa. No caso de a oração consequente ser uma pergunta do tipo "sim/não", as sobrancelhas continuam arqueadas, inclusive com uma maior ênfase nesse levantamento, juntamente com uma inclinação de cabeça na direção do destinatário. Assim, em sua análise, os pesquisadores consideram que a marcação não manual para a veiculação da condicionalidade na ASL consiste em um conjunto de atividades não manuais que ocorrem durante a prótase mais outro conjunto de atividades que ocorrem na junção entre a oração condicional e a seguinte, diferindo-se apenas quando a apódose for uma declaração ou ordem ou uma pergunta do tipo sim-não (BAKER-SHENK; COKELY, 1980).

O estudo de Liddell (1980) foca exatamente na confluência de MNM que identifica uma oração condicional na ASL. Em suas ocorrências, o autor encontrou os seguintes tipos de MNM nas orações condicionais:

- sobrancelha arqueada;
- olhar fixo em diferentes direções;
- mudanças corporais de vários tipos;
- cabeça inclinada para trás;
- piscar dos olhos nos limites dos constituintes;
- e uma grande quantidade de movimentos da cabeça.

De todas esses MNM, o arqueamento de sobrancelha estava consistentemente presente durante a oração condicional (LIDDELL, 1980). Vejamos, a seguir, os exemplos dados pelo autor:

(36)

ArqSb[26]

BORN GIRL NAME S-U-N-N-Y

Se for uma menina, seu nome será Sunny.

(37)

ArqSb

TOMORROW RAIN PICNIC CANCEL

Se chover amanhã, o piquenique será cancelado.

(38)

ArqSb

APPEAR$_i$ STAY-SAME PRO.1 SLAP$_i$

Se ele aparecer como é de costume, eu vou dar um tapa nele

Nos exemplos dados por Liddell (1980, p. 248), a linha que aparece acima dos sinais manuais indica que o arqueamento das sobrancelhas acontece ao mesmo tempo em que eles são produzidos. Em cada um desses exemplos, a condicional é seguida por outra oração que descreve o que ocorrerá se a condição for atendida e na qual as sobrancelhas estão abaixadas. Assim, na junção entre as orações, ocorre o abaixamento das sobrancelhas.

Para Liddell (1980), não há necessidade de assumir, como Baker-Shenk e Cokely (1980), que as mudanças que ocorrem no limite entre prótase e apódose fazem parte da

[26] Optamos, para facilitar a leitura de todos os exemplos, utilizar as mesmas anotações para os MNM; é por essa razão que, aqui, a glosa para o "arqueamento de sobrancelhas" já aparece traduzida.

marcação condicional. Na junção da oração condicional e a seguinte (a principal), o sinalizante apenas cumpre os requisitos não manuais da oração seguinte – relaxar a sobrancelha, por exemplo, não é um marcador sintático cuja função é servir como um "terminador de condicionais". Por exemplo, no caso de ocorrer uma pergunta do tipo sim/não na apódose, as sobrancelhas permanecerão arqueadas:

(39)

ArqSb Int.

TOMORROW RAIN YOU GO SWIMMING BEACH YOU

Se chover amanhã, você vai à praia nadar?

Nesse exemplo, em que a condicional é seguida por uma pergunta, tanto Baker-Shenk e Cokely (1980) quanto Liddell (1980) observam que há uma intensidade no segundo arqueamento de sobrancelhas para a marcação da pergunta, quase que como uma forma para diferenciar o primeiro arqueamento, relativo à condicional, do segundo, relativo à pergunta.

Em relação à Língua de Sinais Israelense (ISL), Dachkovsky (2005; 2008) e Dachkovsky e Sandler (2009) também identificam, para as condicionais, o "arqueamento de sobrancelha" como o MNM mais proeminente, tanto para as condicionais hipotéticas quanto para as condicionais contrafactuais; nesta, há, adicionalmente um "franzimento dos olhos", que discutiremos mais adiante.

Já para a Língua de Sinais Britânica (BSL), o arqueamento das sobrancelhas também é indicador de condicionalidade, juntamente com a ocorrência da inclinação de cabeça e, opcionalmente, o uso do sinal IF (SUTTON-SPENCE; WOLL, 1999). O mesmo ocorre para a Língua de Sinais Australiana (Auslan), na qual Johnston e Schembri (2007, p. 213) identificaram, para as condicionais, o uso do "arqueamento das sobrancelhas juntamente com uma inclinação de cabeça para trás".

Braem (1995) descreve que, para a Língua Gestual Suíço-Alemã (DSGS), a oração que veicula a condição também exige o uso de marcadores não manuais: "inclinação da cabeça com um impulso ligeiramente para a frente" e "sobrancelhas arqueadas", de modo que, entre as duas orações, há uma pausa conectiva. Na apódose, a posição da cabeça e da parte superior do corpo muda dependendo dos marcadores não manuais que são usados para uma oração declarativa, uma pergunta ou uma ordem. Para a Língua de Sinais Austríaca (ÖGS), Lackner (2013) também identifica o arqueamento das sobrancelhas, juntamente com o movimento de cabeça para a frente, como um frequente marcador de condicionalidade.

Em resumo, parece que, em muitas línguas de sinais, o arqueamento das sobrancelhas, juntamente com algum movimento de cabeça, é um marcador de condicionalidade frequente nas línguas de sinais descritas até o momento[27]. Nesse sentido, a grande discussão entre os autores é o fato de esse traço estar vinculado, também, à marcação de outras estruturas linguísticas, como a marcação de tópico, de orações relativas, de perguntas do tipo sim/não, de perguntas retóricas. Sendo assim, além do traço "+arqueamento de sobrancelhas", os autores buscam outros MNM que, juntos, são identificados especificamente como sendo veiculadores de condicionais, em detrimento de outros tipos. E isso é importante porque, segundo Sutton-Spence e Woll (1999), os surdos identificam, naturalmente, os usos de cada tipo dessas sentenças no uso das línguas de sinais.

[27] Apesar disso, para a NGT, Klomp (2019) observa que, diferentemente da maioria das LS apresentadas anteriormente, apenas 46% das condicionais que apresentaram um marcador condicional manual foram acompanhadas do arqueamento das sobrancelhas; das condicionais que não contavam com nenhum marcador manual, 70% das ocorrências foram acompanhadas por esse arqueamento. Logo, para a NGT, segundo Klomp (2019), esse marcador não manual parece ser opcional, em vez de obrigatório, bem como não necessariamente se realiza durante toda a prótase.

Liddell (1980) sumariza, na tabela apresentada a seguir, como essas diferentes funções são identificadas, na ASL, a partir de outros MNM que coocorrem com o arqueamento de sobrancelhas:

Quadro 3 – Funções sintáticas que, além das condicionais, requerem o uso de sobrancelhas arqueadas.

Tipo	Marcadores não manuais utilizados
Topicalização	• Arqueamento de sobrancelhas. • Leve inclinação da cabeça para trás.
Perguntas sim/não	• Arqueamento de sobrancelhas. • Movimento de cabeça para a frente. • Movimento de tronco para a frente. • Olhos arregalados (pálpebras levantadas). • Direcionamento do olhar para o interlocutor.
Oração relativa	• Arqueamento de sobrancelhas. • Movimento de cabeça para trás. • Bochecha e lábio superior levantado.
Pergunta retórica	• Arqueamento de sobrancelhas. • Frequente aceno de cabeça. • Movimento de cabeça para trás. • Olhar direcionado para o interlocutor.

Fonte: traduzido e adaptado de Liddell (1980, p. 250).

Cada um dos sinais não manuais no Quadro 3 é apresentado como uma configuração específica de marcadores não manuais que são usados ao longo do constituinte marcado. A tentativa de Liddell (1980) de encontrar uma única configuração imutável de MNM acompanhando todas as condicionais revelou que o arqueamento de sobrancelhas estava consistentemente presente em todas as condicionais de seus dados e que, embora a inclinação da cabeça para trás fosse comum, muitas vezes esta não era realizada. No entanto, algum grau

de rotação da cabeça estava consistentemente presente nas condicionais. A rotação da cabeça, para o autor, refere-se a um giro para a esquerda ou direita. Essa rotação, geralmente muito sutil, faz com que o rosto seja orientado para a esquerda ou direita. Mas, segundo o autor, a MNM para condicionais parece diferente de todas as outras funções listadas no Quadro 3.

Por exemplo, o "impulso de cabeça" (*head thrust* – um único movimento da cabeça para fora e para baixo) esteve consistentemente presente nos dados das condicionais da ASL. Observem-se, por exemplo, as ocorrências de Liddell (1980), reapresentadas a seguir, mas com esses MNM identificados:

(40)

ht[28]

RotD[29]

Arq.Sb

BORN GIRL NAME S-U-N-N-Y

Se for uma menina, seu nome será Sunny.

(41)

ht

RotD

ArqSb

TOMORROW RAIN PICNIC CANCEL

Se chover amanhã, o piquenique será cancelado.

(42)

ht

RotD

ArqSb

SHOW-UP$_i$ STAY-SAME PRO.1 SLAP^i

Se ele aparecer como é de costume, eu vou dar um tapa nele

[28] Mantivemos a sigla "ht" para *head thrust* (impulso de cabeça).
[29] Rotação de cabeça para a direita.

De acordo com Liddell (1980), as características não manuais descritas em (40), (41) e (42) podem ser vistas claramente na Figura 2, a seguir, em que há a representação do exemplo dado em (42):

Figura 2 – Exemplo de uso de MNM em oração condicional.



Fonte: Liddell (1980, p. 253).

Conforme se vê na Figura 2, a cabeça é girada levemente para a direita do informante durante o sinal SHOW-UP e mantém esse grau de rotação durante STAY-SAME, mesmo que haja esse impulso de cabeça para frente e para baixo, que está presente apenas durante o sinal final da condicional. Além disso, o grau de rotação da cabeça não parece ser tão significativo, tendo em vista que, em alguns casos, há um ligeiro giro da cabeça, que se torna mais pronunciado no momento em que a condicional é concluída.

Assim, para a ASL, a combinação de arquear a sobrancelha e a posição da cabeça em toda a condicional, juntamente com o impulso da cabeça durante o sinal final da prótase, são as atividades não manuais usadas para marcar a condição. Segundo Liddell (1980), esse tipo de marcação é diferente de todos os marcadores não manuais descritos no Quadro 3, pois não é uma configuração uniforme, mas é mais uma atividade ocorrendo apenas durante o sinal final na oração condicional.

De acordo com Johnston e Schembri (2007, p. 213), é o impulso de cabeça para trás, juntamente com o arqueamento de sobrancelha, que permite identificar uma condicional na Auslan:

(43)

ArqSb+htb[30]

HOT TOMORROW IX_1 GO.TO BEACH

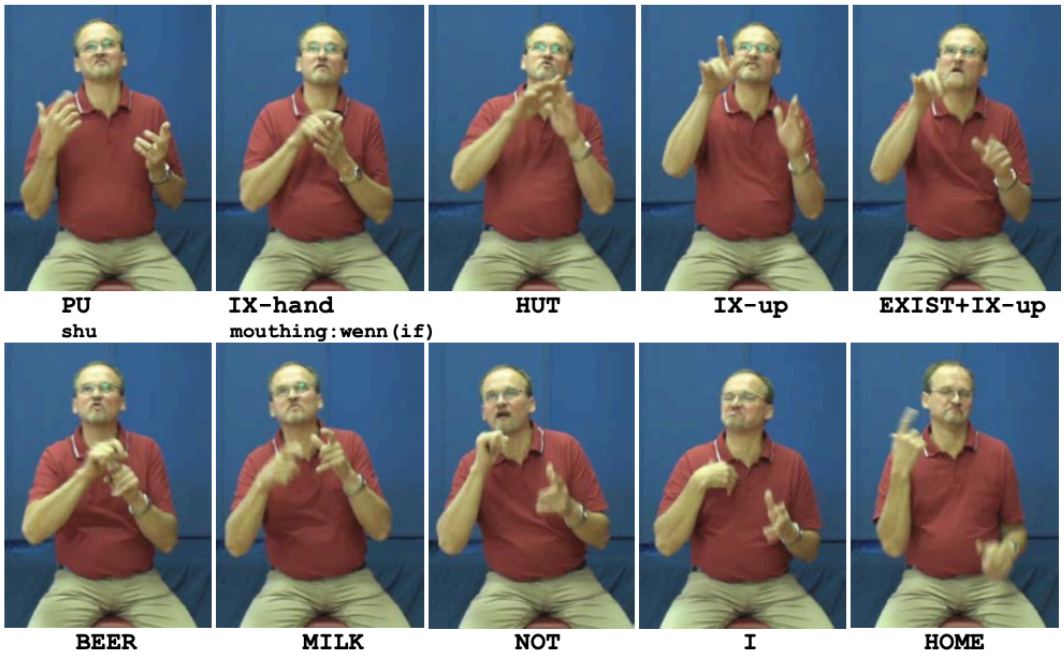
Se estiver quente amanhã, eu irei à praia.

Klomp (2019), em sua pesquisa para a Língua de Sinais Holandesa (NGT), distingue o impulso da cabeça (a cabeça inteira se movendo para a frente ou para trás), da inclinação da cabeça (a cabeça permanece na mesma posição, mas o queixo se move para cima, para baixo ou para o lado) e o aceno de cabeça (uma leve inclinação lateral). Em seus dados, a pesquisadora observou que, na NGT, a maioria das condicionais é marcada ou pelo impulso de cabeça, ou pela inclinação da cabeça, sem uma direção específica; essa marcação ocorreu ou sobre toda a oração condicional ou sobre uma parte dela, sobretudo quando não havia uma marcação manual.

[30] htb = "*head trhust back*" = impulso de cabeça para trás.

Para a ÖGS (Língua de Sinais Austríaca), Lackner (2013) também confere um importante papel do movimento de cabeça para a identificação de uma condicional. A autora apresenta o seguinte exemplo:

Figura 3 – Marcação de uma condicional hipotética.



While I am hiking I am not sure. If there is neither beer nor buttermilk in the hut, I'll go home[31].

Enquanto estou caminhando, não tenho certeza. Se não houver cerveja nem leitelho na cabana, eu vou para casa.

Fonte: Lackner (2013, p. 204).

Segundo Lackner (2013), nesse exemplo, o sinalizante está caminhando e pensando sobre uma situação hipotética. Ele considera que, se na cabana não houver cerveja nem leitelho,

[31] Neste exemplo, percebemos que o *mouthing* de "wenn" é realizado sem a presença do marcador manual correspondente. Também identificamos casos como esse em nossos dados para a Libras, que serão discutidos na seção de análise.

ele voltará para casa. O antecedente que contém a condição é acompanhado pela projeção da cabeça para a frente. A autora observa, assim, esse movimento de cabeça para frente sendo iniciado após a falta de conhecimento expressa, intensificando-se durante os três últimos sinais que veiculam a condição.

Lackner (2013) identifica que a projeção da cabeça para a frente foi o MNM mais utilizado para a ÖGS, o qual coocorre com a prótase da condicional. Observe-se a figura a seguir, em que o sinalizante é observado a partir de um ponto de vista lateral:

Figura 4 – Projeção da cabeça para a frente na oração condicional.



Fonte: Lackner (2013, p. 210).

Nessa ocorrência, Lackner (2013) aponta um padrão encontrado em seus dados: na primeira e na última imagem da Figura 4, a posição da cabeça é neutra – antes da oração condicional e ao formular a apódose. A segunda e a terceira imagens mostram o sinalizante movendo significativamente a cabeça para a frente de forma intensificada. Sendo assim, a autora identifica que, quando a cabeça é posicionada para frente, isso constitui um marcador puramente condicional para a ÖGS. Este é o marcador que é usado consistentemente por todos os informantes, e muitos deles fazem uso apenas desse marcador condicional. Além disso, segundo a pesquisadora, outros indicadores estão presentes e coocorrem com uma construção condicional, como o olhar para cima, que usualmente se refere ao “espaço hipotético”.

Ainda de acordo com Lackner (2013), os MNM podem marcar, nas condicionais, efeitos de modalidade. Isso nos remete aos graus de condicionalidade que abordamos na seção anterior, em que Comrie (1986) classifica as condicionais com relação ao grau de probabilidade de realização e ao grau de hipoteticidade veiculado. Como vimos, em muitas línguas orais, os tempos e modos verbais são essenciais para a percepção dessa gradiência de probabilidade/hipoteticidade (NEVES, 2000; 2018), o que, como temos visto, não aparece de modo morfologicamente marcado nos sinais manuais das línguas de sinais. Lackner (2013) observa os efeitos da modalidade na ÖGS codificados sobretudo por dois aspectos: o "conhecimento" ou "a falta de conhecimento" e "a atitude do falante/sinalizante" e o seu "julgamento sobre uma proposição".

Assim, ao analisar as orações condicionais dos vários córpora da ÖGS, a autora percebe a presença frequente de alguns MNM que fornecem informações sobre o conhecimento e sobre o grau de confiança com relação à possível realização dos estados de coisas presentes nas proposições das condicionais. Dentre esses marcadores não manuais, Lackner (2013) identifica o "nariz enrugado" (*wrinkled nose*), que é característico para a negação na ÖGS, mas que frequentemente acompanha as prótases de condicionais. Assim, a autora supõe que o nariz enrugado ocorre em proposições que expressam potencialidade, mas cujo sentimento de confiança não é orientado de forma muito positiva. Segundo Lackner (2013), é recorrente observar o seu uso combinado com os conteúdos das condicionais que expressam valor negativo, coocorrendo, por exemplo, com sinais como ABRIR-NÃO (OPEN NO) ou FECHADO (CLOSE), mas não com ABRIR; do mesmo modo, coocorreu com VENCER-NÃO (WIN NO) e com PERDER (LOSE), mas não com VENCER (WIN). Assim, uma interpretação possível é que este marcador expressa uma atitude negativa sobre o resultado/cumprimento de uma condição.

O segundo MNM que ocorre frequentemente em condicionais e que provavelmente está associado a ter ou não conhecimento sobre o que se enuncia é o marcador "olhos semicerrados". Dachkovsky (2008) observa que, na Língua de Sinais Israelense (ISL), a prótase das condicionais contrafactuais é marcada por "sobrancelhas arqueadas" e "olhos semicerrados", enquanto as condicionais factuais são marcadas apenas por "sobrancelhas arqueadas". Dachkovsky e Sandler (2009) sugerem que os olhos semicerrados também são um indicador em ISL para "informações mutuamente recuperáveis ou compartilhadas" e que ocorre em várias estruturas. Assim, esse MNM é usado quando a informação não é apresentada diretamente no discurso, mas os elementos sinalizados podem ser associados com a informação compartilhada por ambos os interlocutores. Para Dachcovsky (2008), em condicionais contrafactuais, esse MNM funciona como uma dica para o interlocutor de que a referência da oração não está realmente acessível, mas deve ser "recuperada". A associação entre olhos semicerrados e falta de conhecimento compartilhado também é evidente na ÖGS (LACKNER, 2013). A função distintiva dos olhos na ISL é ilustrada pelos exemplos em (44), onde a condicional é contrafactual e marcada por sobrancelhas arqueadas e olhos semicerrados, enquanto (45) é factual e só é marcada por sobrancelhas arqueadas.

(44)

ArqSb + OlhSem

IF HE STOP SMOKE HE LIVE

Se ele tivesse parado de fumar, ele teria sobrevivido.

(DACHKOVSKY, 2008, p. 74).

(45)

ArqSb

TEACHER SICK LECTURE CANCEL

Se o professor estiver doente, a aula será cancelada.

(MEIR; SANDLER, 2008, p. 165).

A Figura 5 ilustra o uso do arqueamento de sobrancelhas, juntamente com os olhos semicerrados, como exemplificado em (44), o que configura o uso de uma condicional contrafactual na língua de sinais israelense. Na Figura 6, mostra-se o uso de uma condicional factual na mesma língua.

Figura 5 – Articulação típica para condicionais contrafactuais na ISL.



Fonte: Dachcovsky (2008, p. 69).

Figura 6 – Articulação típica para condicionais factuais na ISL.



Fonte: Meir e Sandler (2008, p. 166).

Quer (2016) também encontra padrões não manuais interessantes para as condicionais na Língua de Sinais Catalã (LSC). Apesar de considerar que o arqueamento de sobrancelhas está consistentemente presente na realização desse tipo de sentenças, o pesquisador questiona-se sobre esse uso, uma vez que ele também é encontrado em outras situações, ou seja, para a marcação dos tópicos, para as orações temporais, orações relativas, causais e de propósito. Assim, na busca de identificar os MNM correspondentes a sentenças condicionais, Quer (2016, p. 376) mostrou que uma característica semelhante ao encontrado na ISL, ou seja, juntamente com o arqueamento de sobrancelha, os olhos semicerrados também podem ocorrer para a marcação da contrafactualidade na LSC. O autor apresenta dois exemplos dessa língua: um em que há potencialidade de realização futura (46) e outro em que há contrafactualidade (47):

(46)

ArqSb
IF COINCIDE DAY 23 APRIL, JORDI SURE

If he's born on the 23rd of April, they'll call hum Jordi for sure.

Se ele nascer no dia 23 de abril, com certeza vão chamá-lo de Jordi.

(47)

ArqSb + OlhSem
IF INDEX3 DAY COINCIDE BE-BORN 23 APRIL, SURE INDEX3 NAME JORDI

If he's born on the 23rd of April, they'll call hum Jordi for sure.
Se ele tivesse nascido no dia 23 de abril, com certeza o teriam chamado de Jordi

Todavia, vale ressaltar, o uso dos olhos semicerrados não estava consistentemente presente em todos os dados de condicionais contrafactuais para a LSC. O autor afirma que isso parece apontar para a ideia de que os MNM se combinam em camadas para codificar significados mais específicos, o que significa que, talvez, nem toda classificação rígida sobre a

coprodução de MNM deve necessariamente ser considerada como pertencendo a uma única categoria.

Para a Língua de Sinais Russa (RSL), por exemplo, os olhos semicerrados não podem ser considerados como um marcador específico de contrafactualidade, na medida em que também podem acontecer com condicionais factuais (BURKOVA; KIMMELMAN, 2019). Nessa língua, ao contrário do que se tem visto até aqui, a contrafactualidade é marcada por um sinal manual, B-Y, que tem origem em uma partícula modal contrafactual em russo, não tendo, assim, aparentemente, nenhuma relação a uma marcação não manual. Logo, nas línguas de sinais descritas até o momento, por mais que os sinalizantes possam veicular a condicionalidade apenas por marcadores não manuais, é preciso, também, considerar a marcação manual existente, observando se esta pode ser considerada como indicativo de que há conjunções condicionais manuais. É o que se verá na subseção a seguir. Antes disso, porém, apresentamos o Quadro 4, em que agrupamos os resultados obtidos, até o momento, para a descrição das diferentes línguas de sinais que mencionamos:

Quadro 4 – Relação entre MNM relacionadas à condicionalidade nas pesquisas em línguas de sinais estrangeiras.

Língua de Sinais	Pesquisas	Possíveis MNM nas condicionais
ASL (Língua de Sinais Americana)	Baker e Padden (1978)	• Arqueamento de sobrancelhas.
	Coulter (1978)	• Arqueamento de Sobrancelhas. • Queixo erguido.
	Baker-Shenk e Cokely (1980)	• Arqueamento de Sobrancelhas. • Inclinação de Cabeça para o lado.

		• Leve inclinação do tronco para o mesmo lado.
	Liddell (1980)	• Arqueamento de sobrancelhas. • Rotação de cabeça. • Impulso de cabeça.
ISL (Língua de Sinais Israelense)	Dachkovsky (2005; 2008)	• Arqueamento de sobrancelhas (factuais e contrafactuais). • Olhos Semicerrados (apenas em contrafactuais)
	Dachkovsky e Sandler (2009)	• Observação do desvio do olhar nas contrafactuais.
BSL (Língua de Sinais Britânica)	Sutton-Spence e Woll (1999)	• Arqueamento de sobrancelhas. • Inclinação de cabeça
Auslan (Língua de Sinais Australiana)	Johnston e Schembri (2007)	• Arqueamento de sobrancelhas. • Inclinação de cabeça para trás. • Impulso de cabeça.
DSGS (Língua de Sinais Suíço-Alemã)	Braem (1995)	• Arqueamento de sobrancelhas. • Inclinação da cabeça.
ÖGS (Língua de Sinais Austríaca)	Lackner (2013)	• Arqueamento de sobrancelhas. • Projeção da cabeça para a frente. • Olhos semicerrados. • Nariz enrugado (contrafactuais)
LSC (Língua de Sinais Catalã)	Quer (2016)	• Arqueamento de sobrancelhas.

		• Desvio do olhar (opcional para as contrafactuais)
NGT (Língua de Sinais Holandesa)	Klomp (2019)	• Arqueamento de sobrancelhas (opcional) • Impulso de cabeça. • Inclinação de cabeça.
RSL (Russian Sign Language)	Burkova e Kimmelmann (2019)	• Arqueamento de sobrancelhas. • Olhos semicerrados (opcionais tanto para factuais quanto para contrafactuais)

Fonte: elaborado pelo autor.

2.3.2 Marcação manual

Para muitas das línguas de sinais descritas até o momento, a conjunção condicional realizada de forma manual pode, muitas vezes, ter sua origem a partir da datilologia da conjunção emprestada da língua oral, sendo lexicalizada com o tempo. Isso foi o que aconteceu, por exemplo, na BSL (JHONSTON; SCHEMBRI, 2007). Para os autores, os sinalizantes podem realizar a soletração manual de I-F ou usar o sinal específico IF para indicar uma oração condicional, como mostra a Figura 7:

Figura 7 – Conjunção IF em Língua de Sinais Britânica.



Fonte: disponível em: https://www.signbsl.com/sign/if. Acesso em: 5 set. 2020.

Klomp (2019) identificou, na Língua de Sinais Holandesa, pelo menos cinco sinais correspondentes ao sinal de IF e dois sinais correspondentes à SUPPOSE, o qual, segundo a autora, também veicula o valor de condição:

Figura 8 – Sinais correspondentes a IF na Língua de Sinais Holandesa (NGT).



Fonte: Klomp (2019, p. 16).

Figura 9 – Sinais correspondentes a SUPPOSE na NGT.



(a) SUPPOSE-1 *(b)* SUPPOSE-2

Fonte: Klomp (2019, p. 17).

Segundo a autora, a alternância entre esses sinais não é aleatória: tem relações sociolinguísticas e semânticas específicas com relação ao tipo de condição que o informante produz.

Há, na ASL, situação semelhante nesse sentido: os marcadores de condicionalidade IF (derivado da soletração manual) e SUPPOSE (derivado do sinal IDEA). Esse segundo caso, de modo muito interessante, ilustra o processo de gramaticalização (como talvez também ilustre o SUPPOSE da NGT), já que sofreu, além de mudança semântica, redução fonológica. IDEA é feito com contato inicial na lateral da testa (na região da têmpora), seguido de movimento reto para frente. SUPPOSE (derivado de IDEA) é feito com o dedo mínimo tocando a região abaixo do olho duas vezes, ou seja, sem o movimento reto para frente, como se mostra no primeiro quadro da imagem a seguir:

Figura 10 – Sinais correspondentes a IF na ASL.



Fonte: Baker-Shenk e Cokely (1997, p. 21).

Na ÖGS, a conjunção "*wenn*" (referente a "se", em português) pode ser sinalizada a partir de duas realizações do sinal WENN:

Figura 11 – Realizações do sinal WENN (se) em ÖGS.



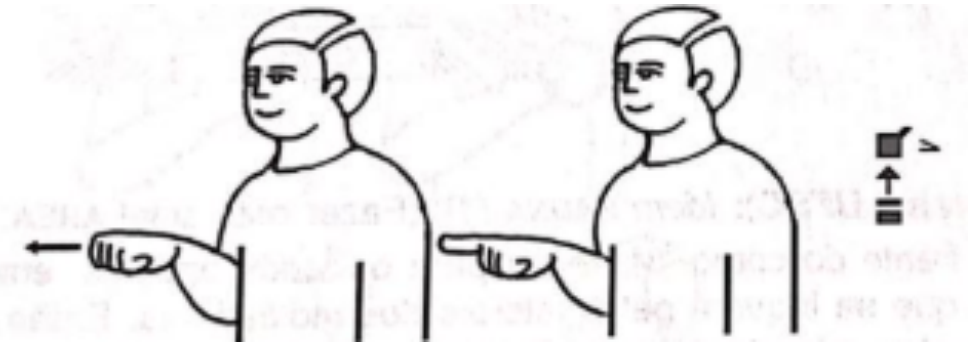
Fonte: Lackner (2013, p. 216).

É importante que enfatizemos, ainda, que há um consenso na literatura sobre as condicionais nas línguas de sinais descritas até o momento de que é agramatical a inversão dos constituintes que compõem essa estrutura. Sendo assim, como afirma Pfau (2008), ao contrário do que acontece em muitas línguas orais, as condicionais das línguas de sinais devem sempre ter a marcação condicional, seja ela manual ou não manual, no início da sentença (ou seja, a sequência prótase > apódose seria obrigatória). Isso vai ser mais bem tratado na seção de análise.

2.4 Condicionais na Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Com relação às condicionais na Língua Brasileira de Sinais, muito pouco foi desenvolvido até o presente momento. Usualmente, atrela-se o uso das condicionais ao sinal lexicalizado SE[32], considerado o de uso prototípico, reproduzido a seguir:

Figura 12 – O sinal SE da Libras.



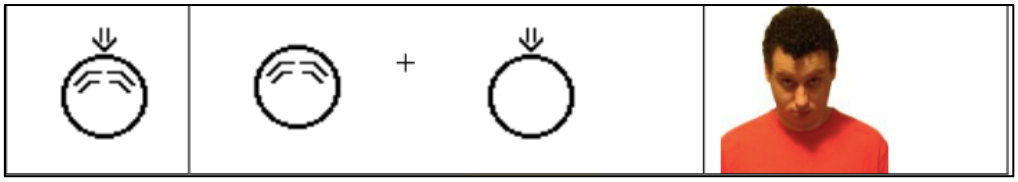
Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2542).

[32] Discutimos a origem da realização do sinal manual SE em nossa seção de análise, partindo de duas hipóteses.

Quadros e Karnopp (2004), ao tratarem de questões sintáticas sobre a Libras, identificam as condicionais como construções em que as marcações não manuais são as responsáveis para a sua realização, juntamente com as estruturas negativas, interrogativas, afirmativas, relativas, de tópico e de foco. Para as autoras, por exemplo, é importante o uso do arqueamento das sobrancelhas para a realização das condicionais.

Ampessan (2017) considera, em sua pesquisa de mestrado, a seguinte expressão não manual para realizar testes com seus informantes surdos em sentenças em que não há a presença de uma conjunção manual:

Figura 13 – Expressões não manuais de condicionais consideradas por Ampessan (2017).



Fonte: Ampessan (2017, p. 162).

Sendo assim, o autor afirma que são utilizados a inclinação da cabeça para baixo, juntamente com o arqueamento das sobrancelhas, para realizar orações condicionais na Libras. Um exemplo utilizado por Ampessan (2017, p. 196) é reproduzido abaixo:

Figura 14 – Exemplo de condicional usado nos testes realizados por Ampessan (2017).

Tradução	Se eu tivesse dinheiro compraria um carro.		
Glosa	TER DINHEIRO EU - IR COMPRAR CARRO		
Linha	1	**Coluna**	3
Foto com ENM	**SW com ENM**	**SW sem ENM**	**Foto sem ENM**
			
Categoria:	Sentença condicional		

Fonte: Ampessan (2017, p. 196).

Na Figura 14, está representado um dos testes feitos para informantes surdos, a fim de provar que os marcadores não manuais são essenciais para que seja identificado o valor condicional da sentença em Libras. É por essa razão que o autor apresenta duas realizações para esta sentença: uma com a inclinação da cabeça para baixo + arqueamento de sobrancelhas, e outra sem fazer qualquer marcação não manual. De uma forma geral, os informantes surdos conseguiram identificar as sentenças condicionais com a marcação das expressões não manuais; no entanto, os resultados não foram absolutos – quer dizer, nem todos os surdos identificaram todas as ocorrências com marcadores não manuais como sendo, de fato, condicionais, o que pode indicar que essa configuração de uso não manual não seja a única para identificar condicionais na Libras. Vale ressaltar que a pesquisa de Ampessan (2017), embora não tenha como foco as estruturas condicionais da Libras, é o primeiro trabalho acadêmico que versa

sobre o uso de marcadores não manuais como importantes para a veiculação da condicionalidade da Libras em sentenças sem conjunção manual.

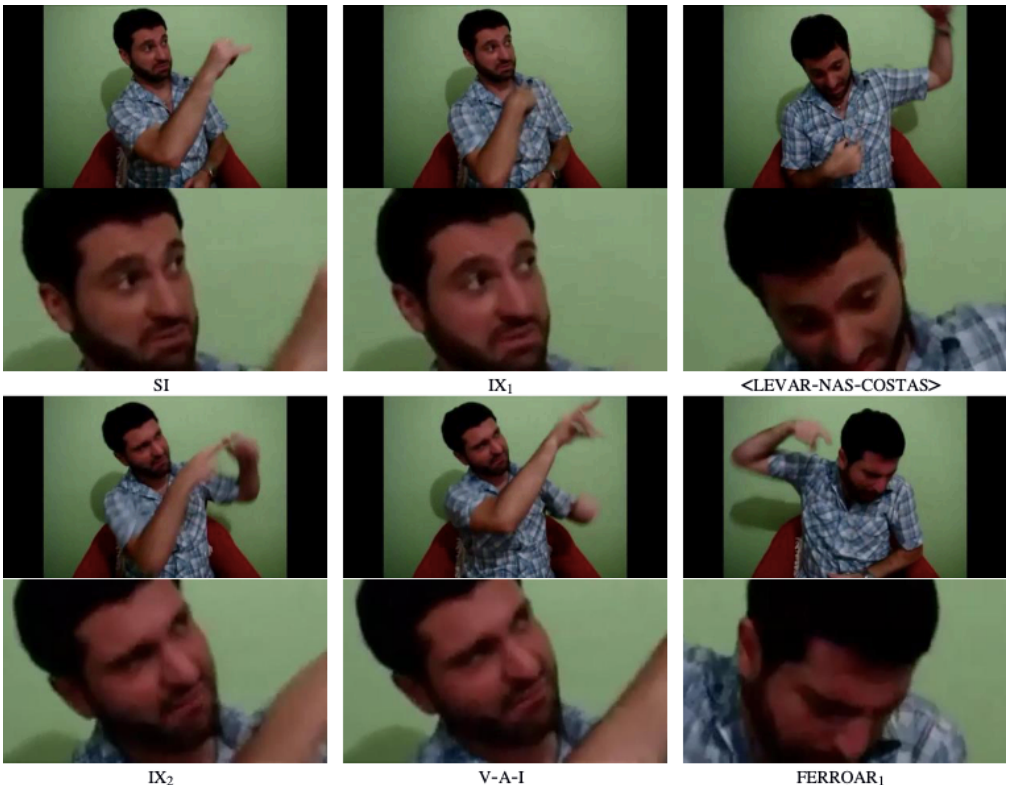
Figueiredo e Lourenço (2019, p. 95), ao analisarem o movimento de sobrancelhas como marcador de domínios sintáticos da Libras, observam que, nas condicionais, sempre ocorrerá a elevação da sobrancelha, de modo que essa elevação (ou *arqueamento*, como utilizamos em nosso texto) permanece durante a condição, enquanto, "na consequência, a expressão se torna neutra". Para os autores, assim como afirmam Quadros e Karnopp (2004), o uso do sinal manual "SE" é opcional. Prova disso são os exemplos apresentados por eles, reproduzidos em (48) e (49):

(48)

_____Arq.Sb. (interrogativa)

SI IX1 <LEVAR-NAS-COSTAS> IX2 V-A-I FERROAR1

Se eu levar você nas costas, você vai me ferroar?



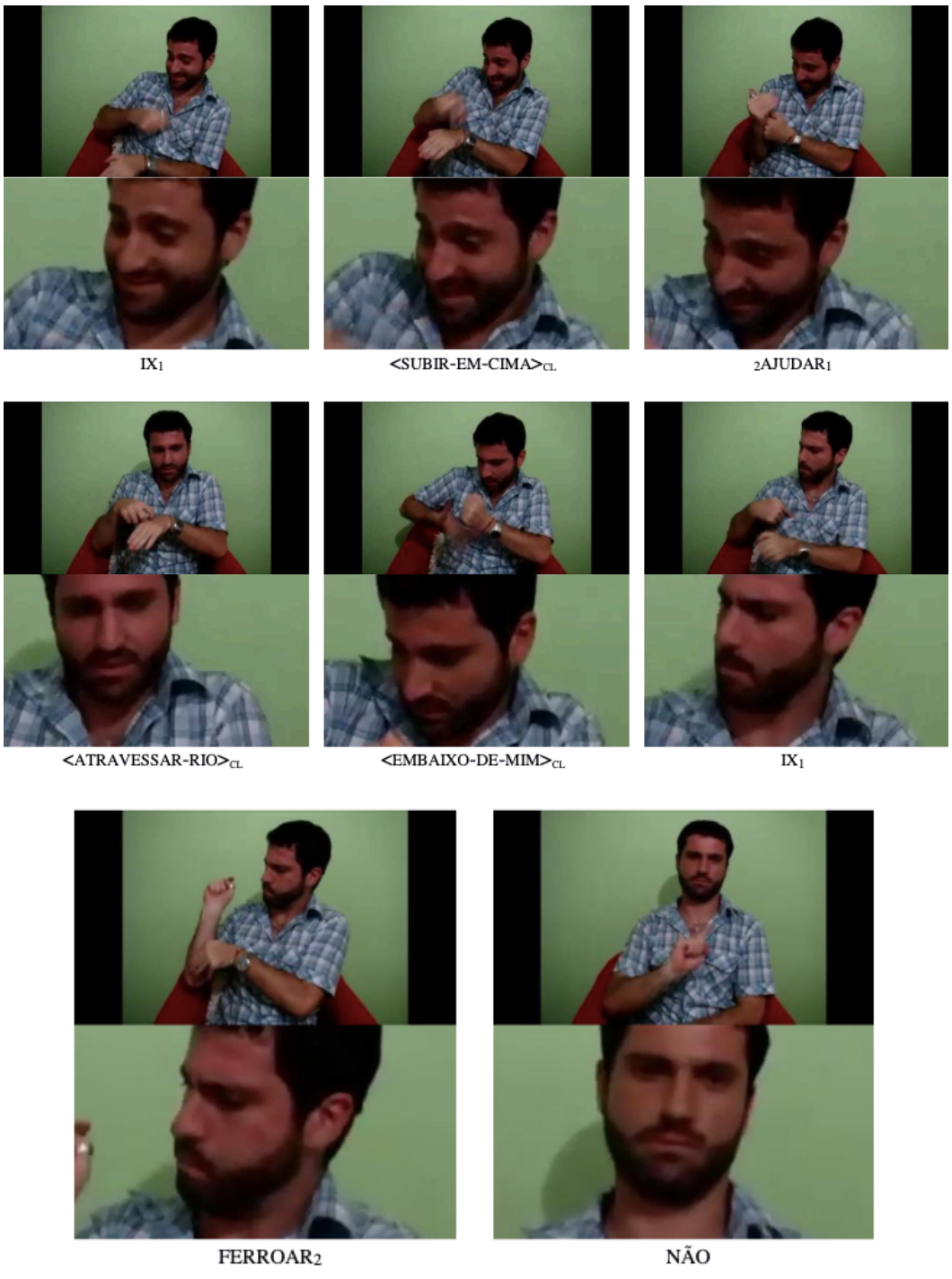
Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p. 95-96)

(49)

_____Arq.Sb.

IX1 <SUBIR-EM-CIMA>$_{CL}$ $_2$AJUDAR$_1$ <ATRAVESSAR-RIO>$_{CL}$ <EMBAIXO-DE-MIM>$_{CL}$ IX$_1$ FERROAR$_2$ NÃO

(Se) eu subir em cima de você e você me ajudar, atravessamos o rio e eu não vou te picar.



Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p. 96-97).

Lima (2019), ao pesquisar sobre as relações de causalidade em orações complexas na Libras, considera que as condicionais podem ser factuais ou contrafactuais. Nesse sentido, a pesquisadora faz uma leitura de condicionalidade factual do exemplo reproduzido a seguir:

(50)

_____Arq.Sb

ADIANTAR-NÃO [PSE IX1 (eu) IX3 (eles) LIVRAR] [QSEMPRE MATAR SEMPRE.]

'Não adianta. Se eles ficarem livres, sempre matarão'.



Fonte: Lima (2019, p. 158)

Segundo Lima (2019, p. 158), a estrutura condicional observada nesse exemplo indica a factualidade por meio a relação de causalidade entre o antecedente, que veicula a condição, e a provável consequência na oração principal. Para ilustrar aquilo que considera como contrafactual, a pesquisadora apresenta o seguinte exemplo:

(51)

_____s/n _____s/n

[P**SE** IX2 (você) ENTÃO EXEMPLO ENTÃO ACEITAR CONCORDAR] [QFUTURO IX2 (você) AZAR]

_lq s/n _____s/n

SE TROCAR SUA FILH@ CRESCER IX3 (el@) PODER ABORTAR.]

'Por exemplo, se você aceita, concorda e futuramente por azar se deparar com sua filha nessa situação, então ela poderá abortar?'



Fonte: Lima (2019, p. 159).

Nesse caso, a autora apresenta a hipótese de que a mudança do uso do espaço de sinalização pode estar relacionada ao uso de factuais e contrafactuais, uma vez que percebe, ao analisar seus exemplos, que, em factuais, essa mudança acontece, mas, nas contrafactuais, o sinalizante concentra sua sinalização no mesmo espaço. Assim, conclui que:

> [...] em Libras, as relações de causalidade realizadas em estruturas condicionais podem ter a presença de conectivos manuais, os quais são acompanhados do levantamento de sobrancelhas e do movimento de queixo para cima. Em relação à ordem, os dados indicaram uma estrutura mais rígida, com a realização primeiro da condição/causa, introduzida pelo conectivo SE, e em seguida a realização da consequência. Também identificamos que as marcas não manuais estão presentes em toda a estrutura condicional, mas não na consequência [...] (LIMA, 2019, p. 159)[33].

Outro trabalho que considerou as orações condicionais da Libras é o de Paulus (não publicado), que faz uma pesquisa comparativa com a Língua de Sinais Alemã. Embora seu trabalho ainda não esteja disponível para leitura, a pesquisadora tem apresentado palestras no Brasil sobre o tema. Assim, para a Libras, Paulus identificou que, para a realização das

[33] É importante ressaltar que a pesquisa de Lima, ao analisar as relações de causa seguindo os moldes adotados por Sweetser (2002), observa essas relações em orações condicionais, assim como fazemos nesta tese.

condicionais, os surdos brasileiros utilizam, além das conjunções manuais (SE e EXEMPLO), as expressões não manuais “arqueamento de sobrancelha” e “movimentos de cabeça”. Ela afirma, ainda, que a estrutura sintática preferida para a Libras é: antecedente (com marcação manual e não manual) > consequente (marcação não manual). De acordo com Paulus (não publicado), uma inversão (apódose > prótase) seria impossível para a Libras.

A tese de Rodrigues (2020) representa um importante passo para a pesquisa sobre a gramaticalização[34] de conjunções na Libras. Nesse sentido, ao propor uma análise das orações condicionais em Libras com base em parâmetros semânticos e funcionais, a autora demonstra o uso do sinal manual EXEMPLO funcionando como conjunção condicional em discursos naturais de uso da Libras.

Figura 15 – O Sinal EXEMPLO



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 1233).

[34] A gramaticalização é processo por meio do qual itens lexicais se tornam gramaticais ou itens gramaticais se tornam mais gramaticais através do tempo. Hopper (1987) considera que a gramática não pode ser considerada como um produto pronto e acabado, e, sim, como estando em constante processo de gramaticalização. Sob um ponto de vista cognitivo, Heine et al. (1991) relacionam a gramaticalização a motivações extralinguísticas associadas a processos cognitivos básicos da gramática, como o padrão de transferência metafórica, em que domínios -abstratos (ou seja, com significado +concreto) podem ser usados para codificar domínios +abstratos.

A pesquisadora refuta a hipótese de que o uso seja um possível caso de homonímia, propondo que há uma relação entre os diferentes usos desse sinal e assumindo "o pressuposto clássico da mudança linguística que prevê que velhas formas podem adquirir novas funções com o tempo" (RODRIGUES, 2020, p. 146). Logo, o desenvolvimento do valor condicional de EXEMPLO é "compatível com o significado da forma-fonte, já que há [...] uma sobreposição de valores condicionais e topicais" (RODRIGUES, 2020, p. 147). SE e EXEMPLO, na Libras, representam duas possibilidades de introduzir orações condicionais.

Sendo assim, segundo Rodrigues, as orações condicionais na Libras podem ser introduzidas tanto pelos sinais manuais SE e EXEMPLO, quanto de modo justaposto, ou seja, sem o uso de um sinal manual específico para isso. Além disso, chama a atenção para o uso de marcadores não manuais frequentes em seus dados relacionados a essas orações, como o arqueamento de sobrancelha, testa franzida e o uso de *mouthing*.

Além disso, Rodrigues (2020) apresenta, de modo inédito, um exemplo de uso de posposição da oração condicional na sentença. O dado, discutido em Rodrigues e Aleixo (em preparação), atesta que o que se vinha afirmando até então sobre a agramaticalidade da inversão de posição da prótase não se confirma para a Libras[35].

Portanto, para fins de análise, assumimos, com Rodrigues (2020), que as orações condicionais da Libras podem apresentar um enlace conjuntivo, introduzido por meio das conjunções manuais SE e EXEMPLO, ou um enlace justaposto, não introduzido por conjunções manuais. Na próxima seção, em que apresentamos o método de coleta dos nossos dados, explicamos melhor nossas escolhas, a fim de que fique evidenciado como o discutido nesta Seção dialogará com apresentado em nossa análise.

---

[35] Isso vai ser mais bem discutido em nossa seção de análise, uma vez que identificamos, em nosso córpus, duas ocorrências de condicionais pospostas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos nossas decisões metodológicas para a realização desta pesquisa de doutoramento. Aqui, descrevemos que tipo de pesquisa fazemos, sob qual abordagem e os tipos de dados que analisamos. Na sequência, mostramos a base de dados que utilizamos para a coleta de nosso córpus, bem como identificamos o perfil dos informantes e os contextos de captação dos vídeos.

Em seguida, apresentamos como foi realizado o processo de coleta das ocorrências, explicitando os processos de busca e de conferência dos dados. Depois, mostramos como construímos nossas glosas, as convenções utilizadas para apresentação dos sinais manuais e dos marcadores não manuais, o processo de edição dos vídeos e da inclusão destes em plataforma virtual para disponibilização no decorrer deste texto. Além disso, explicamos qual o padrão utilizado para apresentação das ocorrências que analisamos.

Por fim, indicamos os procedimentos para análise das ocorrências segundo os grupos de fatores que elegemos, indicando nossas hipóteses e decisões para representá-los.

3.1 Fonte dos dados

Para a realização de uma pesquisa sob a perspectiva funcionalista, é essencial que os dados investigados tenham origem em produções naturais de uso, quer dizer, que não tenham se originado a partir da elicitação de sentenças. Assim, a fim de realizar uma investigação sincrônica do uso da Libras, sob uma abordagem quali-quantitativa, elegemos o Córpus de Libras, desenvolvido pela UFSC, como base para a busca de nossos dados.

A escolha pelo Córpus de Libras se deu na medida em que este se configura, atualmente, como uma base de dados de referência nacional, e que contempla um quantitativo relevante de vídeos em que surdos dialogam sobre diferentes temas predefinidos pelos pesquisadores. A construção do Córpus partiu de uma iniciativa de pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). De acordo com Quadros (2016), o Córpus de Libras começou a ser desenvolvido em 1995, reunindo diferentes projetos, com dados de fontes diversas e diretrizes para o registro dos dados e metadados da Língua Brasileira de Sinais:

> O primeiro deles documenta dados de estudos longitudinais com crianças surdas filhas de pais surdos adquirindo a Libras. Posteriormente, foram incluídas crianças surdas filhas de pais ouvintes; crianças surdas com implante coclear, filhas de pais surdos e pais ouvintes; e crianças ouvintes filhas de pais surdos (Codas) (QUADROS, 2016, p. 11).

O acervo do Córpus de Libras, que está todo *on-line* e disponível para *download*[36] atualmente, agrupa registros de diversos estados do Brasil, tendo para o estado de Santa Catarina um quantitativo bastante expressivo de produções em Libras, reunidas em diferentes grupos, a saber:

- Libras Acadêmico.
- Exame Prolibras UFSC.
- Prolibras SC.
- Antologia de Poesias SC.
- Empréstimos Linguísticos.
- Inventário de Libras.
- Antologia de Poesias SC.

[36] Disponível em: http://corpuslibras.ufsc.br/dados. Acesso em: 20 jun. 2020.

Desses grupos, decidimos utilizar os dados provenientes do *Inventário Nacional de Libras*, que integra o Córpus. De acordo com Quadros (2016, p. 12), a metodologia de captação de material no início do Projeto serviu de referência para os materiais usados no Inventário de Libras, com o objetivo de "estabelecer a documentação da Libras em âmbito nacional e já conta com dados coletados da Grande Florianópolis (Santa Catarina) e [...] de Maceió (Alagoas)". Essa metodologia compreende interações de "surdos em pares divididos em três grupos, por idade e por gênero".

No Inventário de Libras, vários temas são debatidos por duplas de informantes surdos. Os selecionados por nós contemplam discussões sobre a "Educação de Surdos" e sobre "Tecnologias" sobretudo porque contêm um material maior no que se refere ao tempo de conversação.

Além disso, a interação entre os informantes para a discussão de ambos os temas privilegia nossa pesquisa, sobretudo por suscitarem produções de narrativas de cunho pessoal. Enfatizamos isso porque, embora os informantes estejam em um contexto monitorado, quer dizer, com a presença de monitores que indicam os temas sobre os quais devem debater, não há um controle sobre a forma como organizam suas interações. Prova disso é que, apesar dos temas estabelecidos, as duplas narram experiências próprias dentro desse contexto. Explicitamos isso na medida em que se poderia suscitar uma discussão sobre a naturalidade dos dados, uma vez que os informantes estão em um laboratório, com cinco câmeras direcionadas em diferentes ângulos.

Labov (2018[1972]) chama a atenção, nesse sentido, para o *paradoxo do observador*, quando trata captação de dados de fala espontânea em línguas orais, uma vez que a presença do pesquisador pode interferir no material obtido para análise; assim, ele recomenda

cuidados para minimizar possíveis influências negativas decorrentes da presença do investigador diante do informante.

Uma estratégia para isso é que o pesquisador se mantenha na posição de observador, quer dizer, não participe diretamente da situação de comunicação – procedimentos utilizados para a captação de material no Córpus de Libras. Além disso, os temas eleitos por nós são relativamente "delicados" à comunidade surda. Por exemplo, a ânsia por escolas bilíngues ou os percalços vividos nas escolas inclusivas (em que o aluno surdo é "incluído" em uma sala com ouvintes e precisa do auxílio constante de um intérprete para ter acesso ao conteúdo) costumam envolver emocionalmente os informantes, de modo que eles se envolvem mais ao conteúdo do que o esperado, prestando, assim, menor atenção à forma de suas produções linguísticas (TARALLO, 1990). Sendo assim, as narrativas de cunho pessoal costumam minorizar a presença de pesquisadores e câmeras, o que contribui sobremaneira para a obtenção de um material mais natural.

Outra questão que é importante frisar é que o Córpus de Libras ainda não apresenta, de modo detalhado, todas as informações suficientes para que seja traçado um exato perfil sociolinguístico dos informantes. Segundo as informações disponíveis, é possível dizer que a maioria dos informantes "adquiriu/aprendeu" a Libras em contextos escolares ou nas Associações de Surdos, depois dos sete anos de idade, na medida em que nasceram em famílias de ouvintes. Não há a identificação se os informantes são ou não bilíngues, mas, tendo em vista a informação de que, em alguma medida, frequentaram escolas de ouvintes (apenas dois participantes informaram ter estudado em escolas de surdos em algum momento), podemos inferir que são bilíngues, sobretudo porque consideramos a posição assumida por Grosjean (2013), que relaciona o bilinguismo ao uso de duas ou mais línguas na vida cotidiana,

considerando, assim, um grupo bem maior de usuários de línguas se comparados às noções que se baseiam apenas na perfeita fluência das línguas em contato[37].

Os temas são debatidos por três grupos de informantes. O Grupo 1 é formado por seis duplas de informantes considerados “mais jovens” (de 18 a 29 anos); o Grupo 2, por seis duplas de informantes considerados “adultos” (de 30 a 59 anos); o Grupo 3, por seis duplas de informantes considerados “idosos” (acima de 60 anos). Dentre as duplas, há a divisão proporcional entre surdos do sexo masculino e do sexo feminino. A região que escolhemos foi a de Santa Catarina, que foi finalizada anteriormente à de Maceió. Ao todo, são captados, portanto, os discursos de 36 informantes surdos – 18 homens e 18 mulheres. Em síntese, nosso banco de dados fonte contém a seguinte distribuição:

- Três duplas de mulheres de 18 a 29 anos.
- Três duplas de homens de 18 a 29 anos.
- Três duplas de mulheres de 30 a 59 anos.
- Três duplas de homens de 30 a 59 anos.
- Três duplas de mulheres com mais de 60 anos.
- Três duplas de homens com mais de 60 anos.

Com relação à extensão de nosso córpus, todo o material selecionado por nós partiu de um volume de duas horas, vinte e seis minutos e dois segundos (2h26m02) de vídeos em que os informantes interagem em Libras. Além disso, esses vídeos contêm diferentes ângulos de captação de imagem: uma câmera apontada para ambos os informantes ao mesmo tempo; uma câmera apontada para o informante da direita; uma câmera com foco no informante da esquerda;

---

[37] GROSJEAN, F. Bilingualism: a short introduction. In: GROSJEAN, F.; LI, P. (Org.). The psycholinguistics of bilingualism. Malden: Willey-Blackwell, 2013. p. 5-25.

e uma câmera com visão aérea, acima dos informantes, em que é possível visualizar, com maior clareza, a movimentação do dorso, como se pode observar na Figura 16:

Figura 16 Diferentes ângulos dos informantes – Dupla 1, Grupo 1.

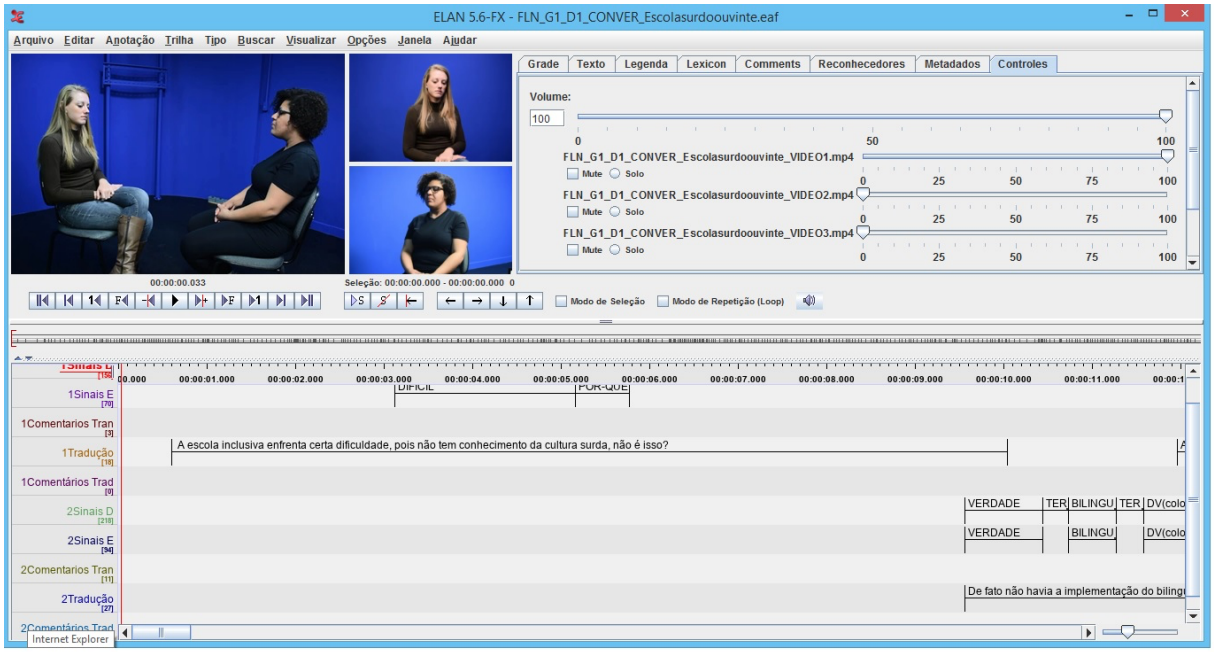


Fonte: Corpus de Libras (2020).

Além de todo o trabalho de captação das imagens, todos os vídeos foram trabalhados posteriormente com o sistema de anotação Eudico Annotator – ELAN. O ELAN, segundo Oushiro (2014, p. 18), é um programa para anotação de arquivos de áudio e vídeo, desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística, cujas principais vantagens de utilização para a anotação de dados linguísticos são: (a) "a sincronização entre o arquivo de mídia e a transcrição/anotação, o que facilita enormemente a análise linguística dos dados (por exemplo, para codificação de variantes de variáveis fonéticas)"; (b) "a possibilidade de criação de múltiplas trilhas", o que, no caso da anotação de dados de línguas de sinais, permite uma anotação detalhada dos sinais e dos marcadores não manuais; (c) "o fato de ser gratuito, e que

vem sendo utilizado cada vez mais entre estudiosos da língua em uso". A seguir, apresentamos um exemplo da tela do ELAN:

Figura 17 *Print* da Tela de trabalho no ELAN.



Fonte: elaboração própria.

Assim, cada dupla de cada grupo contém um arquivo com a extensão “.eaf”, em que são anotados, em trilhas diferentes, os sinais produzidos pela mão esquerda dos dois informantes, os sinais produzidos pela mão direita dos dois informantes, uma sugestão de tradução, bem como comentários feitos pelos tradutores. Mais trilhas podem ser adicionadas aos arquivos, depois de feito o *download*; por exemplo, podem-se adicionar campos para anotação dos movimentos de cabeça, da direção do olhar, do arqueamento das sobrancelhas, entre outros pontos importantes a cada pesquisa em particular.

Ademais, o programa possibilita que as imagens sejam passadas em câmera superlenta, frame a frame inclusive, o que permite que detalhes talvez imperceptíveis – dada a velocidade da sinalização – sejam captados pelo pesquisador.

3.2 Coleta das ocorrências

Para coletar as ocorrências de uso de orações condicionais, fizemos uso de uma ferramenta muito útil do ELAN: a ferramenta de busca automática entre as trilhas anotadas de vários arquivos selecionados de uma vez. Sendo assim, de uma só vez, pudemos fazer buscas de cada termo específico em todos os 36 arquivos de anotação dos vídeos.

Isso facilitou, por exemplo, a busca por sinais que podem introduzir orações condicionais, como SE e EXEMPLO. Para as condicionais justapostas, a busca se deu através das trilhas de tradução ao português, em que buscamos conjunções desta língua oral já conhecidas como possíveis veiculadoras de valores condicionais, como o prototípico "se" e outros apontados por Hirata-Vale e Oliveira (2017), como *caso (em) que*, *somente se*, *salvo se*, *exceto se*, *a menos que*, *sem que*, *uma vez que*, *supondo que*, *desde que*, *dado que*, *na condição de que*, *na eventualidade de que*.

Todavia, é preciso dizer que, embora haja as facilidades de busca automática por meio do *software*, ainda assim precisamos analisar todos os vídeos na íntegra. Fizemos isso para nos certificarmos de que as anotações estavam corretas e de que não haveria ocorrências que, embora não traduzidas como condicionais, se configurassem como condicionais, bem como para identificar os casos em que a condicional não foi introduzida por um desses sinais. A partir dessa análise na íntegra, foram encontradas algumas falhas humanas de anotação – as quais foram corrigidas por nós. Contribuíram com esse processo colegas surdos, pesquisadores em Linguística das Línguas de Sinais, bem como intérpretes ouvintes, que têm experiência com o uso da Libras. Isso resultou na identificação de **64 ocorrências** de orações condicionais introduzidas por SE, EXEMPLO ou justapostas.

Uma vez identificadas as ocorrências, elaboramos as glosas de cada exemplo. Para as convenções destas, utilizamos como base as disponíveis no Manual de Transcrição do Inventário de Libras (QUADROS, 2015). Sendo assim, para diferenciar as glosas das línguas

de sinais de realizações escritas de línguas orais, nós as representamos em caixa alta (letras maiúsculas).

As linhas sobrescritas a cada glosa representam os marcadores não manuais gramaticais ou as funções referentes ao uso desses marcadores a que queremos chamar atenção a cada exemplo, apresentados, respectivamente, nos Quadros 5 e 6 a seguir:

Quadro 5 Marcadores Não Manuais identificados nas condicionais.

ArqSb	Arqueamento de Sobrancelha
FrzSb	Franzimento de Sobrancelha
DesvOlh	Desvio dos Olhos
OlhSem	Olhos Semicerrados
IncD	Inclinação de Cabeça à Direita
IncE	Inclinação de Cabeça à Esquerda
IncB	Inclinação de Cabeça para Baixo
IncC	Inclinação de Cabeça para Cima
IncSIM	Balanço de Cabeça Vertical SIM
Mth	Mouthing
BcFer	Boca de Ferradura
NrEn	Nariz enrugado

Fonte: elaboração própria.

Quadro 6 Funções veiculadas pelos Marcadores Não Manuais nas condicionais.

Cond.	Condicionalidade
Int.	Interrogação
Afirm	Afirmação
Neg.	Negação
Top.	Tópico

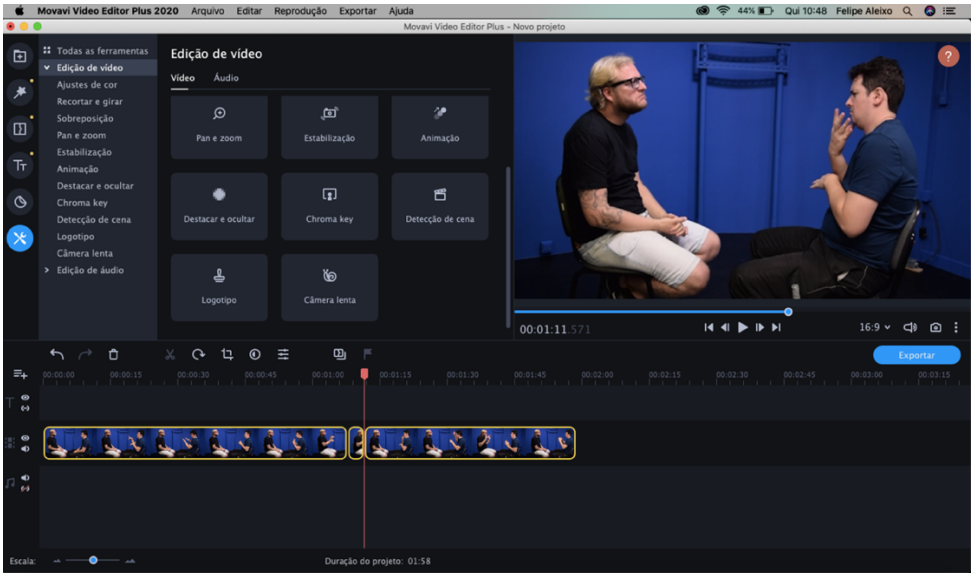
Fonte: elaboração própria.

Depois de estabelecidas as glosas, realizamos a tradução de cada exemplo para o português, considerando, sempre, o contexto em que a sentença foi produzida. Dizemos isso porque, em alguns casos, a tradução parece conter mais informações do que consta na glosa. Tomamos essa decisão para que os leitores não familiarizados com a Libras conseguissem observar nossas ocorrências por completo. Para os leitores que conhecem a Língua de Sinais Brasileira, oferecemos o contexto de realização das ocorrências por meio dos links de acesso a trechos dos vídeos em que é preciso atentar-se ao contexto anterior.

Para isso, é preciso dizer, antes, que selecionamos todas as nossas ocorrências sob a forma de arquivos de vídeos separados, quer dizer, isolamos as orações condicionais editando dois arquivos para cada caso: em um, focalizamos a ocorrência com foco ao informante que a produz; em outro, privilegiamos o contexto de realização com a dupla em interação. Fizemos isso para que, durante a exposição de nossos dados, o leitor tenha acesso à produção real da sentença, sem precisar se ater unicamente à glosa. Além disso, por ser uma língua visual, poderia ser que a glosa não fosse tão rica em detalhes como é o vídeo. Então, por meio do

software Movavi Video Editor Plus®, recortamos as sentenças condicionais e as salvamos em arquivos independentes.

Figura 18 *Print* da tela em uso do Movavi.



Fonte: elaboração própria.

Na sequência, fizemos o *upload* de cada arquivo para a Plataforma de Vídeos on-line YouTube, deixando cada arquivo disponível sob o modo *não listado*; isso significa que somente terão acesso a esses recortes de vídeo (que são nossas ocorrências) aqueles que tiverem acesso aos *links* incluídos nesta tese, todos disponíveis em notas de rodapé nas páginas em que as glosas são apresentadas.

Uma estratégia que tem sido muito utilizada em apresentações de trabalhos e textos acadêmicos que envolvem línguas de sinais é inserir, ao lado de cada glosa, um Qr-code (*Quick Response Code*) para acessar os vídeos correspondentes às ocorrências, em vez de simplesmente incluir o *link* de acesso. Com o Qr-code, o leitor pode, ao apontar a câmera do seu smartphone à imagem impressa, ter acesso ao vídeo disponível na plataforma de vídeos.

Essa é mais uma ferramenta que contribui para as pesquisas que envolvem línguas de sinais. A seguir, apresentamos um exemplo de como serão apresentadas, ao longo da nossa seção de análise, todos os exemplos de nossas ocorrências:

(52)

cond

SE INTÉRPRETE AJUDAR BOM

Se tem intérprete, ajuda, é bom.[38]

Apresentamos, por fim, após cada exemplo glosado, uma sequência de imagens que contempla, sobretudo, os limites entre prótase e apódose das orações condicionais, juntamente com o respectivo sinal manual glosado abaixo.[39] Para uma melhor observação, os quadros que contêm as prótases são destacados com uma moldura em vermelho:



SE INTÉRPRETE AJUDAR BOM

Uma vez recolhidas as ocorrências, passamos a organizá-las de diferentes formas, a fim de facilitar o processo de análise. Inicialmente, em uma planilha do *software* Microsoft Excel, organizamos todas as ocorrências linha a linha. Cada linha, como mostramos a seguir,

[38] Disponível em: https://youtu.be/maBh79bpR7k.
[39] Restringimos a apresentação das imagens em virtude do espaço.

contém o número da ocorrência, o arquivo de vídeo em que esta se encontra, o grupo em que o informante se insere, o tempo exato de sua produção, a glosa da anotação, a sugestão de tradução, o tipo de sinal manual encontrado, os marcadores não manuais em destaque, o tipo da condicional quanto ao grau de hipoteticidade (factual, contrafactual e eventual), o tipo semântico (segundo Sweetser – conteúdo, epistêmica, ato de fala e metatextual), a posição da marcação condicional (anteposta ou posposta), o tipo de informação veiculado pela condicional (dado, novo ou inferível) e o tipo de tópico/adendo utilizado. A seguir, apresentamos um recorte de como produzimos nossa tabela.

Figura 19 Exemplo de Organização dos dados no Excel.

	Identificação	Temp	Grup	Ocorrência	Tradução
1	FLN_G1-D2_ CONVER_ escola	00:19.930	G1	IX(ele) · PROFESSOR · OUVINTE · INTÉRPRETE · INCLUSÃO ·	Se tem um professor ouvinte junto de um intérprete, é uma escola inclusiva
2	FLN_G1-D2_ CONVER_ escola	01:07.459	G1	SE · INTÉRPRETE · APOIAR ·	Se tem intérprete, ajuda.

Tipo de SE	Hipoteticidade	Tipo de Tópic	Posição	FACTUALIDADE	Semântica	Mouthing	Arq. Sobr.	Piscar
JUSTAPOSTA	1	contraste	Anteposta	Factual	CT	NÃO	SIM	SIM
SE	2	opção	Anteposta	Factual	CT	SIM	SIM	SIM

Fonte: elaboração própria

Nessa figura, apresentamos duas capturas de tela de algumas colunas (que no arquivo real ficam em sequência linear) para que os leitores tenham uma noção de como organizamos nossos dados. Fica inviável aqui, em virtude do espaço, uma captura total da planilha. É preciso dizer, ainda, que preferimos utilizar o Excel em virtude de nossa experiência com o uso do programa, além das possibilidades que os filtros de categorias proporcionam à nossa análise, de modo que podemos selecionar apenas os grupos que queremos observar, o que os coloca em relação com as demais colunas. Além disso, o uso do programa permite a elaboração automática dos gráficos que apresentamos em nossa análise.

3.3 Critérios de análise

Depois de coletadas e organizadas todas as nossas ocorrências, passamos a analisá-las observando aspectos formais, semânticos e semântico-pragmáticos das condicionais da Libras.

Com relação aos critérios formais, identificamos, inicialmente, a realização fonológica dos sinais manuais SE e EXEMPLO; uma vez que funcionam como conjunções que introduzem as orações condicionais, quisemos deixar registradas as variações de suas realizações. Isso tem importância na medida em que corrobora a descrição do fenômeno em evidência, bem como pode indicar tópicos importantes relacionados aos outros níveis em análise. Sendo assim, atentamo-nos, para a produção de ambos os sinais, aos parâmetros Configuração de Mão (CF), Movimento (M), Ponto de Articulação, Orientação da palma da mão (O) e, ainda, Expressões não manuais (ENM) associadas ao uso desses sinais. Esses parâmetros, vale destacar, configuram-se como unidades mínimas distintivas nas línguas de sinais, sendo considerados, inicialmente, por Stokoe (1960)[40] e, posteriormente, Battison (1974), Kilma e Bellugi (1979) e Liddell e Johnson (1989).

Na sequência, passamos a identificar outros elementos não manuais que mostrassem um padrão de uso sobre os constituintes que formam as condicionais: prótase e apódose; sendo assim, observamos todos os articuladores em uso durante as ocorrências: sobrancelhas, boca, nariz, olhos, bochechas, queixo, cabeça, ombros e dorso. Para essa identificação, passamos a observar se os usos não manuais veiculavam valores afetivos ou se tinham funções gramaticais.

---

[40] Na verdade, Stokoe (1960) considera, inicialmente, três parâmetros: configuração de mão, ponto de articulação (ou locação) e movimento. Posteriormente, Battison (1974) identificou o quarto parâmetro: a orientação da palma das mãos, também desenvolvido por Klima e Bellugi (1979). Liddel e Johnson (1989) adicionaram os usos de outras partes do corpo e da face como partes integrantes do sinais, as ENM.

Em seguida, passamos a identificar a posição dos constituintes: se se apresentavam de forma anteposta, ou seja, prótase > apódose, ou de modo posposto, com apódose antecedendo a prótase. Além disso, observando os contextos de produção, identificamos o tipo de informação veiculados pelos constituintes, nos termos de Prince (1989). Assim, observamos se a informação veiculada categorizava-se como sendo dada (disponível no contexto anterior), nova (apresentada pela primeira vez) ou inferível (que o falante/sinalizante supõe que seu ouvinte tem a capacidade de deduzir, por raciocínio, a outras entidades já evocadas). A observância do estatuto informacional dos constituintes foi útil para observar se as condicionais, na Libras, sempre funcionavam como tópicos das sentenças.

Posteriormente, passamos à análise dos dados considerando os graus de hipoteticidade. Inicialmente, tínhamos a hipótese de que poderíamos agrupar as condicionais dentro de um modelo tripartido (factuais, eventuais e contrafactuais), como, por exemplo, Neves (2000) sugere para o português. Ao mesmo tempo, observamos se marcadores não manuais específicos poderiam dar pistas para a divisão das condicionais nesses três grupos, uma vez que, nas línguas de sinais, não há a marcação morfológica de tempo e modo nos verbos sinalizados. Como vai ser observado na seção de análise, ao avaliar a impossibilidade de uma subdivisão bem marcada entre factuais, potenciais/eventuais e contrafactuais, elaboramos um continuum de factualidade, inspirados pelo estudo de Comrie (1986), que acomoda melhor os dados que obtivemos.

Finalmente, passamos a avaliar os usos das condicionais, considerando os domínios propostos por Sweetser (2002) (conteúdo, epistêmico e de atos de fala) e, adicionalmente, por Dancygier (2003) (que incluiu as metatextuais), observando a realização semântico-pragmática a partir do *cline* de abstração proposto por Oliveira (2019).

Durante a análise, apresentamos, ainda, os cruzamentos estatísticos que se mostraram entre os grupos de fatores que mencionamos. Esse cruzamento é apresentado por meio de tabelas e gráficos.

4. Análise

Nesta seção, apresentamos os resultados que obtivemos a partir da análise das 64 ocorrências de orações condicionais que recolhemos do Córpus de Libras da UFSC. Inicialmente, apresentamos os aspectos formais identificados, para, na sequência, partir para as análises semântica – que considera os graus de hipoteticidade das condicionais – e semântico-pragmática, em que observamos os domínios de uso.

4.1 Aspectos Formais das Condicionais

Nosso objetivo, com esta subseção, é descrever não só os tipos de sentenças condicionais da Libras, como também os usos manuais e não manuais que compõem essas realizações encontradas em nosso córpus. Fazemos isso porque queremos deixar registrados os aspectos formais que identificamos, discutindo as variações das realizações para a produção das condicionais. Isso tem importância na medida em que contribui com a descrição do fenômeno em evidência, bem como pode indicar tópicos importantes relacionados aos outros níveis em análise.

4.1.1 Tipos de Sentenças e Marcadores Manuais

Já observamos, em nossa seção de Fundamentação Teórica, que, segundo Pfau (2008), muitas das línguas de sinais estudadas até o momento permitem a realização de orações condicionais em que há ou não o uso de conjunções manuais. O mesmo pode ser atestado com os dados que obtivemos com o uso da Libras, de modo que os sinalizantes produziram, naturalmente, tanto sentenças condicionais com a presença de conjunção manual, quanto sentenças em que esta está ausente. Sendo assim, consideraremos, para as orações com um

enlace conjuntivo, aquelas em que há a presença de um marcador manual presente na prótase da condicional, e as orações com um enlace justaposto, aquelas em que, embora não tenham a marcação manual, apresentam uma relação semântica que as identificam como veiculadoras de condicionalidade.

A busca por orações condicionais no Córpus de Libras foi realizada considerando os sinais manuais SE e EXEMPLO[41]. Como dissemos na seção em que tratamos da nossa metodologia, utilizamos os campos de busca tanto para os sinais manuais glosados nos arquivos do ELAN, como também buscamos, nas trilhas de tradução, ocorrências correspondentes a eventos condicionais, o que poderia supor a realização de uma sentença condicional justaposta. Mesmo assim, a fim de que nos certificássemos de que todas as condicionais seriam contempladas em nosso córpus, assistimos a todos os vídeos na íntegra, em busca de condicionais justapostas não identificadas no banco de dados da UFSC.

Dessa seleção, coletamos 64 ocorrências que veiculam a noção de condicionalidade na Libras, as quais podem ser subdivididas de acordo com a tabela a seguir:

Tabela 2 Tipos de sentenças condicionais.

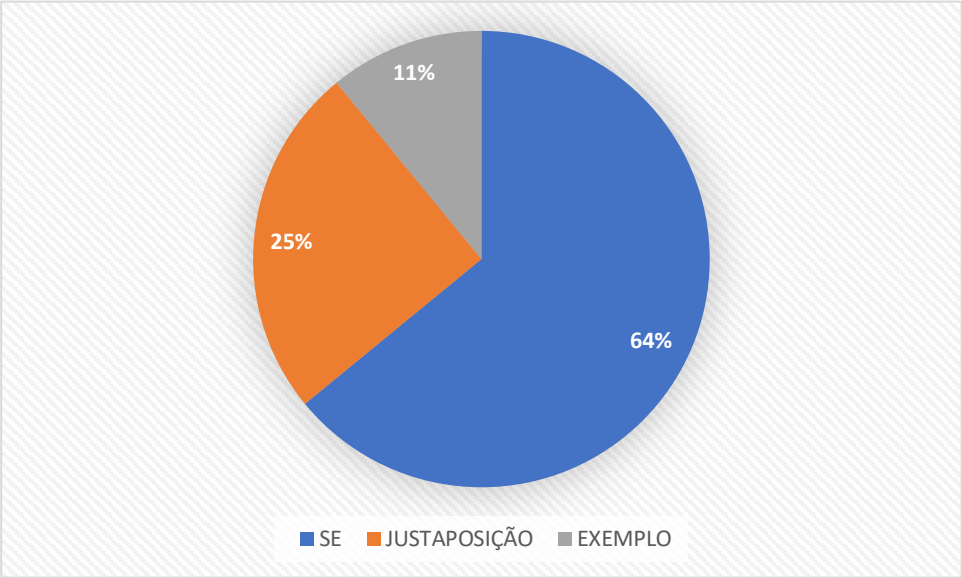
Tipo de sentença	Quantidade	%
SE	39	61,0
Justaposta	17	26,5
EXEMPLO	08	12,5
Totais	64	100

Fonte: elaboração própria.

[41] Segundo informantes de São Paulo, há variação nos sinais manuais que podem veicular noções condicionais, como OLHAR e MAIS-OU-MENOS. Todavia, não foram identificados esses registros, no banco de dados investigado por nós, cujo uso se dê em noções condicionais.

Assim, de acordo com os dados coletados por nós, nossos informantes tendem a introduzir mais suas sentenças condicionais por meio da conjunção SE (61,9%), seguidos pela justaposição (25,4%) e pela conjunção EXEMPLO (12,7%), cuja frequência pode ser mais bem visualizada no gráfico a seguir:

Gráfico 1 Frequência dos tipos de enlace condicional.



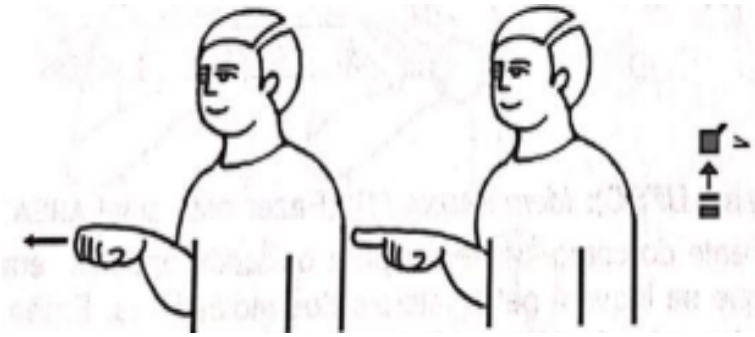
Fonte: elaboração própria.

4.1.1.1 O sinal SE

A conjunção manual mais utilizada em nossas ocorrências corresponde ao uso prototípico do "sinal condicional *par excellence*", segundo a literatura (por exemplo, QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2008; AMPESSAN, 2017; FIGUEIREDO; LOURENÇO, 2019; LIMA, 2019). Na Libras, o SE é produzido, de acordo com Capovilla et al. (2017, p. 2542), com a configuração de mão em "S", palma virada para baixo, com a posterior extensão do dedo mínimo, exprimindo, na oração, "uma hipótese ou condição

necessária para que se realize ou não o que se expressa". Vejamos, a seguir, a reapresentação do sinal SE da Libras:

Figura 20 O sinal SE da Libras.



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2542).

Na Figura 20, o sinal é produzido com a palma da mão virada para baixo. Em nossos dados, contudo, é raro observar o sinalizante utilizando essa realização. Das 39 realizações, isso acontece apenas quatro vezes. Nas demais, a orientação da palma da mão está voltada para a frente. No exemplo a seguir, apresentamos o padrão encontrado em nossos dados de como o informante introduz uma sentença condicional usando o sinal SE:

(53)

Cond.

SE OUVINTE INCLUSÃO IX(dem) SURDO OU OUVIR INCLUSÃO FS(ok)[42]

Se o ouvinte inclui o surdo, tem inclusão.

[42] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iVoDaCFcoiw&feature=youtu.be>.

Na imagem a seguir, indicamos, *frame* a *frame*, a realização do sinal, tal como descrevemos:

Figura 21 Detalhamento de produção do sinal SE.

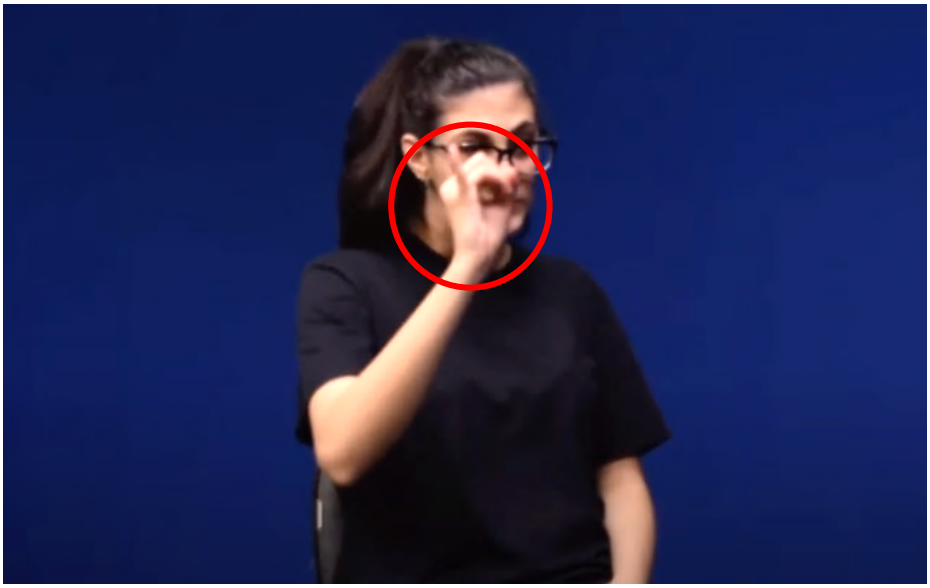


Fonte: adaptado de Corpus de Libras (2020)

De forma mais detalhada, sugerimos a seguinte descrição para o sinal, de acordo com o que observamos em nossos dados: configuração de mão inicial em S, orientação da palma da mão virada para a frente, arqueamento da sobrancelha com inclinação da cabeça para a lateral, mouthing de “si”, movimento retilíneo da mão para a frente com a extensão do dedo mínimo, com ponto de articulação neutro. Vale mencionar que o sinal pode variar fonologicamente quanto aos parâmetros Configuração de Mão (CF), Orientação (O) e Movimento (M).

Com relação à configuração de mão, os sinalizantes podem produzir a realização inicial do sinal com a CF em "O", para, na sequência ou simultaneamente, ocorrer a extensão do dedo mínimo, como mostra a imagem a seguir[43]:

Figura 22 Variação de Configuração de Mão do sinal SE[44].



Fonte: adaptado de Corpus de Libras (2020).

Vale dizer que, para o corrente uso do sinal SE sob a forma conjuntiva veiculadora de condicionalidade, apresentamos duas hipóteses sobre sua origem com base nos dados que obtivemos. A primeira delas é que o sinal pode ter sido derivado do sinal SI da Língua de Sinais Francesa (LSF), apresentado a seguir:

[43] Essa configuração de mão fez que anotadores da UFSC glosassem esse sinal como OI.
[44] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I6T05DO6Xlo.

Figura 23 Sinal SI da LSF.



Fonte: adaptado do vídeo disponível em: https://dico.elix-lsf.fr/dictionnaire/si.

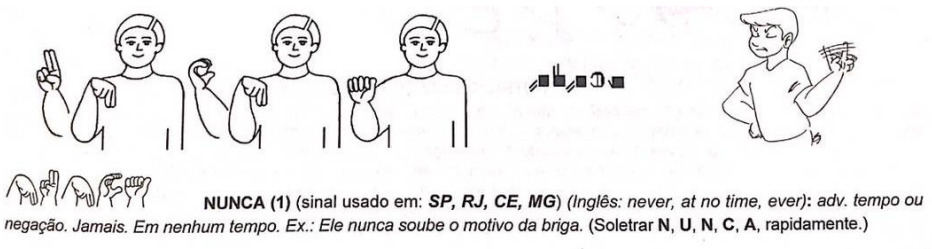
Essa hipótese poderia ser levantada em virtude da relação de parentesco que ambas as línguas, Libras e LSF, têm entre si. O sinal SI da LSF é produzido com a configuração de mão em "S", com a orientação da palma da mão voltada para o emissor, com ponto de articulação neutro à altura da face, seguido por um giro da palma da mão para a frente concomitante à extensão do dedo mínimo. Sendo assim, os sinais SE e SI apresentam muitas semelhanças, à exceção da mudança de orientação da palma da mão, o que poderia denotar, sim, uma explicação para o seu uso na Libras. Para a confirmação dessa hipótese, todavia, seria necessária uma pesquisa sob a perspectiva diacrônica, a fim de observar como os surdos brasileiros usavam (ou se usavam) essa conjunção antigamente.

Uma segunda hipótese para o seu uso seria uma possível influência da língua portuguesa oral, majoritariamente usada no Brasil. Embora tenha a grafia "SE", a pronúncia [si] corresponde às configurações de mão utilizadas, na sequência, para a produção do sinal: S + I.

Apesar de a datilologia, ou soletração manual (*fingerspelling*), ser usada de modo amplo nas línguas de sinais como um recurso para representar as palavras escritas de línguas

orais para as quais ainda não há um sinal convencionalizado[45], ela também pode ser usada, segundo Wilcox (1992), para representar nomes de pessoas, de lugares, de meses e vocabulário técnico. Esse uso pode, inclusive, funcionar como um princípio para sinais que, mais tarde na língua, se lexicalizam, como os sinais de NUNCA e de AZUL na Libras, por exemplo.

Figura 24 Sinal NUNCA[46].



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 1983).

Figura 25 Sinal AZUL



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 337).

Wilcox (1992, p. 9-10) afirma, ainda, que os surdos também fazem a soletração manual de palavras funcionais das línguas orais. Nesse sentido, ele cita exemplos da ASL, como a preposição "O-F", o particípio "B-E-E-N" e pronomes "H-E" e "S-H-E". Schembri e Johnston (2007)[47] também dizem que encontraram, em dados da BSL e da Auslan, sinais originados da

[45] A soletração manual pode, ainda, estar a serviço de outras funções nas línguas de sinais. Nesse sentido, conferir Padden e Gunsauls (2003).

[46] Esse sinal pode apresentar uma variante em que há, de acordo com Rodrigues e Silva (2017, p. 693), redução fonológica ou alteração prosódica, cuja realização ocorre com a soletração de "N-U-N".

soletração manual que desempenham funções gramaticais das línguas orais, como conjunções e preposições. Esse empréstimo realizado por meio da datilologia, consoante Baker-Shenk e Cokely (1980), permite que a realização em língua de sinais se torne mais semelhante ao sistema obtendo uma aparência "cada vez mais nativa", ou seja, ela é integrada ao sistema da língua-alvo, adaptando-se, inclusive, à sua fonologia.

Logo, o sinal SE pode ter se originado da forma escrita do português, concomitantemente à sua pronúncia da língua oral, em que o "e" átono final é produzido com o som de [I]. Um fato que corrobora essa hipótese está presente em nossos dados: das 6 ocorrências de condicionais realizadas por surdos do Grupo 3, do qual fazem parte informantes mais idosos[48] (acima de 59 anos), apenas uma ocorrência com a conjunção manual foi realizada; há, assim, a preferência desse grupo pelo uso de condicionais justapostas, sem a presença da conjunção manual. Isso pode evidenciar que o uso das conjunções manuais, preferida pelos informantes mais novos, seja relativamente recente no uso da Libras, o que poderia invalidar a hipótese do uso proveniente da relação de familiaridade entre Libras e LSF. Uma pesquisa futura, com viés diacrônico e com uma maior coleta de dados de produções de pessoas idosas, todavia, pode ou não refutar essa nossa conclusão.

4.1.1.2 O sinal EXEMPLO

Como expusemos em nossa seção teórica, é usual que encontremos, na literatura sobre a Libras, apenas referência ao sinal manual SE como conjunção que exprime, por si só, a

[48] Chama a atenção esse nosso dado, que contradiz o exposto por Padden e Gunsauls (2003), para o quais sinalizantes mais velhos tendem a soletrar com maior frequência nomes comuns do que os sinalizantes mais jovens. Nesse sentido, uma pesquisa com esse foco deve ser elaborada para observar e analisar o fenômeno.

condicionalidade (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2008; CAPOVILLA et al., 2017; AMPESSAN, 2017; LIMA, 2019; PAULUS, 2020; RODRIGUES, 2020; CARNEIRO; KHOURI; LUDWIG, 2021). É consenso entre os autores, ainda, que a expressão de condicionalidade também pode acontecer entre orações justapostas, ou seja, em que não há a marcação manual, embora sejam utilizadas marcações não manuais prototípicas da condição.

Em outras línguas de sinais ao redor do mundo, há, todavia, outros sinais manuais que também são usados para exprimir o valor condicional. Por exemplo, os sinais de SUPPOSE[49] (ou STEL) para a NGT (KLOMP, 2019) e SUPPOSE para a ASL (WILCOX; WILCOX, 1995; BAKER-SHENK; COKELY, 1981) também assumem funções +gramaticais quando utilizados como conjunções.

Reiteramos aqui que, em Libras, Rodrigues (2020) identificou o uso do sinal manual EXEMPLO introduzindo, também, orações condicionais. A pesquisadora mostra em sua tese que o sinal apresenta, sincronicamente, uma realização +lexical, ou seja, com uso para "explicar o que se disse anteriormente", e, também, uma realização +gramatical, como conjunção condicional.

De modo semelhante, Quer (2016, p. 375), ao descrever a estrutura prosódica das condicionais na Língua de Sinais Catalã, afirma que as orações condicionais podem[50] ser introduzidas também pelo sinal EXEMPLO (EXAMPLE):

(54)

br
(IF/EXAMPLE) RAIN, EXCURSION CANCEL
'If it rains, the excursion will be canceled.'
Se chover, a excursão será cancelada.

[49] Como expusemos na seção teórica, para a NGT, há duas possíveis realizações para "*stel*", glosado como SUPPOSE.
[50] Podem ser introduzidas, segundo a glosa dada em seu trabalho, por IF, por EXAMPLE ou podem não apresentar marcador manual.

Segundo Rodrigues (2020, p. 147), a forma +lexical de EXEMPLO "carrega um significado demonstrativo, que converge, também, com noções de tópico, na medida em que pode ser usado para introduzir um novo tema". Assim, uma vez que as condicionais também têm essa propriedade de introduzir um novo tema, denota-se uma relação de proximidade semântica entre as realizações.

Rodrigues (2020, p. 150) explica, assim, que o sinal EXEMPLO está em processo de gramaticalização na Libras, de modo que, como conjunção, "perde mobilidade, passando a ocorrer sempre em início de sentença", ou seja, "perde os privilégios sintáticos da categoria fonte [nome/advérbio] e passa a desempenhar funções próprias da categoria alvo [conjunção]".

Em nossos dados, são oito as ocorrências introduzidas por meio da conjunção condicional EXEMPLO, como ilustra (54) a seguir:

(54)

cond

EXEMPLO QUERER IMPLANTE-COCLEAR QUERER-NÃO IMPLANTE-COCLEAR DEPENDER

Se a pessoa quer ou não quer o implante coclear, depende de cada um.[51]



[51] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ff8Tl6mGnS4.

Em nossas ocorrências, não encontramos realizações fonológicas específicas do uso da conjunção condicional EXEMPLO em relação à sua produção com funções +lexicais. Foi observado, contudo, que, em cinco realizações de EXEMPLO como introdutor de oração condicional, o movimento retilíneo para a frente é realizado (padrão de uso recorrente para a conjunção SE), o que não ocorre em nenhuma realização sob a forma +lexical. Veja-se, em (55), um exemplo que ilustra o uso de EXEMPLO como elemento +lexical e, em 56, o uso como conjunção condicional: [52]

(55)

IX1 PREFERIR MELHOR PRÓPRIO SURD@ LÍNGUA-DE-SINAIS **EXEMPLO** OUVIR FALAR-ORAL TAMBÉM RESPEITAR+[53]

Eu prefiro me comunicar em língua de sinais; por exemplo, eu respeito os ouvintes falando entre si com a língua oral e eu espero o mesmo respeito.



IX1 PREFERIR MELHOR PRÓPRIO SURD@ LÍNGUA-DE-SINAIS



EXEMPLO OUVIR FALAR-ORAL TAMBÉM RESPEITAR

[52] Para uma melhor percepção e comparação, o momento de realização do sinal EXEMPLO, em X e Y, está em câmera lenta.
[53] Disponível em: https://youtu.be/UWAWxWt-Avs.

(56)

cond

EXEMPLO PESSOA SURDO OUVIR SURDO GOSTAR-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS EXEMPLO VARIAÇÃO LÍNGUA-DE-SINAIS GOSTAR-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS GOSTAR GOSTAR-NÃO ORAL GOSTAR ORAL DEPENDE[54]

Se um surdo ou ouvinte não gosta de Língua de Sinais, porque pode variar, tem quem não goste de língua e sinais e tem quem goste; tem quem não goste de oralizar, e tem quem goste, isso depende.[55]



[54] Disponível em: https://youtu.be/VgUAcTzFqbM.
[55] A prótase está localizada em [EXEMPLO PESSOA SURD@ OUVIR SURD@ GOSTAR-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS] e a apódose é composta por [DEPENDER].

Desse modo, podemos dizer que o sinal EXEMPLO, usado como conjunção, pode estar assumindo também propriedades fonológicas diferentes das realizações de seu uso +lexical. Um fator importante que denota, ainda, a proximidade de realização entre SE e EXEMPLO é o uso do mouthing "si"[56], apresentado na subseção a seguir.

4.1.2 Marcadores não manuais das orações condicionais

Partimos, agora, para os resultados que obtivemos ao observar os marcadores não manuais que identificamos no uso das orações condicionais da Libras. Vale dizer que partimos, primeiro, da identificação dos elementos para, depois, buscar padrões de uso que se mostraram relevantes ao nosso fenômeno em investigação. A partir desses padrões, apresentamos, nas subseções que seguem, o que encontramos.

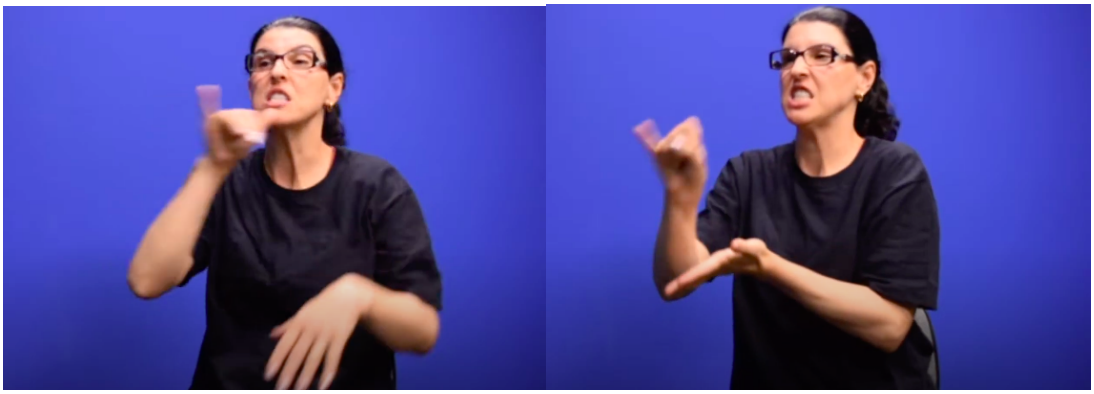
4.1.2.1 *Mouthing*

Segundo Sandler (2009, p. 14), o *mouthing* corresponde à articulação total ou parcial de palavras da língua com a qual a LS está em contato constante; todavia, ele não deve ser confundido com a realização do falar da língua oral, tendo em vista as diferenças na ordem das palavras e de outros aspectos das estruturas dessas línguas. Sendo assim, os *mouthings* podem ser usados, de acordo com a autora, seja para "acabar com a ambiguidade de dois significados de um único sinal", seja para seguir constituintes prosódicos da língua de sinais, de modo que esse uso indica não ser apenas um "empréstimo esporádico da língua oral".

[56] Preferimos relacionar o *mouthing* da conjunção manual SE à representação escrita de "si", que corresponde mais fielmente à articulação oral realizada pelos informantes surdos.

De acordo com nossos dados, pudemos perceber que os surdos, ao usarem o tanto o sinal de SE como o de EXEMPLO para introduzir orações condicionais, utilizam o mesmo *mouthing* (“si”). Esse é mais um fator que contribui para corroborar a análise do sinal EXEMPLO como conjunção que introduz o valor condicional. Vejamos, a seguir, a mesma informante produzindo EXEMPLO com o mesmo *mouthing* de uso com o sinal SE:

Figura 26 Mouthing de “si” nos sinais EXEMPLO e SE, respectivamente.



Fonte: adaptado de Corpus de Libras (2020).

De modo geral, nossas ocorrências apresentam duas situações: boca neutra, quer dizer, sem a realização de *mouthing*; e realização do *mouthing* “si”[57], concomitante à realização do sinal manual. No entanto, é bem mais raro encontrar um informante que produza o sinal manual sem produzir, também, o *mouthing*. Prova disso é que, das 64 ocorrências, apenas 7 não apresentam o mouthing (10,7%). Dessas 7, apenas uma não realização da ação bucal aparece juntamente com um sinal manual (EXEMPLO); as outras 6 não realizações aparecem em condicionais justapostas, como observamos no quadro a seguir:

[57] Os leitores poderiam se perguntar sobre como sabemos, de fato, que os sinalizantes estão produzindo, oralmente, a fricativa alveolar desvozeada [s] + a vogal oral alta anterior não arredondada [i], uma vez que, na imagem, consegue-se perceber apenas a extensão labial típica de [i]. Muitos dos vídeos do Corpus de Libras contêm, também, o áudio dos informantes – essa se apresenta como uma das formas de identificação. Mesmo assim, essa extensão labial é recorrente e, de fato, não importa se o [s] é ou não pronunciado; o que merece atenção é a sua recorrência de presença concomitantemente à produção do sinal SE.

Tabela 3 Uso do *mouthing*.

Tipo de enlace	Quantidade Total	Uso do mouthing "si"		Sem uso de mouthing	
SE	39	39	100%	00	0%
Justapostas	17	11	64,7%	06	35,3%
EXEMPLO	08	07	87,5%	01	12,5%
Totais	64	57	89%	07	11%

Fonte: elaboração própria.

Isso corrobora o tratamento do *mouthing* como parte dos sinais manuais que introduzem orações condicionais. No caso de coocorrência com o SE, o *mouthing* funciona como parte do sinal, como traço fonológico de realização. Já no caso da coocorrência com o EXEMPLO, o *mouthing*, na maioria das vezes, desambiguiza as duas possíveis realizações do sinal: +gramatical (conjunção) e +lexical (advérbio, substantivo).

Para as justapostas, por mais que a literatura ressalte o uso do arqueamento de sobrancelha, o uso do *mouthing*, mesmo sem o uso da conjunção, é muito representativo. Logo, apesar de ter havido 6 condicionais justapostas sem o movimento de boca, 11 justapostas (ou seja, sem sinal manual) apresentavam o *mouthing* "si[58]". Em outras palavras, o *mouthing* ocorreu sozinho, marcando também a oração condicional sem um componente manual. Um exemplo é dado em (57):

[58] Preferimos relacionar o *mouthing* da conjunção manual SE à representação escrita de "si", que corresponde mais fielmente à articulação oral realizada pelos informantes surdos.

(57)

cond

mth

MAS OUVIR SABER LÍNGUA-DE-SINAIS POSSÍVEL ENSINAR TAMBÉM

Mas se os ouvintes sabem língua de sinais, podem ensiná-la também[59].

Observa-se isso com precisão no quadro marcado em vermelho a seguir:



4.1.2.2 Sobrancelhas

Com relação às sobrancelhas, observamos, em nossos dados, se estavam franzidas, arqueadas ou neutras, e se a prótase da oração condicional inteira estava sendo marcada ou apenas uma parte dela. Essas relações de marcação parcial não são mutuamente exclusivas; em

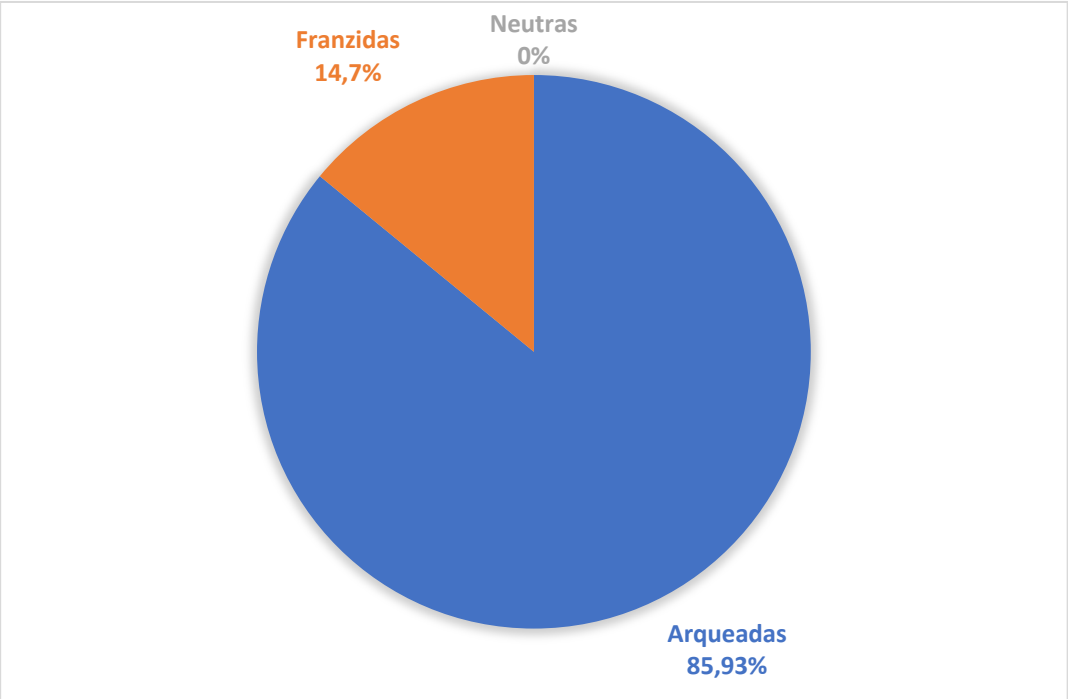
[59] Disponível em: https://youtu.be/BWaGZcx1UvM.

outras palavras, uma condicional pode ser acompanhada parcialmente por sobrancelhas franzidas e parcialmente por sobrancelhas arqueadas.

Em Libras, conforme aponta Ampessan (2017), o arqueamento das sobrancelhas é elementar para a identificação das condicionais, tal como se observa em muitas outras línguas de sinais já descritas (LIDDELL, 1980; DACHKOVSKY, 2005; 2008; SANDLER; DACHKOVSKY, 2009; SUTTON-SPENCE; WOLL, 1999; JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007; BRAEM, 1995; LACKNER, 2013; QUER, 2016).

Em nossos dados, todavia, observamos dois padrões de uso das sobrancelhas nas prótases das orações condicionais: sobrancelhas arqueadas e sobrancelhas franzidas; em nenhuma de nossas ocorrências, as sobrancelhas permaneceram neutras nas prótases. Obtivemos, então, os seguintes dados gerais:

Gráfico 2 Padrões de uso das sobrancelhas nas prótases.

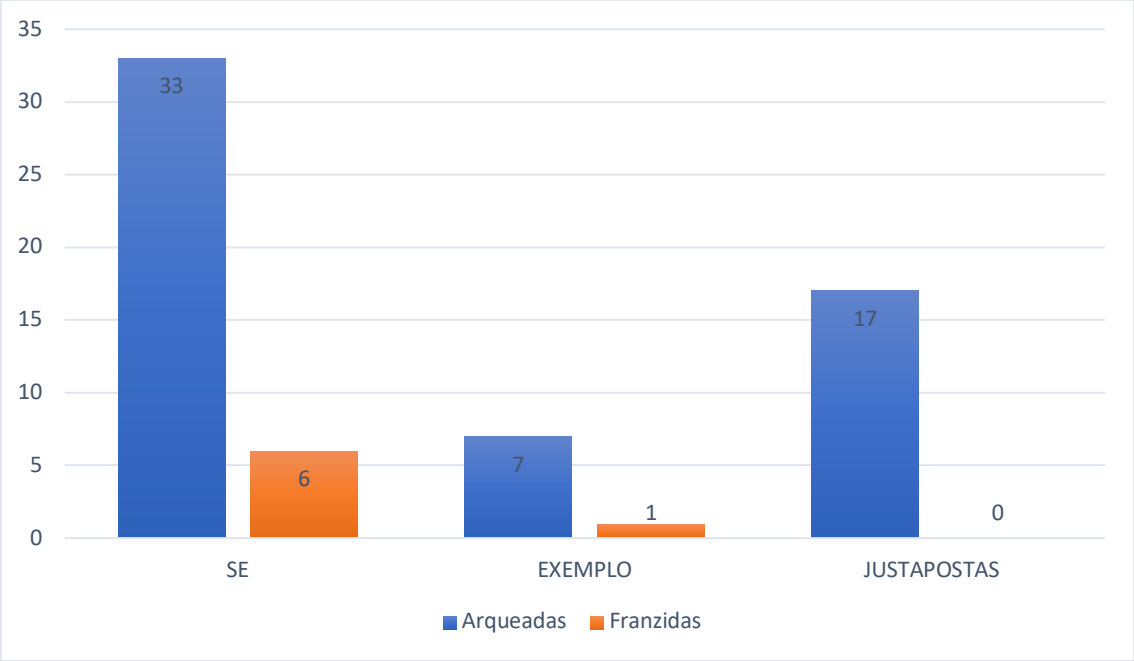


Fonte: elaboração própria.

Assim, a maioria das ocorrências (85,93%) aponta a preferência pelo uso do arqueamento de sobrancelhas como indicativo de realização condicional na prótase dessas sentenças, tal como se descreve na literatura (AMPESSAN, 2017; QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2008; PAULUS, 2020). Intrigou-nos, então, o porquê do uso do franzimento de sobrancelhas em 9 das 64 ocorrências que obtivemos.

Observamos, então, em que tipos de sentenças condicionais arqueamento e franzimento de sobrancelhas ocorreram. O gráfico a seguir indica nossos resultados:

Gráfico 3 Relação entre sobrancelhas arqueadas e franzidas X tipos de sentenças condicionais.



Fonte: elaboração própria.

Chama a atenção que, em orações justapostas, o arqueamento sempre vai ser usado. Essa parece ser, assim, uma das formas mais básicas para se codificar orações condicionais,

sobretudo quando não há a presença de marcadores manuais relativos a esse uso. Sendo assim, todas as vezes em que as sobrancelhas não foram arqueadas sobre as prótases das orações condicionais da Libras, foi identificada a presença ou do sinal SE ou do sinal EXEMPLO.

Dessa forma, parece que o franzimento de sobrancelhas ocorrido não tem uma vinculação específica com a realização da oração condicional, e, sim, uma relação com o contexto pragmático de enunciação. Em nossos dados, esse MNM apareceu em três contextos: de dúvida, de negação e de reprovação. Vejamos, a seguir, exemplos de suas ocorrências:

(58)

Frz.Sb.

SE PROFESSOR TER-NÃO FALAR-ORAL CONSEGUIR IX2 ?[60]

Se o professor oralizar na sua frente, você consegue entender?



SE PROFESSOR TER-NÃO FALAR-ORAL CONSEGUIR IX2

Em (58), o franzimento de sobrancelhas está sobreposto tanto à prótase quanto à apódose, o que indica que não tem um vínculo de realização próprio da condicionalidade. Mais que isso, parece, nesse contexto, estar relacionado ao contexto de dúvida, quer dizer, à realização de uma pergunta ao seu interlocutor. Em ASL, o franzimento de sobrancelhas está

[60] Disponível em: https://youtu.be/-vjEPDAXpcQ.

ligado diretamente à produção das *wh-questions* (BAKER 1976; LIDDELL, 1980; BAKER-SHENK, 1983). Na Libras, Quadros (2011) descreve que, para o caso das perguntas qu-, há um franzimento de testa[61]. Embora o franzimento nesse caso não tenha ocorrido em perguntas dessa natureza, parece-nos que a indagação tenha provocado o franzimento. Quadros, Pizzio e Rezende (2008, p. 10) descrevem, para as interrogativas que expressam "dúvida e desconfiança", os MNM "lábios comprimidos ou em protusão, olhos mais fechados e **testa franzida** [...]" (grifo nosso). Isso fortalece nossa conclusão sobre o porquê de as sobrancelhas estarem franzidas durante prótase e apódose, qual seja, a de que a marcação de dúvida se sobrepôs ao arqueamento, característico das condicionais.

Em ocorrências como 59, a seguir, encontramos, também, sobrancelhas franzidas, mas utilizadas em um contexto distinto:

(59)



cond
FrSb
SE QUERER-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS INTÉRPRETE[62]

Se não quiser usar Libras, pede um intérprete.

[61] Pfau e Quer (2010) referem-se a esse traço como "sobrancelhas abaixadas" para descrever perguntas do tipo qu-. Tanto franzimento de sobrancelhas, quanto abaixamento de sobrancelhas e franzimento de testa referem-se à expressão que estamos discutindo.

[62] Disponível em: https://youtu.be/pHq7GhvuOcY.



SE QUERER-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS INTÉRPRETE

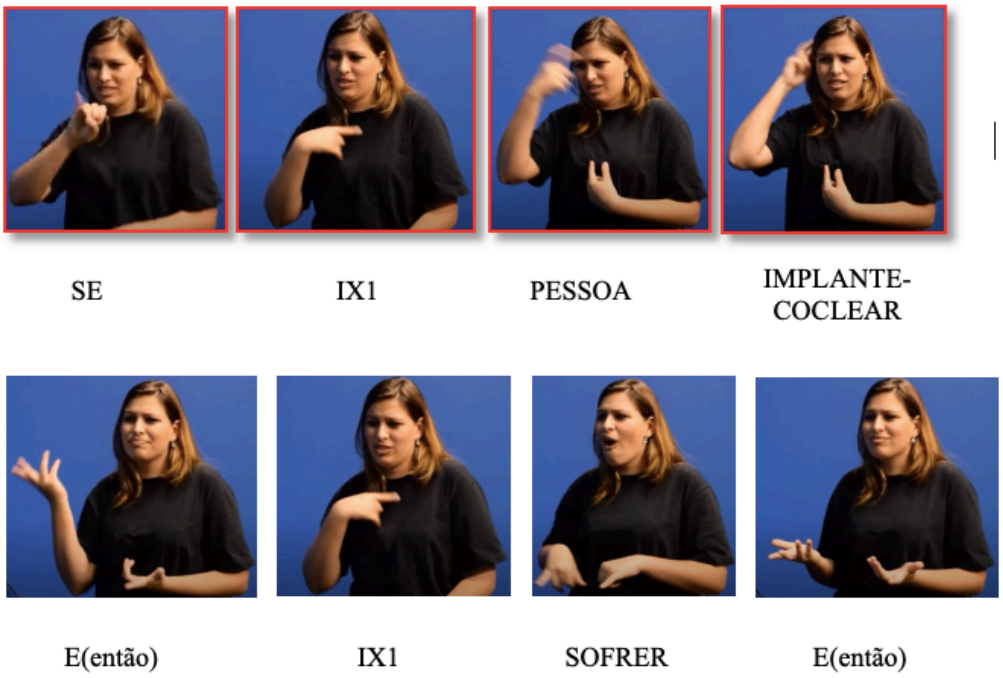
Em (59), diferentemente, o franzimento de sobrancelhas coincide com a realização da prótase. Na ocorrência, a informante apresenta situações de uso ou não uso da Libras em diversos contextos. Nesse trecho específico, ela remete à situação em que, caso um ouvinte *não* queira aprender ou utilizar a Libras, basta pedir um intérprete quando estiver em uma situação de fala pública. Arroteia (2005, p. 10) caracteriza a negação facial por meio do uso do "abaixamento das sobrancelhas, a modificação do contorno da boca [...] e leve abaixamento da cabeça" (grifo nosso). O franzir de sobrancelhas, assim, parece estar ligado à negação trazida pelo sinal QUERER-NÃO.

Para o uso do franzimento de sobrancelhas de ocorrências como (60), a seguir, identificamos que o valor negativo – não no sentido de negação, e, sim, no sentido de *ser ruim* – do assunto sobre o qual se está dissertando motiva, também, o uso desse MNM. Isso foi encontrado, por exemplo, em contextos em que os surdos abordam o quão prejudicial pode ser submeter uma criança a uma cirurgia para o implante coclear, sobre o sofrimento do barulho causado pelo aparelho auditivo, sobre a reprovação a pais que submetem seus filhos a essa operação, entre outras. A ocorrência em (60) ilustra isso:

(60)

cond
FrSb
SE · IX1 · PESSOA · IMPLANTE-COCLEAR · E(então) · IX1 · SOFRER E(então)[63]

Se eu usava o implante coclear, eu sofria



Tal como na ocorrência anterior, embora não haja a negação de um estado de coisas, está explícita a reprovação da interlocutora com relação ao conteúdo que enuncia. Felipe (2013, p. 81) também associa a reprovação ao MNM "testa franzida", equitativamente ao contexto de negação. Sendo assim, é preferido denotar essa reprovação (esse valor negativo) com o franzir de sobrancelhas, em vez do arqueamento. Essa troca, todavia, é bem marcada, de modo que o franzimento também se sobrepõe à realização da prótase.

[63] Disponível em: https://youtu.be/8Xd9JF_FN9c

4.1.2.3 Sobre os limites da marcação de sobrancelhas nas condicionais

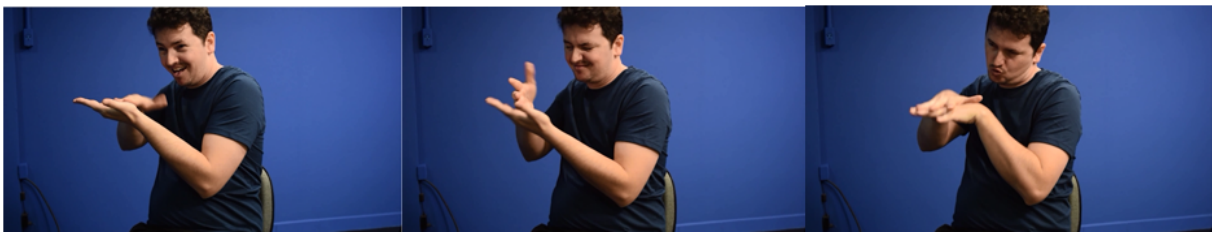
Klomp (2019) identificou, para a NGT, que as sobrancelhas nem sempre ficam em posição neutra após a oração condicional (prótase), ou seja, às vezes, elas permaneceram levantadas durante a oração principal (apódose). Uma explicação para isso é que, nesses casos, houve outras razões, sobretudo pragmáticas, para levantar as sobrancelhas (como fazer perguntas, ou mostrar-se surpreso com o que se estava dizendo). Como temos visto, as sobrancelhas arqueadas desempenham várias funções sintáticas e pragmáticas nas línguas de sinais, e um exemplo disso pode ser o de expressar surpresa. Liddell (1980) também chama a atenção para isso na ASL. Contudo, não identificamos, em nossas ocorrências, uma maior ênfase no arqueamento de sobrancelha sobre as apódose de nossas ocorrências. Uma explicação para isso poderia ser a marcação de novidade dentro da frase, marcada por informação nova.

O que é possível perceber, por conseguinte, é o uso significativo entre as orações com e sem marcador manual – as sobrancelhas arqueadas são um marcador sintático frequente de orações condicionais na Libras, havendo ou não a presença de um marcador manual. A seguir, apresentamos um exemplo de uma oração condicional, em que não há a marcação manual de qualquer conjunção, mas que é acompanhada do arqueamento das sobrancelhas. Queremos chamar a atenção, ainda, para um piscar de olhos, que também funciona como limite entre as orações:

(61)



IX(ele) PROFESSOR OUVINTE



INTÉRPRETE (piscar de olhos) INCLUSÃO[64]

Se tem professor ouvinte com intérprete, aí é uma escola inclusiva.[65]

Nessa sentença, que exprime valor condicional do tipo "Se o professor ouvinte tem intérprete, aí é uma escola inclusiva", a oração condicional, embora não tenha marcação manual, é marcada, pelo informante, com o arqueamento das sobrancelhas. O arqueamento é interrompido exatamente ao final da produção do sinal de "INTÉRPRETE", limite da oração condicional. Então, o informante pisca os olhos e, logo em seguida, ao produzir a oração principal, relaxa suas sobrancelhas (posição neutra). O piscar de olhos parece, aí, marcar um limite para o início da apresentação do elemento focal (INCLUSÃO). Contudo, pela quantidade de nossos dados, não podemos apontar isso de forma categórica, uma vez que 28 ocorrências (43%) não apresentaram essa marcação. Dessa forma, para as condicionais, nossos dados mostram uma tendência a apresentar um piscar de olhos entre prótase e apódose, embora isso nem sempre se realize.

4.1.2.4 Inclinação de cabeça

Um último aspecto formal que se mostrou muito relevante em nossos dados foi o movimento de cabeça para a frente. Isso pode ser visto graças à perspectiva de captação lateral de vídeo, disponibilizada no Córpus de Libras. Veja-se a seguir um exemplo:

---

[64] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZghVlGmBuoc.
[65] O sinal INCLUSÃO faz referência à escola inclusiva; isso pode ser depreendido a partir do contexto anterior, disponível em: https://youtu.be/rk0Hq0Xdu-Q.

Figura 27 Movimento de cabeça para a frente.



[66]

Fonte: adaptado de Córpus de Libras.

Na Figura 27, podemos perceber que o sinalizante, antes de realizar a sentença condicional justaposta, mantém sua cabeça com uma leve inclinação para trás (A-B). A prótase inicia-se em C, quando há uma mudança, e a cabeça começa a direcionar-se para a frente. Durante toda a prótase, a cabeça é inclinada para a frente (D-G). A apódose, nessa sentença, é realizada unicamente pelo sinal INCLUSÃO, ilustrado por H, em que a cabeça começa a retornar

[66] Reapresentação da ocorrência (61), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZghVlGmBuoc. Por isso, não repetimos a glosa.

à posição inicial. O sinal seguinte, representado por I, já indica o retorno da cabeça à posição neutra. O mesmo pode ser percebido pela Figura 28:

Figura 28 Inclinação de cabeça para a frente.



Fonte: adaptado de Córpus de Libras.

(62)

cond

IncFr

SE IX1 IMPLANTE-COCLEAR IX1 PARECER IX1 CONSEGUIR OUVIR FS(bem)[67]

Se eu colocar o implante coclear, parece que eu vou conseguir ouvir bem.

[67] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jmcU7JgUqws&feature=youtu.be.

Como podemos ver na Figura 28, a cabeça da informante também é inclinada para frente (B-E) durante a prótase, retornando à posição inicial na apódose. Todavia, em contextos de pergunta, a cabeça pode ser inclinada para trás, tal como se vê a seguir:

Figura 29 Inclinação de cabeça para trás em contexto de pergunta.



(63)

IncT

cond

SE POSS2 FILH@ CONSEGUIR CORAGEM+ DV(furar-cabeça) IMPLANTE-COCLEAR?[68]

Se o seu filho conseguir, tem coragem de deixar furar a cabeça dele e colocar implante coclear?

[68] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OXHnlGUsAe8.

Na Figura 29, percebemos claramente que, em vez de inclinar a cabeça para a frente, a informante a inclina para trás – nota-se, por exemplo, a elevação do queixo da informante. De acordo com Felipe (2013), esse MNM também está presente nas perguntas qu- da Libras. Embora esse não seja o caso (o de ter uma pergunta qu- dentro da oração condicional), percebemos que, de acordo com nossos dados, a inclinação da cabeça para trás poderá ocorrer quando a condicional for produzida de modo interrogativo, sobrepondo-se, também, à prótase.

Essa convergência de traços em comum que encontramos entre as interrogativas e as condicionais nos remete à correlação que Haiman (1978) diz ser natural a ambas. O autor sugere, em sua pesquisa, que condicionais podem funcionar como perguntas cujas respostas tendem a ser afirmativas implícitas, veiculando, assim, informações pressupostas. Logo, essa similaridade entre interrogativas e condicionais tem a ver com o fato de que as condicionais são estabelecidas como fatos dados ou, ainda, como uma forma encontrada pelo emissor para buscar a concordância de seu interlocutor sobre a sua validade.

Sustentamos, assim, que a inclinação de cabeça prototípica contém o movimento para a frente (com um impulso para baixo), mas pode, em contextos interrogativos, obter uma leve inclinação para trás. Vale dizer que, embora, em alguns casos o informante incline sua cabeça para a direita ou para a esquerda, sempre haverá, juntamente, essa projeção, também, para a frente. O que se mostra evidente em nossos dados é que haverá uma diferença de inclinação de cabeça entre prótase ou apódose, quer dizer, a cabeça nunca se manterá na mesma posição entre os dois constituintes da condicional.

4.2 Posição

Tal como vimos na Seção 2.2, a maioria dos estudos sobre as orações condicionais em línguas de sinais ao redor do mundo prevê que a única posição permitida para a realização de marcação é a sequência PRÓTASE > APÓDOSE, quer dizer, que as orações condicionais

são antepostas; o contrário, ou seja, a posposição das condicionais, seria agramatical (PFAU, 2008; LIDDELL, 1980; DACHKOVSKY, 2005; 2008; SUTTON-SPENCE; WOLL, 1999; JHONSTON; SCHEMBRI, 2007; LACKNER, 2013).

A análise do nosso córpus revela a precedência representativa das orações condicionais em relação às principais na Libras. Entretanto, a anteposição não é absoluta, como apresentado a seguir:

Tabela 4 Posição da oração condicional.

Posição	Quantidade	Frequência
Antepostas	62	96,87%
Pospostas	02	03,13%
Totais	64	100%

Fonte: elaboração própria.

Portanto, em Libras, a posposição das condicionais, quer dizer, a sequência Apódose > Prótase, é gramatical e pode ser realizada pelos usuários da língua. Observemos os casos a seguir:

(64)

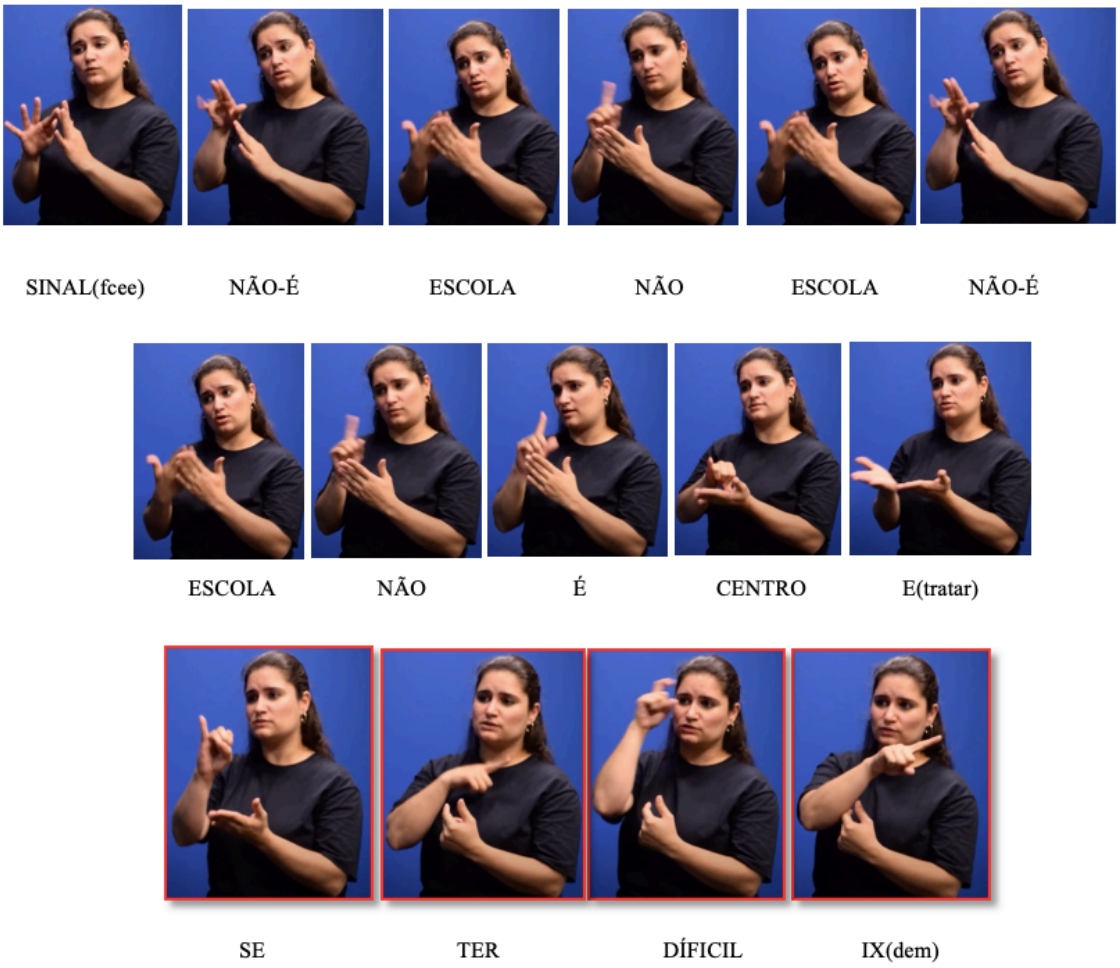
SINAL(fcee) NÃO-É ESCOLA NÃO ESCOLA NÃO-É ESCOLA NÃO É CENTRO E(tratar)

cond

SE IX1 TER DÍFICIL IX(dem)

O FCEE não é escola. Não é escola não. É um centro de atendimento, se alguém tiver dificuldade.[69]

[69] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E63g_Mwadok.



Na ocorrência (64)[70], as sinalizantes debatem sobre o tema de educação de surdos no estado de Santa Catarina e apresentam possibilidades de escolas para que as crianças surdas tenham acesso ao ensino em sua língua de sinais[71]. Em um dado momento, a Informante 1 apresenta, como opção de instituição escolar, a FCEE (Fundação Catarinense de Educação Especial). A Informante 2, responsável pela ocorrência, interpela-a e diz que a FCEE não é uma escola; é, na verdade, um centro de atendimento ao surdo. A oração condicional vem, então, após essa informação, adicionando uma informação nova ao discurso: vai-se a esse centro "se alguém tiver alguma dificuldade". De acordo com Oliveira (2008), quando a oração condicional

[70] Rodrigues (2020, inédito) e Rodrigues e Aleixo (em preparação) também discutem esse mesmo dado.
[71] O contexto desta ocorrência está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kEQWPTfk6R8.

ocorre posposta à oração núcleo, ela pode funcionar como um adendo restritivo. No estudo de Hirata (1999) sobre as condicionais do português, as orações condicionais pospostas são codificadas como adendos, e o mais frequente é o adendo restritivo, que apresenta "alguma ressalva, avaliação, promessa ou ordem em relação à oração núcleo que a precede" (p. 130).

A posposição das condicionais na Libras, então, configura-se como a ordem marcada de realização, em que uma informação nova é codificada. Isso vai ao encontro do postulado por Ford e Thompson (1986), que afirmam que as condicionais pospostas podem restringir, enfatizar ou realçar a oração principal. Em (62), é evidente a restrição da oração principal, em contraste com a afirmação pela Informante 1. Logo, ao dizer que o FCEE não é uma escola, a Informante 2 categoriza-o como um centro de atendimento, restringindo ainda mais o contexto, dizendo que é um centro de atendimento buscado por pessoas que têm algum tipo de dificuldade.

Em (65), apresentamos outra ocorrência em que há a posposição da ordem em uma sentença condicional:

(65)



_____cond

_____int

E(então) PRA-QUE IMPLANTE-COCLEAR SE DEPENDE TIRAR[72]

Então, como é um implante coclear, se às vezes você pode tirar?

[72] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FXckA504ezo.



O contexto[73] de realização de (65) abarca a situação em que as informantes discutem sobre os prós e contras ao uso do implante coclear. A Informante 1, que defende o uso do aparelho, diz que a cirurgia de implante coclear é um procedimento bastante simples; a Informante 2, então, argumenta que o surdo implantado precisa ficar andando com o aparelho à mostra o tempo todo. Tomando mais uma vez o turno, a Informante 1 ressalta que não precisa ficar andando com o aparelho sempre à mostra, porque é possível tirá-lo. Nesse momento, a Informante 2 faz uma pergunta retórica, questionando o uso do termo "implante", uma vez que é possível retirar os implantes cocleares (a parte externa, pelo menos) a qualquer momento.

[73] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sEOrwoMG58g.

Assim, a oração condicional, nesse sentido, serve só para adicionar um comentário à oração principal, uma informação adicional, nova. E essa informação é nova não no sentido de não ter sido mencionada anteriormente – até mesmo porque a interlocutora menciona anteriormente que é possível retirar a parte externa do implante coclear –, e, sim, se estabelece na relação entre apódose e prótase, trazendo à discussão um questionamento que desperta na receptora uma expressão de surpresa, seguida por sua concordância. Essa *relação de novidade* é atestada por Lambrecht (1994), que afirma que esta nem sempre é estabelecida pelo conteúdo informacional veiculado pelos constituintes tópicos e focais, de modo que o que importa é a *relação* estabelecida entre eles, de onde se capta a novidade do enunciado.

Nos termos de Hirata (1999), essa oração condicional posposta também se estabelece como adendo restritivo, na medida em que especifica a funcionalidade do implante coclear, ao mencionar que ele pode ser "desplugado" da cabeça. Assim, essa restrição se dá uma vez que apresenta mais um traço semântico de uso do aparelho, o que leva à constatação de que "não seria bem um implante", tendo em vista que se pode retirá-lo, o que contrasta com a noção de que algo implantado permanece fixo ao corpo humano.

Ressaltamos que, embora tenhamos encontrado apenas duas ocorrências de uso da posposição das condicionais na Libras, o que corresponde a 3,13% dos dados, essa realização indica um dado não registrado até então em outras línguas de sinais. É preciso, todavia, que mais pesquisas sejam feitas nesse sentido, a fim de perceber, por exemplo, se a posposição pode acontecer com condicionais introduzidas pela conjunção EXEMPLO ou com as justapostas.

Com relação à anteposição da oração condicional à oração principal, esta se configura, portanto, como a ordem não marcada na Libras. Sendo assim, sua frequência de 96,87% indica que os sinalizantes preferem a sequência "*se p, q"*. Isso, de fato, está vinculado

ao fato de as orações condicionais veicularem informações dada ou inferíveis, quer dizer, de se estabelecerem como tópicos de realizações condicionais.

Haiman (1978) assevera, nesse sentido, que a articulação das condicionais se relaciona à estrutura dos discursos. Assim, o indivíduo, ao construir a sua fala, organiza-a, passo a passo, apresentando um pano de fundo (*background*) sobre o qual vão se inserindo novas informações. Isso se percebe, também, para a realização das condicionais em Libras. Observemos a ocorrência a seguir, em que as informantes partem de um contexto em que ambas rejeitam a ideia de o surdo precisar usar um implante coclear e, assim, ser oralizado. Então, é produzida a seguinte sequência:



(66)

Informante 2:	IX2 O-QUE MAIS IMPORTANTE O-QUE FAMÍLIA LÍNGUA-DE-SINAIS COMUNICAR LÍNGUA-DE-SINAIS IX3 PRECISAR OBRIGAR FALAR? *E pra você o que é mais importante: a família tem que se comunicar em língua de sinais ou deve obrigar a falar?*
Informante 1:	cond SE IX3 SABER ORALIZAR FALAR-ORAL E(então) VER+ ORALIZAR cond E(positivo) E(então) SE NÃO-SABER ORALIZAR LÍNGUA-DE-SINAIS OBRIGAR+ E(não) *Se o surdo sabe oralizar, tudo bem. Mas, se não sabe oralizar, só Libras, vai obrigar a falar? Não.*[74]

[74] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kKqcooBDLYg.

Em (66), uma vez assumido que o surdo não precisa de implante coclear para se desenvolver como indivíduo, a Informante 2 pergunta à Informante 1 se ela acha que o ideal seria a família se comunicar com o surdo por meio da língua de sinais ou se deveria obrigá-lo a oralizar. A Informante 1 responde que, na hipótese de o surdo conseguir oralizar, não há problema de a comunicação com os pais acontecer dessa forma; entretanto, se o surdo não souber oralizar, não é correto que os pais o obriguem a falar.

Como pode ser percebido, há a realização de duas condicionais na sinalização de (66). Na primeira, a prótase é estabelecida pela sequência "SE IX3 SABER ORALIZAR FALAR-ORAL", que contém informação inferida, já utilizada previamente no discurso – consegue-se perceber, por exemplo, a relação semântica entre o sinal FALAR, utilizado pela Informante 2, e o sinal de ORALIZAR, realizado pela Informante 1. A segunda prótase é encerrada pela produção "SE NÃO-SABER ORALIZAR LÍNGUA-DE-SINAIS", que também veicula informação dada, uma vez que recupera a informação da sentença anterior. As informações novas são estabelecidas por meio das orações principais, que são, de fato, respostas à pergunta elaborada pela interlocutora. Sendo assim, as condicionais funcionam como tópicos discursivos, sobre os quais se edificam o conteúdo novo, focal, mais saliente para a interação, contribuindo, dessa forma, para a progressão do discurso.

Essa ocorrência suscita, ainda, o fato discutido e defendido por Lehmann (1974). O autor observa que, em qualquer discurso, é necessário que os participantes estabeleçam a progressão discursiva passo a passo, quer dizer, a prótase condicional representa o progresso do seu estabelecimento em uma situação disjuntiva, de modo que existem duas possibilidades: p e ~p. Assim, antes que o discurso possa progredir, é necessário que o falante estabeleça qual das possibilidades deve ser considerada; só então a argumentação pode prosseguir. Em (66),

essa realização é explícita sob a realização das duas condicionais: na hipótese de saber, e na hipótese de não saber. Esse contraste, entre ambos os tópicos das condicionais, também faz progredir o discurso.

Portanto, uma vez estabelecido que, em Libras, as condicionais antepostas sempre veicularão informações dadas/inferíveis em suas prótases, ou seja, funcionam como tópicos de suas sentenças, partimos para uma observação dos tipos de tópicos encerrados por elas. Nesse sentido, observamos, nos termos de Ford e Thompson (1986) e de Hirata (1999), se os tópicos das condicionais pertenciam aos grupos de retomada, contraste, exemplificação e de opção. No quadro a seguir, apresentamos nossos resultados:

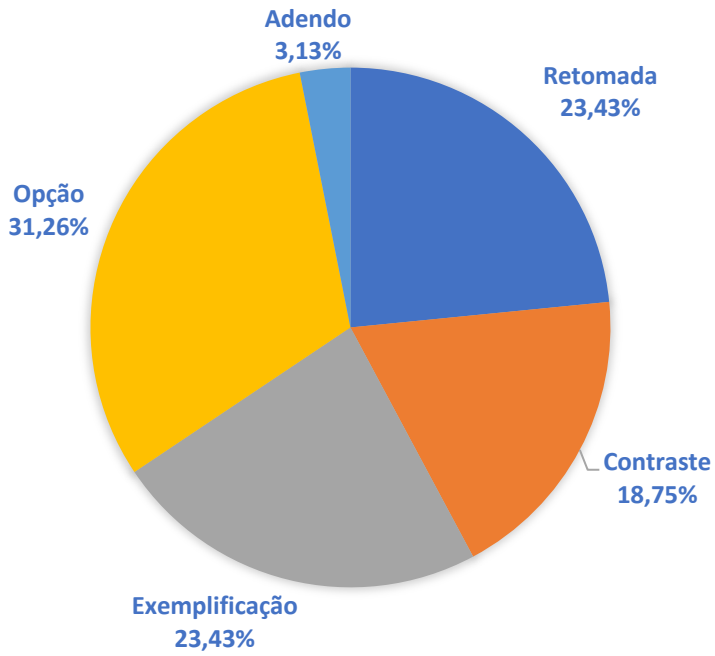
Tabela 5 Tipos de Tópicos e Adendos das orações condicionais.

Função	Quantidade	Frequência
Tópico de Retomada	15	23,43%
Tópico de Contraste	12	18,75%
Tópico de Exemplificação	15	23,43%
Tópico de Opção	20	31,26%
Adendo Restritivo	02	3,13%
Totais	64	100%

Fonte: elaboração própria.

O gráfico a seguir ilustra esses resultados:

Gráfico 4 Proporção dos tipos de Tópicos e Adendos das orações condicionais.



Fonte: elaboração própria.

Portanto, consoante nossos dados, há uma proporção de distribuição relativamente equitativa com relação à função exercida pelos tópicos das orações condicionais antepostas[75]. A função mais frequente, todavia, é a que corresponde ao uso dos tópicos de opção, os quais encerram alternativas exploradas previamente no discurso (*X. Se opção Y, então Z*). Vejamos a ocorrência a seguir:

[75] Como já mencionamos os dados das condicionais pospostas, não retomaremos, no texto, a frequência correspondente aos adendos restritivos.

(67)

PRIMEIRO+ IX3 SI-MESMO CRESCER XXX SI-MESMO QUERER IMPANTE-COCLEAR IX1 RESPEITAR IX3 ESCOLHER POSS3 IX1 RESPEITAR E(deixar) CONSEGUIR+ IX3 ESCOLHER

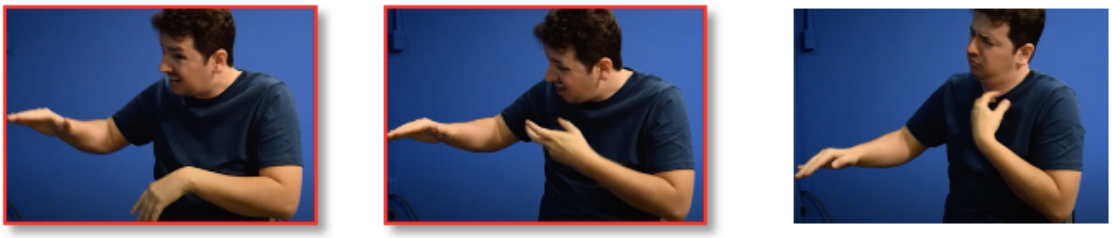
cond

IX3 RESPEITAR SI-MESMO QUERER IMPANTE-COCLEAR ORALIZAR MAIS CRIANÇA

cond

DV(colocar-implante-na-criança) PODER-NÃO FAMÍLIA ERRADO[76]

Em primeiro lugar, a pessoa que já é crescida e quer colocar o implante coclear eu respeito, essa é uma escolha dela e eu respeito, ela quer ser implantada e oralizar. Agora, se for pra colocar o implante numa criança pequena, aí já não pode, a família está errada.



CRIANÇA DV(colocar-implante-na-criança) PODER-NÃO

Em (67), temos uma oração condicional justaposta, cuja prótase encerra um tópico de opção, quer dizer, a informação da condicional "CRIANÇA· DV(colocar-implante-na-criança)" está inferida a partir do contexto anterior. Isso significa que, até o momento, não se havia mencionado a opinião dos interlocutores sobre o *implante coclear em crianças*, apesar de o contexto favorecer essa progressão discursiva, uma vez que o sinal "CRESCER" pode suscitar, cognitivamente, a oposição entre adultos e crianças. Assim, considerando a realização "*X. Se*

[76] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bJmlOZcJN7Y.

opção Y, então Z", com o conteúdo precedente de X sendo "eu respeito os adultos que querem fazer a cirurgia de implante coclear", abre-se a alternativa de Y "a possibilidade de colocar implante coclear em criança", que gera a opinião dada em Z "isso não pode".

Os tópicos de retomada e de exemplificação ocorrem com as mesmas frequências em nosso córpus: 23,43%. A seguir, apresentamos, respectivamente, um exemplo de condicionais antepostas que seguem essas funções:

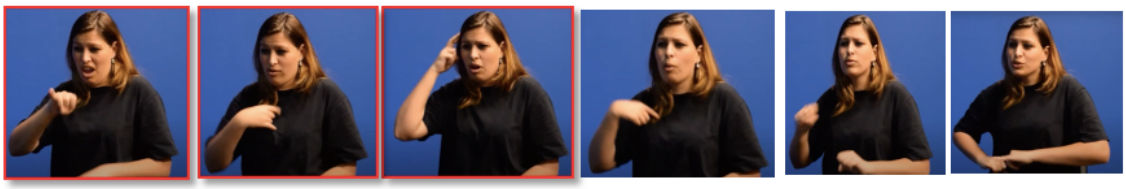
(68)

POSS1 E(qual)// ESCOLHER SURDO E(acabar) IX1 QUERER-NÃO IMPLANTE- COCLEAR

cond

POR-QUE SE IX1 IMPLANTE-COCLEAR IX1 PODER SOFRER IX2 POR-QUE IMPLANTE-COCLEAR TER DENTRO COISA RUIM[77]

Para mim, o surdo deve ser como é; eu não quero usar um implante coclear, porque, se eu for implantada, isso pode me fazer sofrer, e também porque o implante coclear tem coisas ruins dentro dele.



[77] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lijqShof96E.

(69)

cond

SE EXEMPLO PESSOA3 POSS2 SURDO SABER-NÃO PALAVRA+ NÃO// MELHOR · E(por-favor) CHAMADA-VIDEO LÍNGUA-DE-SINAIS E(positivo) BOM CONVERSAR[78]

Se, por exemplo, o surdo não souber uma palavra, seria melhor fazer uma chamada de vídeo em Libras, seria bom conversar assim.



Em (68), o conteúdo da prótase da oração condicional anteposta encerra uma informação dada, já realizada previamente no discurso: primeiro, a informante afirma que *não quer usar um implante coclear* (X); na sequência, indica a hipótese de que, se usar um implante

[78] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DlSLl6qjZ5c.

coclear (X), poderia sofrer (Y).[79] Assim, ela retoma uma informação do seu discurso anterior como pano de fundo para a construção da premissa hipotética.

Já em (69), as informantes discutem sobre os benefícios que a tecnologia tem trazido para a vida dos surdos de forma generalizada (Generalização). Então, dão um exemplo desses benefícios: graças a essa tecnologia, se o surdo não souber alguma palavra (*por exemplo, se X*), pode fazer uma videochamada e perguntar, em língua de sinais, a outro colega que possa ajudar (*então Y*)[80].

Por fim, as orações condicionais antepostas podem veicular uma noção de contraste, quer dizer, uma relação de oposição com o que já havia sido mencionado previamente no discurso. Desse modo, tanto informação dada quanto informação nova podem ser veiculadas pelas prótases. Entre as antepostas, as orações condicionais que carregam um tópico de contraste apresentam uma frequência de 18,75%. Observemos um exemplo desse caso em (70):

(70)

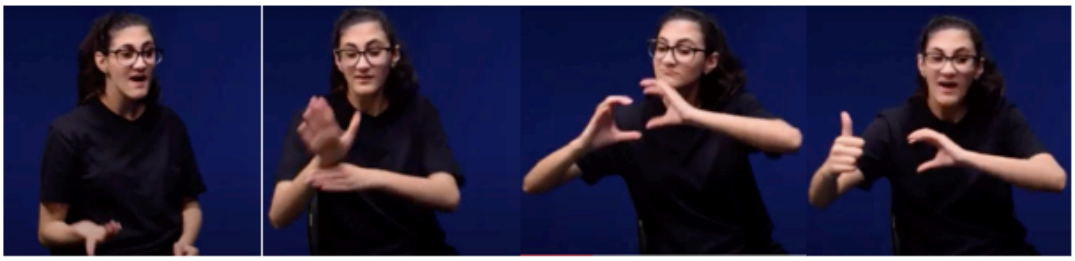


cond

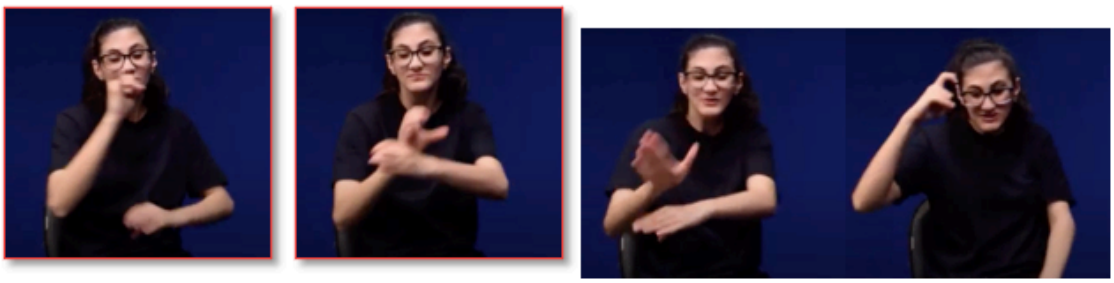
E(então) AJUDAR COMUNICAR E(positivo) SE FALTAR-COMUNICAR AJUDAR DÍFICIL IX3 E(negativo) NOTA// BOM NÃO[81]

Ajude o surdo para que haja comunicação. Mas se não houver comunicação, ajude o surdo. É difícil para ele ser prejudicado nas notas, não é bom.

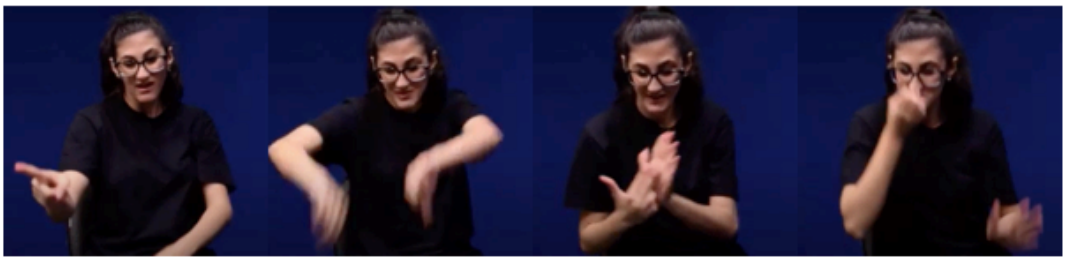
[79] Tópico de retomada: "X. Considerando-se X, Y".
[80] Tópico de exemplificação: "Generalização. Por exemplo, se X, então Y".
[81] Disponível em: https://youtu.be/sZLa9j_TByw.



E(então) AJUDAR COMUNICAR E(positivo)



SE FALTAR-COMUNICAR AJUDAR DÍFICIL



IX3 E(negativo) NOTA// BOM



NÃO

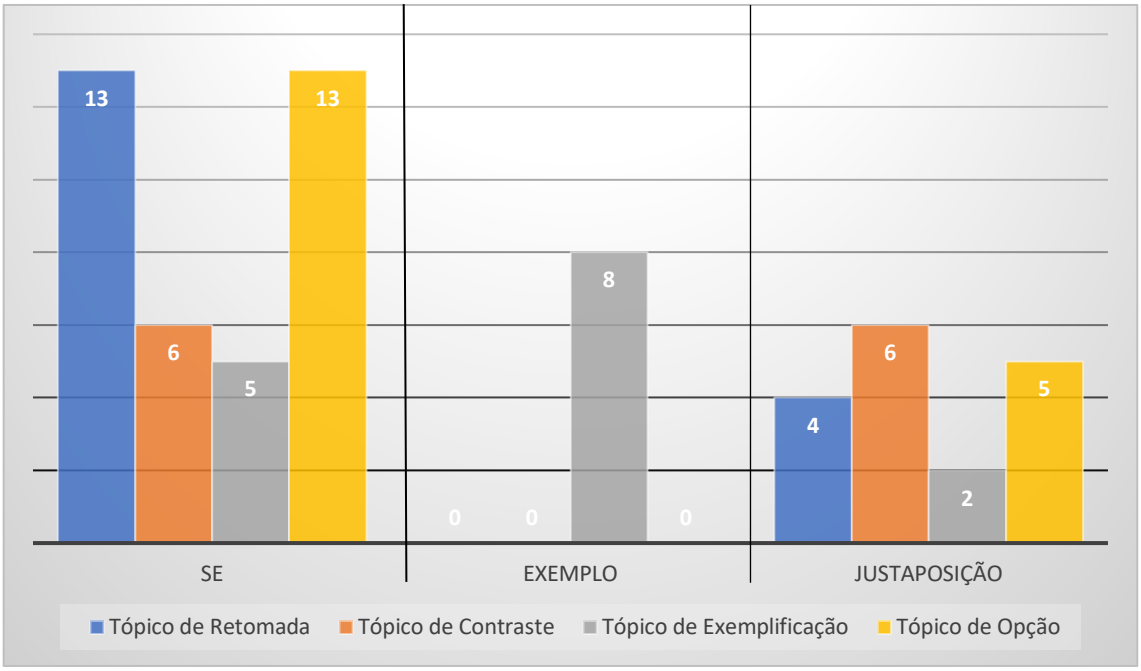
O discurso imediatamente anterior à prótase de (70) veicula a informação de, ao ajudar um surdo, haverá comunicação (X). Na sequência, o tópico da oração condicional encerra um conteúdo oposto a esse (~X): "se não houver comunicação, ajude o surdo" (Y)[82]. Dessa forma, é evidente o contraste entre a possibilidade de haver comunicação e de não haver comunicação.

[82] Tópico de contraste: "X. Mas se não X, Y".

Como podemos observar, portanto, os quatro tipos de tópicos identificados por Ford e Thompson (1986) são encontrados nas orações condicionais antepostas da Libras. Resta-nos saber, ainda, se existe qualquer relação entre o tipo de tópico utilizado na prótase dessas ocorrências condicionais e o tipo de enlace realizado – ou seja, se conjuntivo, por meio dos sinais SE e EXEMPLO, ou se justaposto, sem o uso de um marcador manual para tanto.

O cruzamento desses dados pode ser visualizado no Gráfico a seguir:

Gráfico 5 Tipos de Tópicos X Orações Condicionais.



Fonte: elaboração própria.

Com base na leitura do gráfico acima, podemos inferir que parece haver um maior uso de tópicos de retomada e de tópicos de opção nas orações condicionais antepostas introduzidas pela conjunção SE. Nas justapostas, em contrapartida, os resultados são muito semelhantes para todas as funções; todavia a função de contraste é a menos utilizada.

Com relação às condicionais antepostas introduzidas pela conjunção EXEMPLO, apresentamos um dado interessante: todas as realizações foram produzidas por meio de tópicos de exemplificação. Essa pode ser mais uma evidência de que o sinal EXEMPLO está em processo de gramaticalização na Libras, como afirma Rodrigues (2020, p. 150):

> Como nome ou advérbio, EXEMPLO tem um valor mais concreto, demonstrativo, que se abstratiza quando passa a funcionar como marcador de tópico e ainda mais quando assume a função de conjunção condicional. Há, contudo, persistência (HOPPER, 1991) do significado original, na medida em que, a nova função como conjunção condicional, de certo modo, se sobrepõe às construções de tópico.

Sendo assim, na Libras, as orações condicionais introduzidas por meio da conjunção EXEMPLO tendem a ser introduzidas, em suas prótases, por meio de uma exemplificação com relação ao contexto discursivo precedente, comprovando a manutenção (princípio da persistência de Hopper (1991)) de valores semânticos associados à forma fonte, como sugere Rodrigues (2020). Isso não quer dizer, entretanto, que condicionais justapostas ou introduzidas pela conjunção SE não podem ter, também, essa função exemplificadora – estas também apareceram em nossos resultados, como mostram as ocorrências (69), (70) e (71) (respectivamente, uma condicional exemplificadora introduzida por EXEMPLO, uma justaposta e uma introduzida pela conjunção SE:

(71)

cond

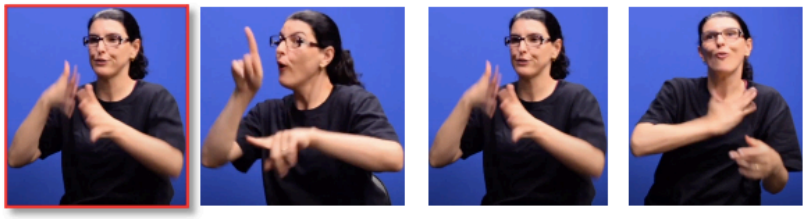
EXEMPLO PESSOA SURDO OUVIR SURDO GOSTAR-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS VARIAÇÃO LÍNGUA-DE-SINAIS GOSTAR-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS GOSTAR GOSTAR-NÃO ORAL GOSTAR ORAL DEPENDER[83]

[83] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ReZF-nEdCAw.

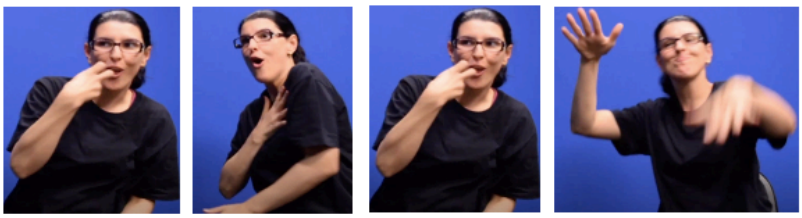
Se um surdo ou ouvinte não gosta de Língua de Sinais, existe uma variação. Tem quem não goste de língua e sinais e tem quem goste; tem quem não goste de oralizar, e tem quem goste. Depende.



EXEMPLO PESSOA SURDO OUVIR SURDO GOSTAR-NÃO



LÍNGUA-DE-SINAIS VARIAÇÃO LÍNGUA-DE-SINAIS GOSTAR-NÃO



ORAL GOSTAR ORAL **DEPENDER**

(72)

E(então) CONCORDAR E(esperar) MAS IX1 QUERER ESCOLHER SALA SURDO SÓ MAS INTÉRPRETE PRECISAR-NÃO TIRAR SÓ BILINGUE PRÓPRIA ENSINAR SABER PESSOA

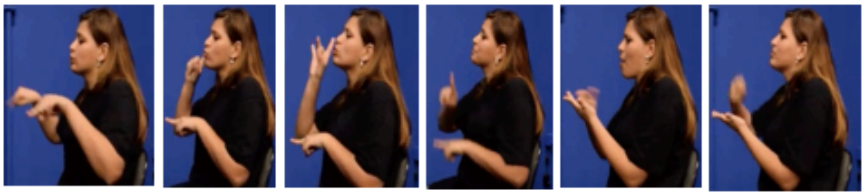
cond

PROFESSOR MAS OUVIR SABER LÍNGUA-DE-SINAIS POSSÍVEL ENSINAR

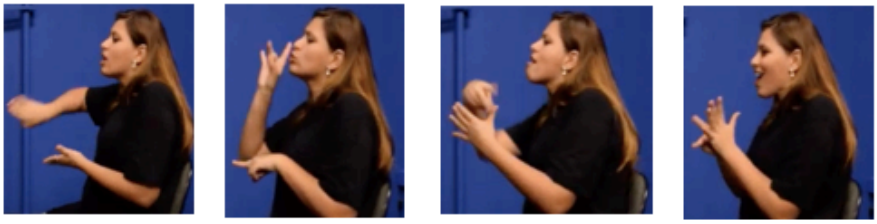
Então, eu concordo com você, mas eu prefiro uma sala de aula em que tenha apenas surdos, não precisa nem ter intérprete; como é bilíngue, só o professor é suficiente. Mas se houver um ouvinte que saiba língua de sinais, ele também pode ensinar.



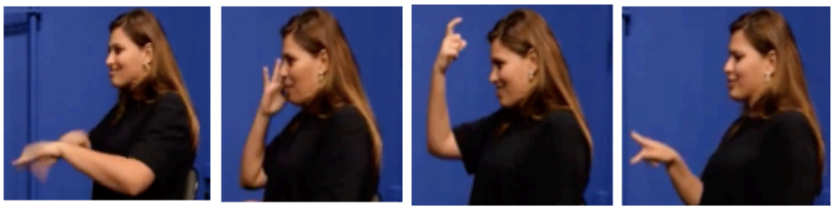
CONCORDAR E(esperar) MAS IX1 QUERER ESCOLHER



SALA SURDO SÓ MAS INTÉRPRETE PRECISAR-NÃO



TIRAR SÓ BILINGUE PRÓPRIA



ENSINAR SABER PESSOA PROFESSOR



MAS OUVIR SABER LÍNGUA-DE-SINAIS POSSÍVEL ENSINAR

(73)

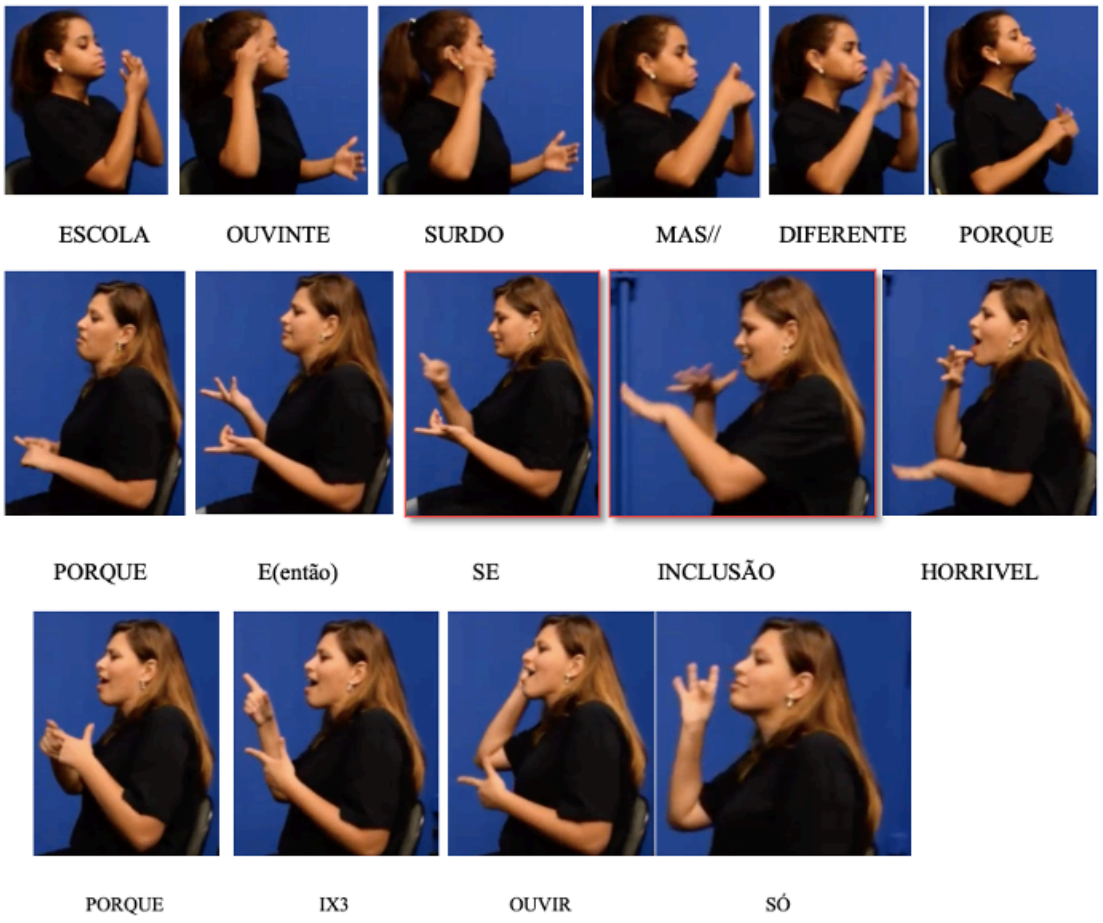
INF1: ESCOLA OUVINTE SURDO MAS// DIFERENTE PORQUE?

As escolas de surdos e ouvintes são diferentes. Por quê?

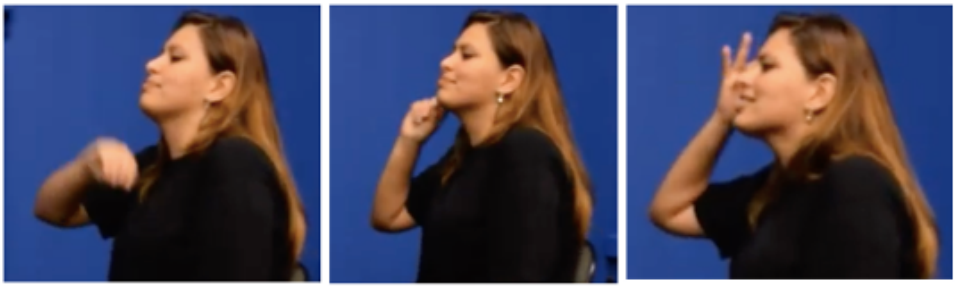
cond

INF2: PORQUE E(então) SE INCLUSÃO HORRÍVEL PORQUE IX3 OUVIR SÓ FALAR-ORAL SURDO NÃO ENTENDER-NÃO[84]

Então, se a escola for inclusiva, é horrível, porque os ouvintes só usam a língua oral e os surdos não entendem nada.



[84] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4ouhRDOUdxw.



FALAR-ORAL SURDO ENTENDER-NÃO

Assim, em (71), a oração condicional introduzida por EXEMPLO encerra um tópico de exemplificação na medida em que seleciona possíveis exemplos para o discurso precedente – todas as pessoas têm suas opiniões próprias (generalização); por exemplo, se é ouvinte, ou se é surdo, as opiniões variam. O mesmo acontece em (72), cuja prótase possui um enlace justaposto com a apódose: antes é feita uma generalização no sentido de que nas escolas bilíngues os professores devem saber língua de sinais como língua de instrução (generalização), em seguida, o tópico de exemplificação recai em "OUVIR SABER LÍNGUA-DE-SINAIS", mostrando que, dentre as pessoas que podem ser professores na escola bilíngue, na hipótese de um ouvinte saber libras, este também pode ensinar. Finalmente, em (73), a generalização é feita com relação ao conceito de escolas (há as de ouvintes e as de surdos); a interlocutora resolve, então, dentre essas escolas, opinar sobre as escolas inclusivas, ou seja, aquelas em que a maioria dos alunos e professores são ouvintes e, normalmente, existe um intérprete que medeia os contatos entre surdo e comunidade escolar. Quando menciona as escolas inclusivas, a informante utiliza, na prótase da oração condicional, um tópico de exemplificação, a fim de assertar que, caso as escolas sejam inclusivas, elas são horríveis para o ensino e aprendizagem do surdo.

A partir do que expusemos nesta seção, mostramos que a ordem das orações condicionais está diretamente relacionada ao tipo de informação veiculado nas suas prótases, de modo que, na Libras, pode ser realizada de modo anteposto ou posposto; se forem antepostas,

poderão veicular tópicos de retomada, contraste, opção e exemplificação, independentemente do tipo de enlace realizado (conjuntivo ou justaposto). Todavia, se forem introduzidas pela conjunção EXEMPLO, utilizarão, de forma categórica, tópicos de exemplificação. As condicionais pospostas, por seu turno, funcionarão sempre como adendos restritivos, quer dizer, especificarão o conteúdo desenvolvido nas orações principais, introduzindo, assim, informação nova ao contexto do discurso.

4.3 Graus de Hipoteticidade

Segundo Comrie (1986), a hipoteticidade deve ser analisada a partir de um *continuum*, quer dizer, sem utilizar categorias discretas bem delimitadas, em vez de agrupá-las em um modelo bipartido (quer dizer, factual vs. contrafactual, como, por exemplo, Dachkovsky sugere para a ISL) ou tripartido (ou seja, real, potencial e irreal, como Neves (2000) propõe para o português).

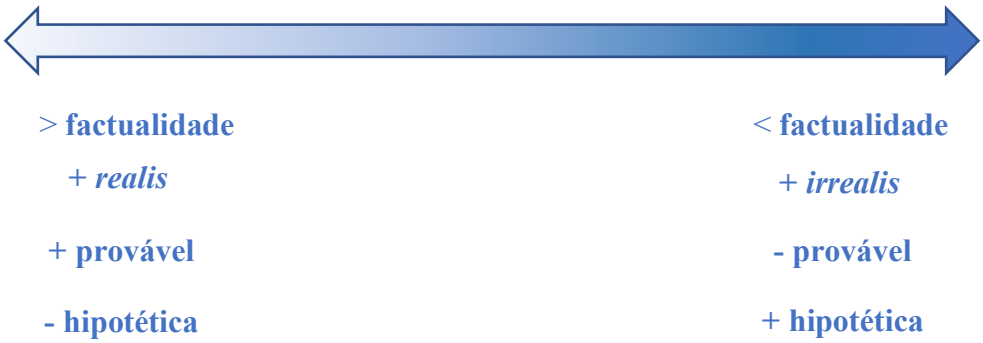
O autor afirma que as línguas distinguem os graus de probabilidade de realização das situações referidas nas prótases das condicionais, partindo do pressuposto de que a escolha por uma forma ou por outra é determinada mais por meio de uma avaliação subjetiva do falante/sinalizante do que pela própria semântica das condicionais.

Em sua análise para o inglês, por exemplo, Comrie (1986) defende que as condicionais não expressam nem factualidade, nem contrafactualidade em nenhuma das proposições que as constituem. Isso quer dizer que o que faz que as proposições sejam consideradas verdadeiras (ou não) pode ser, por exemplo, o contexto verbal em que foram construídas.

Como vimos na Seção 2.1, a identificação de condicionais factuais e contrafactuais, nas línguas orais, leva em conta o modo e o tempo verbais; nas línguas de sinais, todavia, não podemos encontrar essa correspondência, já que os verbos, nessas línguas, não recebem marcas morfológicas de tempo e modo. Dessa maneira, nossa análise busca identificar essas noções para as condicionais em Libras a partir de critérios funcionais, buscando se desvincular de descrições que sejam específicas de uma ou de grupos de línguas, a fim de oferecer uma análise que seja sensível à realidade dos dados das línguas de sinais.

Partimos, então, da premissa de que as relações de condição estabelecem uma conexão entre dois estados de coisas, de forma que a ocorrência de um deles, na prótase, seja a condição para a ocorrência do outro, na apódose. De acordo com Cristofaro (2003, p. 160), com relação às condicionais, isso pode ser ainda mais bem especificado pelo contexto de uso, pois o falante fornece pistas sobre a probabilidade de ocorrência do estado de coisas dependente, ou demonstra estratégias que indicam que o estado de coisas dependente não ocorreu ou tem uma baixa probabilidade de ocorrer.

Nesse sentido, nossa hipótese é que o domínio da modalidade pode contribuir para a análise de realização (ou não) da condição expressa pela prótase na Libras e que existem marcas formais, sejam elas manuais ou não manuais, que podem dar pistas para a interpretação segundo o contexto de uso. Sendo assim, propomos que nossos dados sejam analisados, também, a partir de um *continuum*, que dá conta da gradualidade dos usos semânticos das orações condicionais, dentro dos contextos de uso, como apresentamos na imagem a seguir:



Para a abordagem funcionalista, as categorias de análise linguística podem ser mais bem compreendidas a partir do modelo de semelhança de família[85] (WITTGENSTEIN, 1958) ou de prototipia[86] (ROSH; LLOYD, 1978), em que categorias são tomadas como entidades não discretas, sem contornos nítidos.

Vale dizer que, inicialmente, havíamos pensado em categorizar nossas ocorrências em três grupos distintos, tal como é sugerido para muitas línguas orais, como o português, por exemplo. Todavia, ao observarmos nossos dados, percebemos que eles não poderiam ser acomodados nos mesmos parâmetros das línguas orais, tendo em vista que não encontramos um padrão de uso bem delimitado que se configure como único para a realização de cada uma das três categorias propostas (factuais, eventuais e contrafactuais) – como em uma possível distribuição complementar.

Sendo assim, observamos que é o contexto discursivo que define se uma sentença condicional pode ser mais bem interpretada como estando mais à esquerda do *continuum*, quer dizer, configurando-se como +factual, ou mais à direita, em que essa noção é desbotada, abrindo margem para interpretações mais hipotéticas e, até, mais irreais (-factuais). Para essa constatação, identificamos usos de marcadores não manuais que, quando combinados com outros MNM ou com sinais manuais, podem contribuir para essa interpretação.

Por exemplo, em (74), a seguir, é nítido, ao se observar todo o contexto, que a relação entre os estados de coisas da condicional presentes em prótase e apódose estabelece

---

[85] Segundo Wittgenstein (1958, p. 37), os elementos de uma determinada categoria podem estar relacionados a outros elementos, mesmo que não se encontre alguma propriedade em comum a todos eles. A isso, o autor denomina "semelhança de família" (*family resemblance*). Nesse sentido, o autor propõe os conceitos de centralidade, em que alguns membros de uma categoria podem ser eleitos como exemplos melhores para essa mesma categoria, e de gradiência, em que os membros, embora estejam mais distantes dos modelos, nas fronteiras da categoria, ainda assim podem ser considerados como pertencentes à mesma família.

[86] De acordo com Rosh e Lloyd (1978), os protótipos funcionam como pontos de referência cognitiva para que classifiquemos os elementos que fazem parte de nossa experiência, de modo que os membros prototípicos são aqueles mais facilmente categorizados do que os não prototípicos.

uma noção com maior factualidade, uma vez que apresenta as características de ser [+realis], [+provável] e [-hipotética]. Logo, a prótase "IX3 PROFESSOR OUVINTE INTÉRPRETE" encerra, em si, um fato apresentado como "verificado" e, na apódose "INCLUSÃO", há a constatação de um outro fato, qual seja, o de que a escola inclusiva se relaciona ao fato de um professor ouvinte estar junto de um intérprete nesse ambiente. Isso quer dizer que, a partir do contexto, pode-se depreender que, sempre que no espaço escolar um professor tiver o auxílio de um intérprete, a escola será *necessariamente* inclusiva. Sendo assim, há uma implicação estabelecida entre os estados de coisas, sustentada, ainda, com base no conhecimento compartilhado entre os interlocutores, ou mesmo por meio de sua relação com o contexto anterior, em que se está fazendo, na pergunta, uma comparação entre os tipos de escolas em que o surdo pode estudar.

Logo, essa ocorrência está situada mais à esquerda do nosso *continuum*, como mostramos a seguir:



(74)

1: ESCOLA OUVINTE E(então) DIFERENTE SURDO COMO SALA E(então) DESENVOLVER PARECER DV(não-desenvolver) E(então)

1: Com relação à escola de ouvintes, tem diferença para a escola de surdos? Você acha que tem um desenvolvimento diferente entre elas?

2: IX1 POSS1 IX1 SENTIR BOM SURDO PRÓPRIO SURDO SALA TAMBÉM PROFESSOR BOM IX(dem) COMUNICAR POSSÍVEL EXPLICAR SURDO DV(surdos-assistir-professor-explicar) CLARAMENTE

PARECER IDENTIDADE IGUAL **IX3 PROFESSOR OUVINTE INTÉRPRETE INCLUSÃO**[87] (cond)

2: Para mim, o bom é a sala de aula de surdos, em que o professor também é surdo; nela a comunicação é possível e tudo que é explicado o surdo compreende claramente, eu acho que tem uma identidade entre eles. ***Se o professor ouvinte estiver junto com intérprete, aí é uma escola inclusiva.***



[87] Disponível em: https://youtu.be/rk0Hq0Xdu-Q.



Ainda com relação a essas condicionais que podem ser agrupadas mais à esquerda de nosso *continuum*, observamos um marcador não manual consistentemente presente: um balanço de cabeça vertical – para cima e para baixo (como fazemos ao dizer “sim”), tal como é ilustrado nas Figura 30 e 31:

Figura 30 Balanço de cabeça vertical SIM (para cima e para baixo).



Fonte: extraído de Capovilla et al. (2017, p. 2587).

Figura 31 Balanço de cabeça vertical SIM[88].



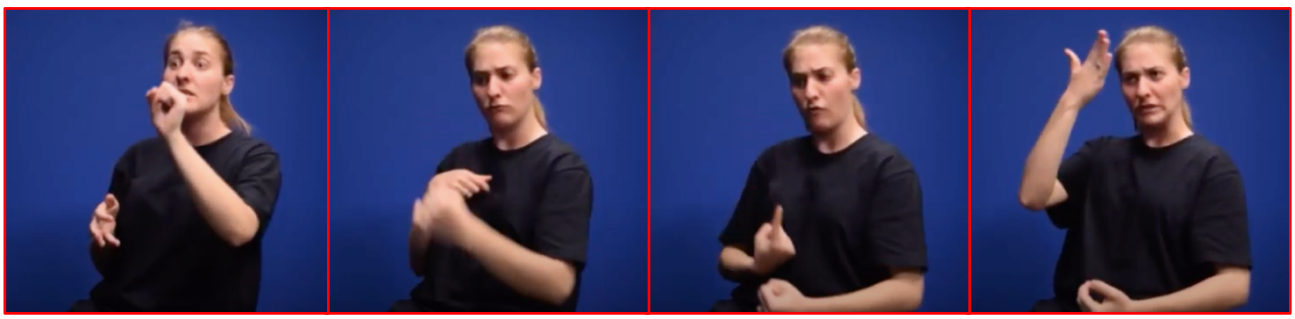
Fonte: adaptado de Córpus de Libras.

Os dados mostram uma tendência ao uso desse marcador não manual de balanço de cabeça vertical (doravante IncSIM) sobre algum ponto da apódose das condicionais, tal como representado em (75):

(75)

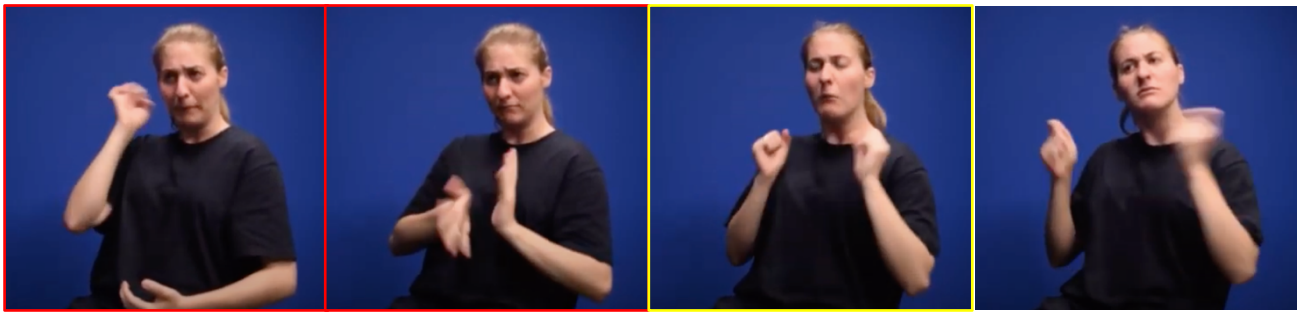
	cond		IncSIM	
SE SE	IX1 ÚNIC@ SABER FS(bem) LÍNGUA-DE-SINAIS		PODE CAPAZ BILÍNGUE	E(então)

Se eu sei bem Libras, eu sou capaz de estar em um contexto bilíngue.

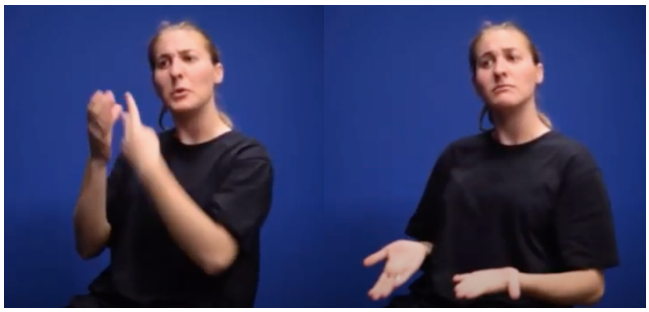


SE IX1 ÚNIC@ SABER

[88] Disponível em: https://youtu.be/ZghVlGmBuoc.



FS(bem) LÍNGUA-DE -SINAIS PODER[89] POSSÍVEL



BILÍNGUE E(então)

Em (75), a informante não abre margem para contestação nem codifica uma situação hipotética. Para ela, é um fato: todos ou ouvintes[90] que sabem bem Libras são capazes de estarem em ambientes bilíngues. Isso faz que essa ocorrência também seja identificada como +factual, ou seja, localizada mais à esquerda em nosso continuum. Essa evidência pode ser confirmada por meio do uso de IncSIM, que reforça o sentido de afirmação e que desativa a noção de hipoteticidade (-hipotética). Chamamos atenção, ainda, para o PALM-UP[91], que, nesse contexto, parece contribuir para a leitura de factualidade; todavia, esse não é um sinal manual que está consistentemente presente em todos os nossos dados +factuais[92].

---

[89] Momento em que IncSIM acontece marcado em amarelo.
[90] Depreendido do contexto anterior.
[91] Sempre glosado, em nossos dados, como E(então), tal como foi anotado pelos anotadores do Córpus de Libras da UFSC.
[92] Silva (2019), em sua tese sobre a (in)definitude do SN na Libras, indica que o sinal PALMAS-PARA-CIMA, quando associado à MNM não específica "boca de ferradura", indica contextos *irrealis.* Todavia, em nosso exemplo, usado isoladamente, o sinal manual é utilizado com sobrancelhas abaixadas e com uma leve inclinação lateral da cabeça, o que parece corroborar o uso afirmativo, sem abrir margem para contestação.

O que parece realmente acontecer no uso das orações condicionais, contribuindo para a interpretação sobre a relação de factualidade, é a sobreposição de usos de sinais manuais com MNM. Por exemplo, em (76), a seguir, a informante retoma uma situação passada para dizer que, se tivesse dúvidas, ela fazia perguntas à professora sobre qual palavra do português deveria utilizar. A ocorrência (76), todavia, além de contar com IncSIM sobre a apódose da condicional, é marcada, inicialmente (encabeçando a prótase), com uma inclinação de cabeça para trás (IncT), juntamente com um desvio de olhar, que são características, respectivamente, de uso de menor certeza (dúvida) e de busca por informação inferível. Observemos, a seguir:

(76)

Desv.Olh.
IncT — IncSIM — IncSIM
cond
SE ACONTECER IX1 DÚVIDA IX1 DV(uma-sentada-de-frente-para-a-outra) $_3$ENSINAR$_1$

Se acontecesse de eu ter dúvidas, eu sentava de frente para a professora e ela me ensinava.

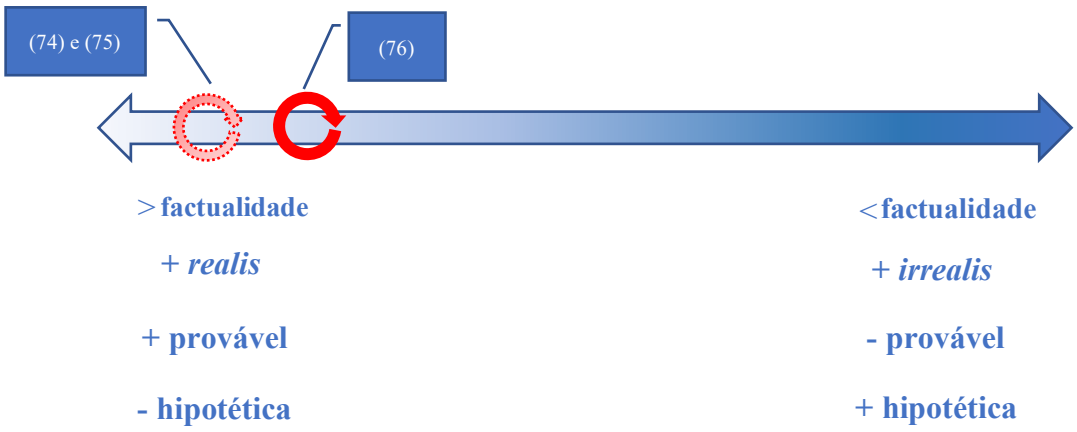


SE ACONTECER IX1 DÚVIDA



IX1 DV(uma-sentada-de-frente-para-a-outra) $_3$ENSINAR$_1$ $_3$ENSINAR$_1$

Portanto, essa sobreposição de usos pode indicar que nem sempre acontecia de a informante ter uma dúvida, mas, quando tinha, a professora sempre a ensinava. A inter-relação entre condicionais e tempo, não tratada nesta tese, mas atestada em diversos trabalhos, como Rodrigues (2006), Hirata-Vale (2005) e Crescêncio-Neto (2021), pode interferir na interpretação da sentença como carregando menos factualidade do que as ocorrências apresentadas em (74) e em (75), como se se localizasse, mais ou menos, nessa posição de nosso *continuum*:



Assim, como podemos observar, embora (76) ainda permaneça localizada mais à esquerda em nosso *continuum* de factualidade, sua interpretação não a coloca no mesmo ponto em que estão (74) e (75), sobretudo pelo uso de outros traços não manuais que possibilitam essa leitura.

Logo, quanto mais à direita no *continuum*, menor a factualidade e maior a hipoteticidade. Um exemplo que se mostra mais ao centro do nosso *continuum* é o representado por (77). Nele, a informante utiliza os mesmos traços não manuais de (76); todavia, o uso do sinal manual FUTURO permite a leitura mais hipotética da realização. O uso desse sinal, acompanhados dos outros traços não manuais, permitiria uma leitura de um futuro hipotético,

tal como ocorro com o Futuro do Subjuntivo do português, em que se denota possibilidade, bem como exprime um caráter de eventualidade. Observemos o exemplo:

(77)

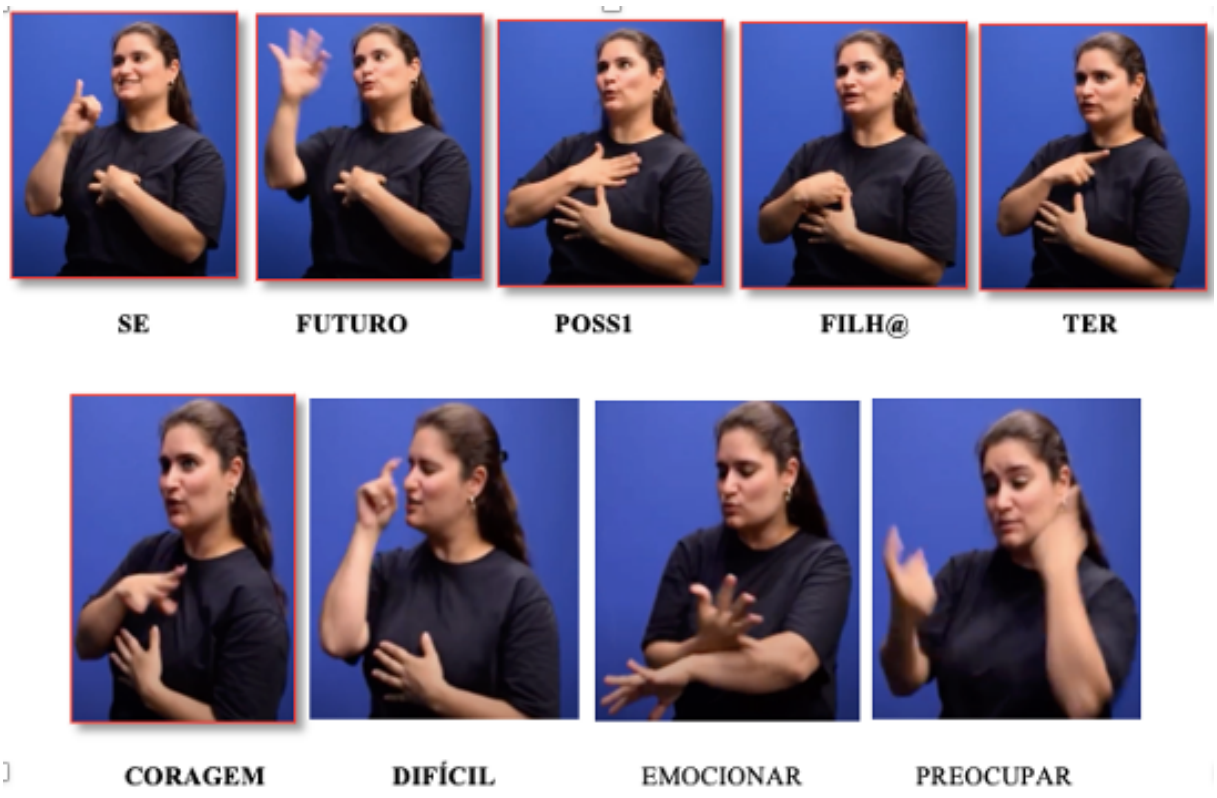
DOlh.

IncT IncSIM IncSIM

cond

SE FUTURO POSS1 FILH@ TER CORAGEM DIFÍCIL EMOCIONAR PREOCUPAR SAÚDE CONSEGUIR COISA E(positivo) PROBLEMA COMPLEMENTAR NÃO ARREPENDER [93]

***Se no futuro meu filho tiver coragem (de fazer a cirurgia de implante coclear)**, vai ser difícil para mim; eu me preocupo com a saúde dele, se vai dar tudo certo, se não vai ter problema, se não vai se arrepender...*

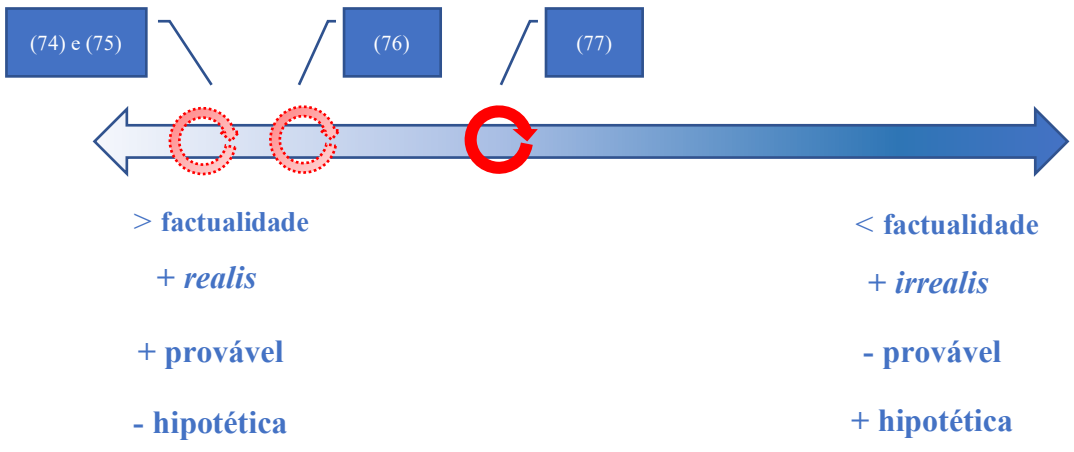


[93] Disponível em: https://youtu.be/AdYxzEP_GyY.



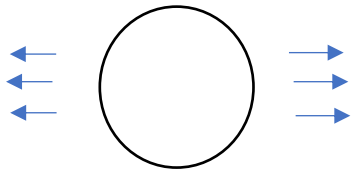


Em (77), que tem uma factualidade menor do que os exemplos apresentados anteriormente, a possibilidade de realização apresenta maior incerteza, tendo em vista que envolve uma possibilidade futura, expressa pela informante por meio do sinal FUTURO. Assim, eventualmente, pode acontecer que, no futuro, o filho da informante faça uma cirurgia de implante coclear (mas, também, pode ser que não faça); concentra-se, então, em uma realidade potencial, incerta, em que o nível de factualidade "caminha" em direção à direita do *continuum*, na medida em que tem um maior grau de hipoteticidade:



À medida que as condicionais "caminham" pelo *continuum*, direcionando-se mais à direita, observamos que outros traços não manuais passam a ser mais utilizados. Por exemplo, em vez do balanço de cabeça vertical (IncSIM), os informantes podem utilizar um balanço lateral, com movimentos mais curtos e repetitivos do que o utilizado na negação (e que representaremos como BalLat). Algo como o que é representado pela Figura 32:

Figura 32 Representação do balanço curto lateral de cabeça (BalLat).



Fonte: elaboração própria.

Esse balanço lateral de cabeça parece estar relacionado a contextos de maior hipoteticidade (se comparados aos anteriores). Adicionalmente, o traço "boca de ferradura" também pode indicar maior incerteza ao enunciar a sentença, como podemos ver em (78)[94]:

(78)

BalLat

cond

EXEMPLO PESSOA SURD@ OUVIR SURD@ GOSTAR-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS VARIAÇÃO LÍNGUA-DE-SINAIS GOSTAR-NÃO LÍNGUA-DE-SINAIS GOSTAR GOSTAR-NÃO ORAL GOSTAR ORAL DEPENDER[95]

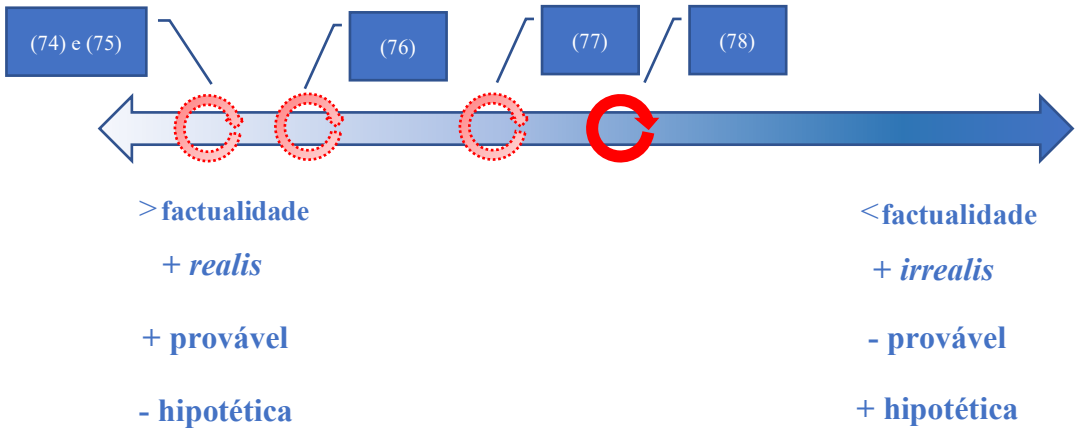
[94] O MNM "boca de ferradura" ocorre antes do sinal manual SE, por isso deixamos a imagem sem a glosa referente ao sinal manual. Para marcar o momento em que o balanço lateral de cabeça ocorre, inserimos um contorno verde à imagem da sequência.

[95] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ReZF-nEdCAw.

Se um surdo ou ouvinte não gosta de Língua de Sinais, existe uma variação. Tem quem não goste de língua e sinais e tem quem goste; tem quem não goste de oralizar, e tem quem goste. Depende.



Em (78), a informante cria um cenário em que, hipoteticamente, tanto ouvintes quanto surdos podem ou não gostar de oralizar ou de usar a Libras, e que isso *depende* de cada um. Essa realização mais aberta a possibilidades permite-nos mostrar que esses usos não manuais, utilizados em conjunto com sinais manuais como DEPENDER, que também tem um significado mais hipotético (e alternativo), podem indicar um valor semântico mais próximo do polo direito de nosso *continuum*, se comparada às anteriores:



Já em (79), veremos que esta ocorrência expressa ainda menos factualidade que as anteriores. Nessa ocorrência, apresentada a seguir, a relação entre prótase e apódose é a de fato > conclusão. De acordo com NEVES (2000), essa relação conclusiva entre os componentes que formam esse tipo de condicional se dá "com a inversão da polaridade entre prótase e apódose" (p. 840). Isso quer dizer:

- O conteúdo da prótase "**DV(professor-frente-aluno-para-ver-lábio) FALAR-ORAL**" (se o professor ficasse parado na minha frente) apresenta um fato com polaridade negativa: "o professor *não* ficava parado na minha frente".
- Na apódose "**POSSÍVEL**", o conteúdo veiculado "era possível que eu entendesse" apresenta uma conclusão também com polaridade negativa: "*não* era possível entender".

Observemos:

(79)

1: IX1 PERGUNTAR IX2 CONSEGUIR PROFESSOR ORALIZAR FALAR-ORAL CONSEGUIR?

1: Você conseguia entender a oralização do professor?

2: ALGUM+ PROFESSOR CONSEGUIR MAS PROBLEMA O-QUE FALAR-ORAL DV(professor-andando-e-falando-sem-olhar-aluno) DV(professor- frente-aluno) NUNCA **DV(professor-frente-aluno-para-ver lábio) FALAR-ORAL POSSÍVEL**[96]

2: Alguma vezes, eu conseguia entender, mas qual era o problema: o professor ficava andando para lá e para cá enquanto oralizava e nunca parava de frente para mim. ***Se ele ficasse parado na minha frente, era possível que eu entendesse.***



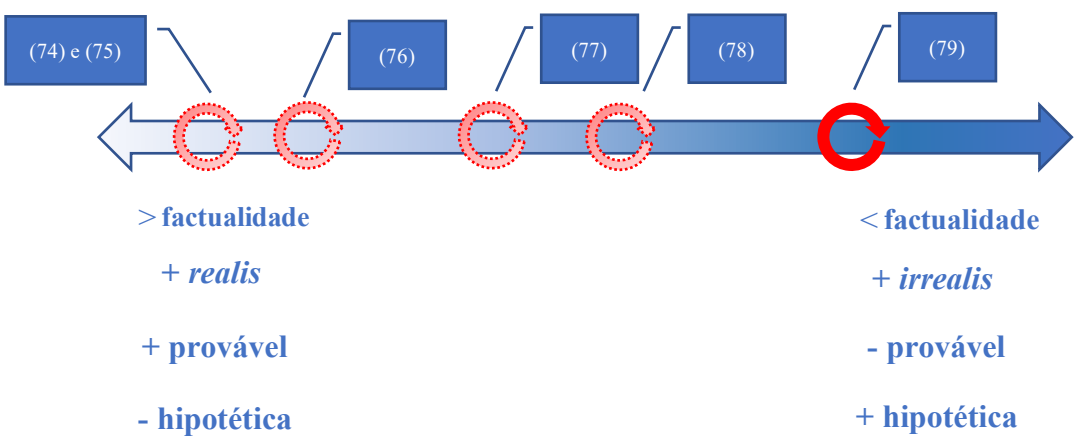




[96] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FO1tvtdX1xo.



Essa ocorrência, dentro do *continuum* proposto por nós, caminha para o polo mais à direita do que as anteriores. A noção se aproxima do polo [+irrealis], em que a realização é menos provável de ter acontecido, sobretudo, porque, a ocorrência descreve um episódio no tempo passado (o informante conta a sua vivência quando era estudante), em que se tem uma maior certeza sobre a sua não ocorrência. Vale dizer, ainda, que o sinal "NUNCA" favorece essa interpretação, o que estabelece mais ainda a relação da negação do ato de "o professor ficar parado na frente do aluno enquanto oraliza". Localizamos (79), portanto, em nosso *continuum* deste modo:



O exemplo dado pelo nosso próximo exemplo, em (80), representa um passo a mais à direita do *continuum* de factualidade, quer dizer, a relação condicional estabelecida nesse contexto aproxima-se mais à não factualidade, bem como ao traço [+irrealis], no sentido de que a probabilidade de o fato expresso na prótase ser uma condição para a realização do conteúdo da apódose é impossível. Como podemos observar em (80), a seguir, não há a possibilidade de relacionar, sob o ponto de vista da informante, o conteúdo "usar implante coclear" a "ouvir bem". Podemos perceber que o balanço lateral de cabeça, apontado em (80), também está presente, mas, nesse caso, ele se realiza na apódose, o que corrobora a interpretação da impossibilidade:

(80)

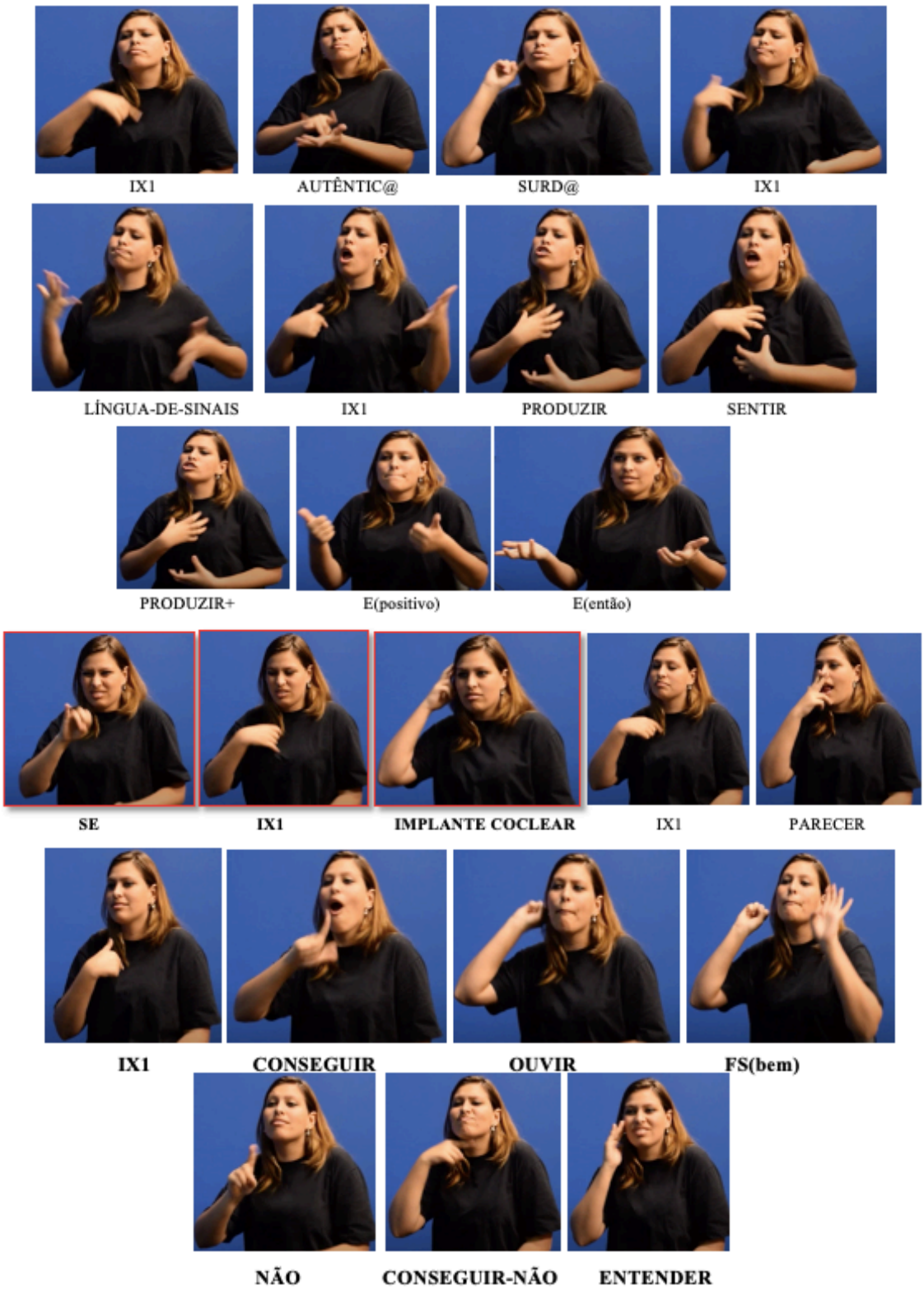
IX1 AUTÊNTIC@ SURD@ IX1 LÍNGUA-DE-SINAIS IX1 PRODUZIR SENTIR PRODUZIR+ E(positivo)

cond

E(então) SE IX1 IMPLANTE-COCLEAR IX1 PARECER IX1 CONSEGUIR OUVIR FS(bem) NÃO CONSEGUIR-NÃO+ ENTENDER[97]

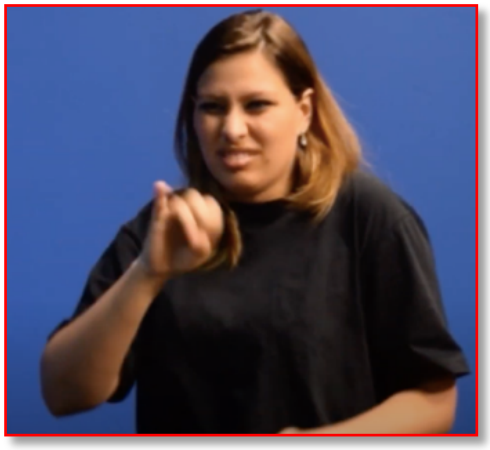
Eu sou surda, eu uso língua de sinais, com ela eu me expresso, eu sinto e me expresso melhor. Então, ***se eu colocar o implante coclear****, parece que eu vou conseguir ouvir bem, mas eu não vou.*

[97] Disponível em: https://youtu.be/_pY3MBHLFfY.



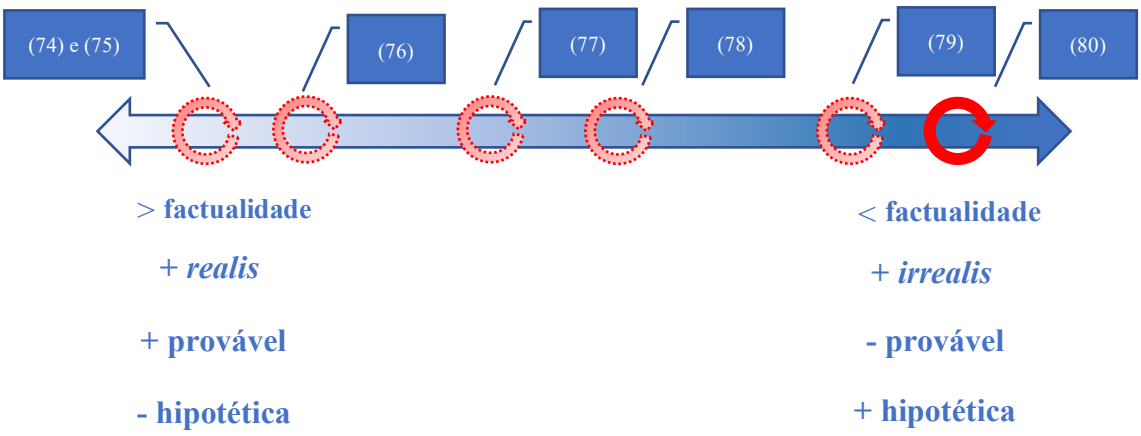
Outra característica relevante para o uso das condicionais que se localizam mais à esquerda em nosso *continuum* é a presença não só do franzimento de sobrancelhas, como também do uso do "nariz enrugado", tal como ocorre em (80) e é reapresentado na Figura 33:

Figura 33 Nariz “enrugado” (*wrinkled nose*) e franzimento de sobrancelhas em [- factuais].



Fonte: Corpus de Libras (2020).

Na língua de sinais austríaca, ÖGS, Lackner (2013) menciona que o apertar de olhos, juntamente com o que ela chama de “nariz enrugado” (ou *wrinkled nose*), são expressões não manuais recorrentes em interrogativas e em condicionais contrafactuais e, geralmente, expressam incertezas. Pfau e Steinbach (2004), inclusive, descrevem para a NGT um exemplo em que relacionam o “nariz enrugado” às funções de veicular informação compartilhada. Na Libras, esse parece ser um traço que pode ocorrer nas [- factuais], o que localizaria (80) no polo direito do nosso *continuum*:



Como vimos na Seção 2.3, de acordo com Dachcovsky (2008), as contrafactuais da ISL são marcadas por olhos semicerrados, juntamente com o arqueamento das sobrancelhas, diferenciando-se das condicionais factuais/eventuais, que apenas têm como marcação o arqueamento das sobrancelhas. Dachcovsky e Sandler (2009) sugerem que esse franzimento dos olhos está relacionado à informação dada, ou seja, a algo que ou já tenha sido mencionado previamente no discurso ou que o próprio contexto facilite a recuperação da informação. De acordo com as autoras, nas condicionais contrafactuais desta língua, o apertar dos olhos seria como que uma "pista" para o receptor de que uma referência na oração não é atualmente acessível, mas pode ser recuperada a partir do contexto, ou seja, informação inferível (PRINCE, 1981). Todavia, para a Libras, o franzimento das sobrancelhas, associado ao nariz enrugado, parece se relacionar mais com a impossibilidade de realização da condição.

O mais importante que queremos deixar registrado é que, embora encontremos essa tendência aos usos dos MNM para a expressão de factualidade ou não factualidade na Libras, essa relação não se estabelece de modo categórico, uma vez que os MNM podem veicular muitas noções diferentes, especialmente quando associados a diferentes sinais manuais. É por essa razão que não fazemos uma proposta de divisão clara entre as realizações ao longo do *continuum*, partindo do pressuposto, inclusive, de que esses mesmos usos podem ter leituras diferentes em contextos diferentes.

Klomp (2019), ao pesquisar as condicionais na NGT e investigar um córpus quantitativamente mais expressivo que o nosso (uma vez que recolheu mais de 500 ocorrências de orações condicionais), também não conseguiu delimitar especificamente uma "padronização" de usos não manuais característicos de factualidade (ou não factualidade). Acreditamos que isso tenha acontecido justamente em virtude dessa ampla possibilidade de relações que os MNM podem estabelecer entre si, sobrepondo-se uns aos outros em diferentes

contextos de realização, além, é claro, do uso de elementos manuais que contribuam para essas diferentes leituras.

Portanto, mesmo que tenhamos um quantitativo relativamente baixo de ocorrências de condicionais para a Libras em nosso córpus, nossos resultados indicam essa tendência da língua em recorrer a esses usos para expressar os graus de hipoteticidade. Por essa razão, preferimos, para essa subseção, apresentar uma análise mais qualitativa do que quantitativa, a fim de evidenciar justamente esses diferentes usos para a expressão de factualidade.

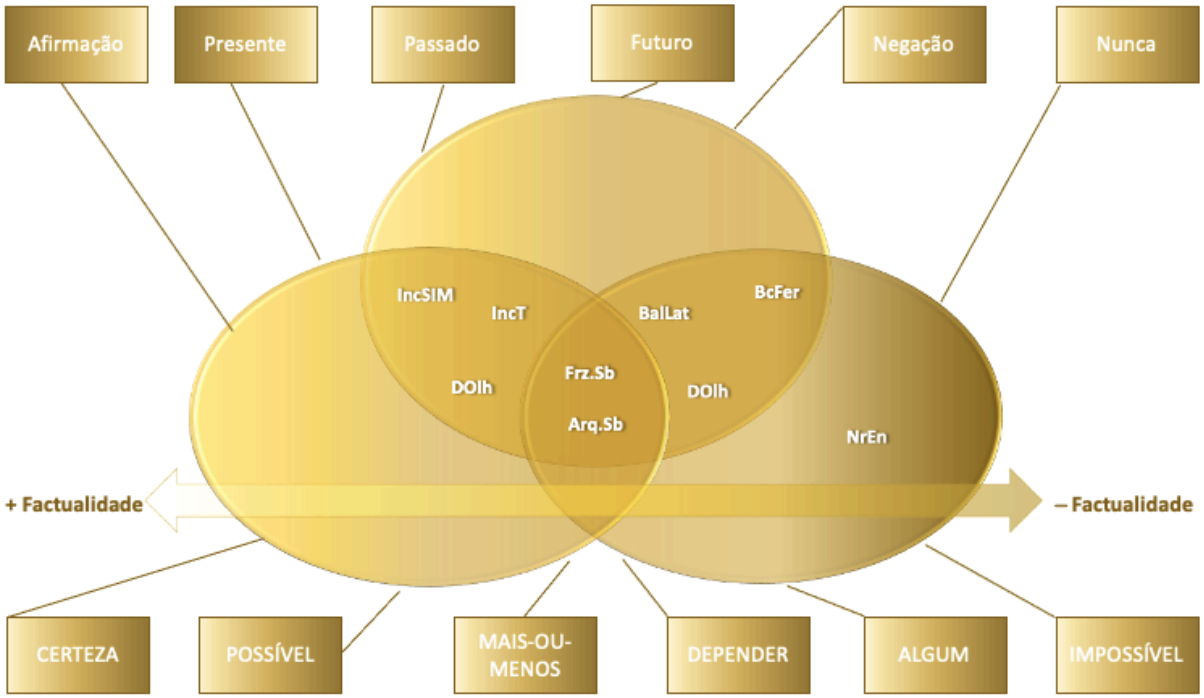
É por essa razão que, em nosso *continuum*, já que observamos uma fluidez das noções semânticas das condicionais, não apresentamos uma divisão de usos discretos dos MNM, os quais, afirmamos, podem flutuar em diversas posições pelo *continuum*, contribuindo para as leituras que podemos fazer.

Dessa forma, atribuímos às nossas ocorrências várias posições dentro do *continuum* da noção de factualidade das condicionais da Libras, de modo que, quanto mais à esquerda, mais factual é a noção expressa pela condicional; as que se estabelecem mais ao centro podem ter uma leitura mais potencial; e as que são agrupadas mais próximo do polo direito obtêm uma leitura menos factual. Para representar melhor, contudo, a inter-relação entre esses possíveis níveis de interpretação, elaboramos a ilustração a seguir, que representa esses usos manuais e não manuais, de uma forma multidimensional, em que observamos tendências aos usos quanto ao grau de hipoteticidade (Figura 34).

Nessa figura, as abreviaturas referem-se aos diferentes marcadores não manuais utilizados em nossos dados que contribuem para a observação dos graus de hipoteticidade das orações condicionais da Libras. Como podemos observar, não há traços específicos relacionados a apenas um polo do *continuum*; todos aparecem em alguma intersecção entre os círculos, que representam, de uma forma mais abrangente, as noções [+factuais], [+potenciais]

e [-factuais]. Acima dos campos em intersecção, são apresentadas diferentes funções, encontradas em nossos dados, que coincidem com o uso das condicionais; abaixo, alguns dos sinais manuais extraídos de nossas ocorrências que contribuíram para a leitura de hipoteticidade das condicionais.

Figura 34 Inter-relação multidimensional do *continuum* de factualidade para as condicionais da Libras.



Fonte: elaboração própria.

Ressaltamos que pesquisas futuras, com uma maior quantidade de dados, partindo de outras fontes, poderão contribuir para a expansão das noções apresentadas na figura produzida por nós. Sendo assim, essa imagem representa a análise que fizemos a partir de nossas ocorrências. Essa perspectiva de análise, alertamos, é inédita para a observação dos graus de hipoteticidade das condicionais em línguas de sinais.

Uma vez apresentada nossa análise sobre os graus de hipoteticidade das condicionais da Libras, partimos, finalmente, na próxima subseção, para os nossos resultados segundo a análise dos domínios de uso.

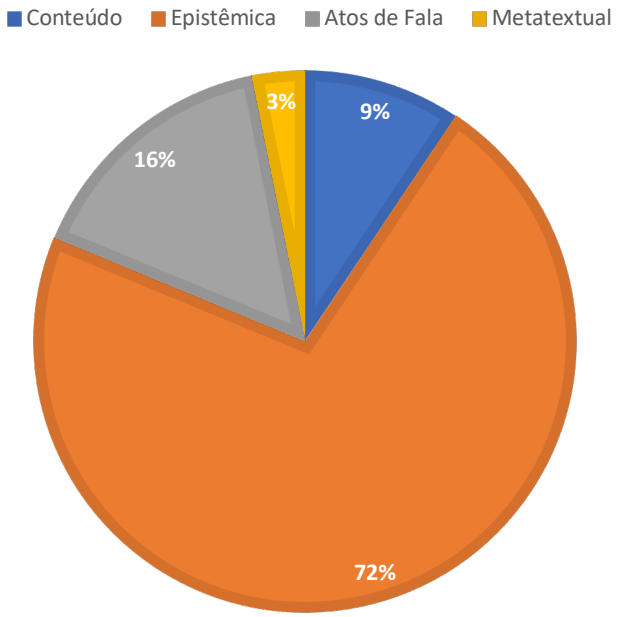
4.4 Domínios de uso

Nesta subseção, partimos para um outro ponto de vista para a observação das condicionais na Libras. Neste momento, buscamos identificar se os tipos cognitivos propostos por Sweetser (2002) podem também ser encontrados em nossas ocorrências. Como já dissemos na seção teórica, Sweetser (2002) descreve as condicionais dentro de um padrão em três diferentes tipos: condicionais de conteúdo, condicionais epistêmicas e condicionais de atos de fala. Dancygier (2003) acrescenta a este um quarto tipo, o metatextual.

Oliveira (2019) advoga que esses quatro tipos de significado condicional poderiam ser colocados numa escala de abstratização e intersubjetivação, de modo que os traços de significados das condicionais partem do *cline*: "condicionais de conteúdo > condicionais epistêmicas > condicionais de atos de fala > condicionais metatextuais" (-abstrato > +abstrato).

Assumindo essas categorias, apresentamos como nosso córpus se compõe nesse sentido:

Gráfico 6 Quantidade de orações condicionais segundo os domínios de uso.



Fonte: elaboração própria.

As condicionais de conteúdo encabeçam o *cline* por serem o tipo mais básico de condicional. Um traço característico desse tipo de condição é a predição, quer dizer, a capacidade de projetar uma conclusão futura a partir de uma causa dada (OLIVEIRA, 2019). Além disso, a realização do conteúdo da prótase é uma condição suficiente para a realização do conteúdo da apódose. Isso pode ser verificado em (81) e (82) a seguir.

Em (81), a sinalizante está em um contexto em que explica que não é a favor do uso de implantes cocleares e apresenta um relato de experiência própria quando diz que não gostava de colocar o implante coclear porque isso lhe causava dor de cabeça. Sendo assim, a prótase "SE IMPLANTE-COCLEAR DENTRO AGUENTAR" engloba a causa para a dor de cabeça descrita na apódose. Assim, configura-se como condicional de conteúdo uma vez que o uso do implante coclear é suficiente, dentro desse contexto, para a realização da apódose, ou seja, de fazer a cabeça doer.

(81)

cond

SE IMPLANTE-COCLEAR DENTRO AGUENTAR FAZER// IX(cabeça) DOR[98]

Se eu colocava o implante coclear, fazia minha cabeça doer.



Em (82), a condicional de conteúdo é realizada por meio de justaposição, ou seja, não há a realização de um sinal manual que seja responsável por veicular o valor de condicionalidade. Contudo, como já dissemos, as expressões não manuais são fundamentais para que consigamos identificar o momento de realização da prótase – há o arqueamento, que se manifesta simultaneamente à realização dos sinais manuais; a pausa realizada pelo piscar de olhos e o impulso de cabeça para a frente; o relaxamento das sobrancelhas denota a contraparte dessa condicional, realizada pelo sinal manual INCLUSÃO.

[98] Disponível em: https://youtu.be/YtsKFPz3AbA.

(82)

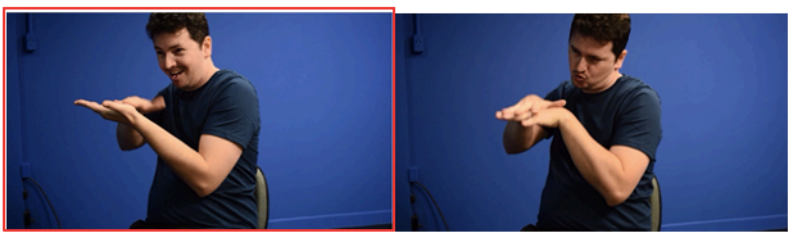
cond

IX3 PROFESSOR OUVINTE INTÉRPRETE INCLUSÃO

Se tem um professor ouvinte junto com um intérprete, aí sim tem inclusão. [99]



IX(ele) PROFESSOR OUVINTE



INTÉRPRETE INCLUSÃO

Nessa ocorrência, a prótase indica, também, uma condição suficiente para a realização da prótase. A relação de causa e efeito, bem marcada, mostra que a inclusão (efeito) ocorre com a condição de que um professor ouvinte seja acompanhado por um intérprete em sala de aula (causa); a relação de predição também é evidente nessa ocorrência, tal como estabelece Dancygier (2003). Ressaltamos, nesse sentido, que, apesar da relação causa-efeito estabelecida nessa ocorrência, não poderíamos analisá-la como uma oração causal, uma vez que a ordem e os MNM favorecem a leitura condicional. Nas línguas de sinais, há uma tendência

[99] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZghVlGmBuoc.

de as causais serem codificadas de modo posposto; Rodrigues (2020) evidencia que o mesmo acontece com a Libras.

Em nossos dados, as condicionais de conteúdo não se mostraram muito abundantes. No universo de 64 ocorrências, apenas 6 (9%) se enquadram nessa categoria. Apesar das poucas ocorrências, é fato que esse tipo semântico pode ser encontrado na realização da Libras.

As condicionais epistêmicas, em contrapartida, são maioria evidente com relação ao uso em nossos dados. No total, contamos com 49 ocorrências (72%). As condicionais epistêmicas, segundo Sweetser (2002), apresentam comportamento diferente do das condicionais de conteúdo. Nesse caso, a expressão do conhecimento sobre a verdade da premissa hipotética veiculada pela prótase é condição suficiente para a conclusão sobre a verdade da proposição veiculada na apódose. Retomando Sweetser (2002), teríamos algo como "Se (*eu sei*) X, então (*eu concluo*) X". Assim, não se trata exatamente da realização de um evento ou estado de coisas, mas do que pode se concluir (na apódose) a partir do que se infere da prótase. Vejamos o exemplo a seguir:

(83)

B: IX3 O-QUE MAIS IMPORTANTE O-QUE FAMÍLIA LÍNGUA-DE-SINAIS COMUNICAR LÍNGUA-DE-SINAIS IX3 PRECISAR OBRIGAR FALAR

B: Pra você, o que é mais importante, a família tem que se comunicar em Libras ou ela deve obrigar o surdo a falar?

cond cond

A: SE IX3 SABER ORALIZAR FALAR-ORAL E(então) VER+ ORALIZAR E(positivo) E(então) SE

cond

NÃO-SABER ORALIZAR LÍNGUA-DE-SINAIS OBRIGAR+ E(então) E(só)[100]

[100] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PyQucWNO5pE.

Se o surdo sabe oralizar, é... ele vê e oraliza, tudo bem, mas, se não sabe oralizar, a língua de sinais é obrigatória, é isso.



Em (83), a sinalizante B traz à tona uma situação familiar comum quando há uma única criança surda dentre pessoas ouvintes dentro de casa: qual língua deve ser usada nesse contexto? Dessa forma, ela questiona à sinalizante A qual sua opinião sobre o tema: a família

toda deve aprender a Libras para conseguir se comunicar com a criança surda ou, em vez disso, deve obrigar a criança surda a falar, ou seja, a aprender o português e fazer a oralização e a leitura labial? Então, A apresenta o que ela acredita que seja o ideal nessa situação – para ela, a afirmação de que está "tudo bem" o fato de a família toda falar na sua língua oral (o português) é uma inferência a partir da premissa de que o surdo sabe, de fato, oralizar. Assim, a suposição de que a premissa hipotética da prótase seja verdade (ou seja, a de que o surdo sabe oralizar) é uma condição suficiente para concluir a verdade da proposição expressa na apódose (ou seja, a que, sob essa condição, é aceitável um surdo oralizar com pessoas ouvintes).

Na sequência, a informante apresenta uma nova condicional epistêmica, em oposição à primeira: para o caso de o surdo não saber oralizar (prótase), seria obrigatório que todos usassem a língua de sinais (apódose). Observemos: o conteúdo veiculado pela prótase, embora seja uma condição suficiente, não é uma condição necessária para a realização do que está suscitado na apódose – inclusive, muitas famílias ouvintes, quando têm um surdo, não se preocupam em aprender a língua de sinais; ao contrário, forçam o surdo a usar a língua oral (com a leitura labial, por exemplo). Vemos aí que a relação de condicionalidade estabelecida entre prótase e apódose vem da crença da informante, o que evidencia a noção epistêmica.

Vale ressaltar que, segundo Sweetser (2002), também se estabelece, nas condicionais epistêmicas, a noção de causa entre as orações. Perceptivelmente, essa noção é mais abstrata do que o que ocorre nas condicionais de conteúdo. Assim, em (83), o conhecimento de que o surdo sabe oralizar é que permite (causa) exprimir a opinião positiva, em concordância, com o fato de toda a família usar a língua oral. Do mesmo modo, o conhecimento de que o surdo não sabe oralizar implica a conclusão de que seria obrigatório todos da família usarem a língua de sinais.

Por sua vez, o grupo das condicionais de atos de fala, embora não tão produtivo quanto o das condicionais epistêmicas, também apresenta um quantitativo expressivo em nosso córpus. Das 64 ocorrências, encontramos 10 (16%) correspondentes a esse tipo. A ocorrência a seguir ilustra condicionais de atos de fala presentes na Libras:

(84)

cond

SE IX3 ELE-MESMO CURIOSIDADE E(pode-ir)[101]

Se é o surdo tem curiosidade (de fazer a cirurgia de implante coclear), pode ir (fique à vontade)



Na ocorrência acima, os sinalizantes estão em um contexto em que discutem sobre a interferência médica para o uso ou não uso dos implantes cocleares. Um dos interlocutores diz que o surdo tem o direito de recorrer à ajuda médica, caso queira ser implantado. O outro, enunciador da ocorrência acima, embora seja contra o uso de implantes, diz que, se o surdo se interessar pelo implante, que vá, porque ele não tem nada a ver com isso – diz isso quase que com desdém. Vemos aí que a relação entre prótase e apódose não apresentam entre si uma premissa hipotética entre os eventos; a relação é estabelecida com o ato de fala proferido na apódose, por meio do emblema glosado no sentido de "pode ir". De acordo com Sweetser (2002), em ocorrências como essa, a execução do ato de fala representado na apódose está

[101] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9-w_iKUZQi8.

condicionada ao cumprimento do estado descrito na prótase. Sendo assim, é o estado na prótase que *causa* o ato de fala a seguir, o que evidencia uma relação mais subjetiva do que os dois tipos anteriores (de conteúdo e epistêmica).

É importante enfatizar que as condicionais de atos de fala nem sempre veiculam noções prototípicas entre si, do tipo "se está com fome, há comida na geladeira", em que a relação de causalidade é marcadamente depreendida a partir do contexto situacional de enunciação. O que é necessário observar é que as condicionais de atos de fala, segundo Oliveira e Hirata-Vale (2017, p. 303-304), "constroem uma moldura para a relevância de um ato de fala", o que quer dizer o significado desse tipo de condicional "está assentado sobre as atitudes do falante com relação ao evento de fala e ao ouvinte". Logo, a leitura que se faz de (84) é: "considerada a noção condicionante", ou seja, "considerada a hipótese de o surdo ter a curiosidade de realizar uma cirurgia de implante coclear", é enunciado o ato "eu digo que ele pode ir – fique à vontade". Situação semelhante é encontrada em 85:

(85)



cond

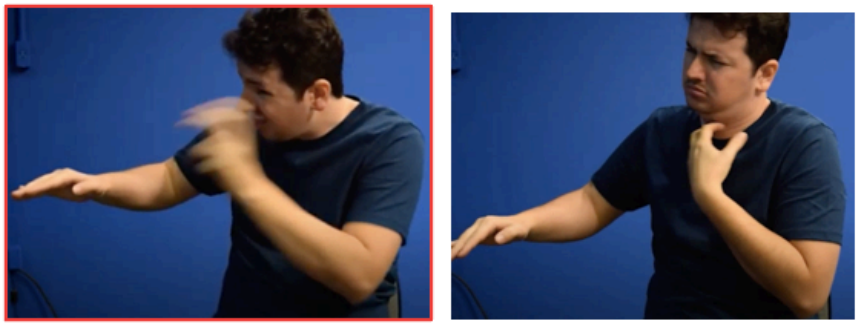
IX(criança) CRIANÇA QUERER IMPLANTE-COCLEAR PODER-NÃO [102]

Se a criança quiser se submeter a uma cirurgia de implante coclear, isso não pode.

[102] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8fK-IzCxXw4.



IX(criança) CRIANÇA QUERER



IMPLANTE-COCLEAR PODER-NÃO

Essa ocorrência, também classificada como sendo do tipo “atos de fala”, remete-nos ao exemplo citado em Neves (2000, p. 860) para o português:

(86) *SE entrarmos em desvantagem, não é bom.*

Em situações como essa, segundo a autora, verifica-se que se pode articular uma oração condicional com uma asserção não exclamativa, ou seja, dois atos de fala são articulados, duas asserções.

O último tipo de condicional, considerando-se o domínio do uso acrescentado por Dancygier (2003), é o metatextual, para o qual obtivemos apenas duas ocorrências (3%). De acordo com a autora, as condicionais de atos de fala e as metatextuais são semelhantes em muitos aspectos, como, por exemplo, o fato de não envolverem nenhuma dependência do mundo real entre o conteúdo da prótase e da apódose. Além disso, nenhuma delas admite,

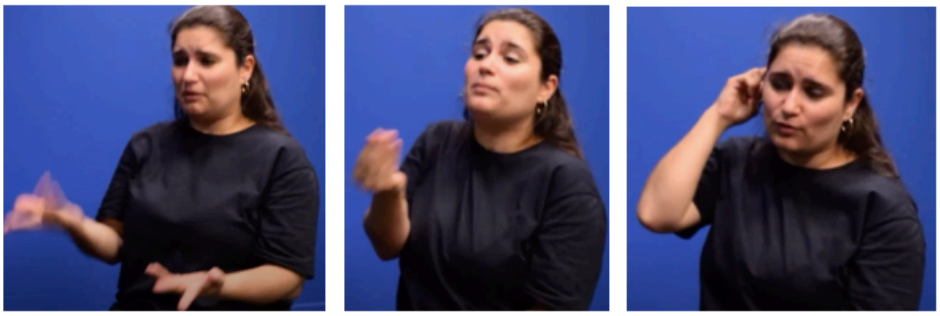
segundo a autora, o uso de formas verbais preditivas e, consequentemente, não usam formas hipotéticas. Entretanto, há diferenças significativas entre elas. Por exemplo, com relação à ordem na sentença, as condicionais metatextuais são tipicamente encontradas na apódose, em virtude de seu caráter informativo, uma vez que constituem comentários sobre a asserção do conteúdo da oração consequente. Assim, têm a propriedade de introduzir uma informação nova (ou complementar) sobre o conteúdo da apódose. Esse é o caso das ocorrências (85) e (86)

(87)

cond

E(então) COMO IMPLANTE-COCLEAR SE DEPENDER TIRAR

Então, como é um implante coclear, se às vezes você pode tirar?



E(então) COMO IMPLANTE-COCLEAR



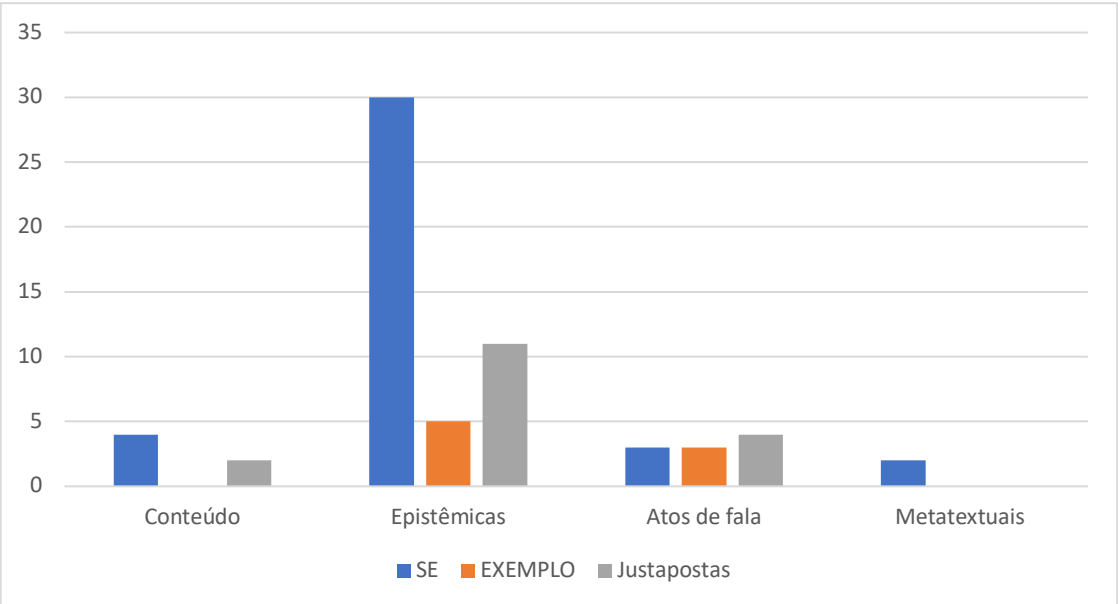
SE DEPENDER TIRAR

Em 87, a informante discute o significado do termo “implante coclear”, questionando, assim, o porquê de ser um “implante”, uma vez existe a possibilidade de retirar a área externa do aparelho. Para as condicionais metatextuais, o significado é construído com base na situação textual e metalinguística, de modo que, conforme vai se tornando cada vez mais “embasado na avaliação do falante em relação à interação, o significado condicional se torna cada vez mais intersubjetivo” (OLIVEIRA; HIRATA-VALE, 2017, p. 304). Faz-se, então, a seguinte leitura dessa ocorrência: considerando determinado elemento do discurso – no caso, o implante coclear –, é enunciado o ato de fala “você pode tirar”.

Uma vez identificadas as ocorrências em nosso córpus de acordo com o domínio do uso das condicionais, buscamos perceber se poderíamos relacionar esse domínio aos outros grupos já contemplados, quais sejam: tipo de enlace (SE, EXEMPLO, justaposto), marcadores não manuais, ordem e grau de factualidade.

Com relação ao tipo de enlace, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 7 Tipos de enlace vs. Domínios de uso.



Fonte: elaboração própria.

As orações condicionais introduzidas pela conjunção SE aparecem nos 4 domínios de uso. O resultado pode ter sido motivado em decorrência de essas ocorrências compreenderem o maior quantitativo de nossas ocorrências, quer dizer, de acordo com nossos dados, as orações introduzidas por esse marcador manual são as preferidas pelos surdos informantes desta pesquisa. Sendo, portanto, a marcação mais prototípica da Libras segundo nossos dados, faz sentido que seja a preferida para o uso dentro dos quatro domínios.

Com relação às orações justapostas, que ocupam o segundo lugar no *ranking* de realização das condicionais obtidas por nós, o único domínio em que não há qualquer ocorrência é o metatextual. Esse dado faz sentido na medida em que as condicionais metatextuais tendem a ser pospostas e não encontramos nenhuma oração condicional posposta que seja justaposta; talvez, isso decorra em virtude de os marcadores não manuais característicos das condicionais terem relação com a marcação de tópico da sentença, como o arqueamento das sobrancelhas.

As ocorrências introduzidas pela conjunção EXEMPLO não ocorrem nem nas condicionais de conteúdo, nem nas condicionais metatextuais. Nossa hipótese para isso é que, em virtude de EXEMPLO estar em processo de gramaticalização, o que significa que seu uso como conjunção condicional é relativamente novo na Libras, sua ocorrência esteja ligada aos domínios de maior recorrência na língua, como os domínio epistêmico e dos atos de fala, para os quais a eventualidade é mais frequente.

Com relação à marcação não manual, não encontramos um uso padronizado nesse sentido, quer dizer, nossos dados não revelam qualquer relação entre o uso específico de um ou outro marcador não manual e o domínio de uso proposto por Sweetser (2002) e Dancygier (2003). Nossa hipótese para isso, que deve ser futuramente verificada, está relacionada aos poucos dados que recolhemos com relação às diferentes categorias. Isso poderia ser refutado, tendo em vista, por exemplo, que Klomp (2019), ao analisar as condicionais para a NGT,

também não identificou esses padrões de uso, mesmo tendo uma grande quantidade de ocorrências. Apesar disso, pesquisas futuras, recolhidas a partir de outros bancos de dados, podem evidenciar se não há, de fato, esse padrão de uso.

5. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, tivemos o objetivo geral de descrever e analisar, partindo de uma perspectiva teórica funcionalista, como as relações de condicionalidade podem ser expressas na Língua Brasileira de Sinais partindo de produções naturais de uso, extraídas do Corpus de Libras da UFSC. Nesse sentido, observamos como os usuários dessa língua produzem as orações condicionais em seus discursos, inter-relacionadas seja por um enlace conjuntivo, considerando o uso de marcadores manuais que funcionam como conjunções condicionais (SE e EXEMPLO), seja por um enlace justaposto, quer dizer, em que o uso de marcadores não manuais explicita esse uso.

Além disso, de modo específico, buscamos apontar quais marcadores não manuais gramaticais estão associados à expressão de condicionalidade, relacionando-os aos diferentes tipos de condicionais que identificamos na Libras seja seguindo critérios semânticos, em que observamos os graus de hipoteticidade, seja seguindo os parâmetros de seus domínios de uso, tal como Sweetser (2002) e Dancygier (2003) sugerem. Ainda, avaliamos a ordem das condicionais, considerando suas possíveis motivações quanto ao uso dos constituintes condicionais codificados como tópicos ou adendos (FORD; THOMPSON, 1986; HIRATA, 1999).

Para isso, coletamos 64 ocorrências de condicionais da Libras e partimos para uma análise quali-quantitativa, considerando, como grupos de fatores: critérios formais, ao identificar marcadores manuais e não manuais que apresentam um padrão de uso nessas orações, bem como ao observar a ordem dos constituintes, relacionando-os ao tipo de informação que veiculam; critérios semânticos, ao observar os sentidos expressos quanto ao grau de hipoteticidade; critérios semântico-pragmáticos, ao observar a relação de sentido das condicionais quanto aos domínios de uso.

Ao analisar nossos dados, propusemos uma descrição detalhada das possíveis formas de como o sinal manual **SE** pode ser realizado. Além disso, quanto à sua origem de uso na Libras, apresentamos duas hipóteses, de modo que pudemos inferir, com base nas ocorrências que coletamos, que se trata de um empréstimo do português.

Com relação ao sinal manual **EXEMPLO**, observamos uma tendência à realização de sua forma +gramatical (ou seja, como conjunção) com um movimento retilíneo para a frente, semelhante ao que ocorre durante a produção do sinal manual SE. Esse movimento, contudo, não ocorre em sua forma +lexical, o que demonstra que, quando usado para introduzir orações condicionais, parece estar assumindo propriedades fonológicas diferentes do seu uso +lexical.

Mais uma evidência disso é o uso do ***mouthing*** de "si", que ocorre durante a produção de EXEMPLO, assim como ocorre ao realizar-se SE. Inclusive, raros são os casos em que o *mouthing* não é produzido – apenas em 10,7% dos casos, sendo uma ocorrência com EXEMPLO e 7 com justapostas. Isso denota, portanto, que o *mouthing* faz parte dos sinais manuais que introduzem orações condicionais na Libras. Um outro dado interessante é que esse MNM também pode ser encontrado sobre algum ponto da prótase de orações justapostas.

Com relação ao uso das **sobrancelhas**, observamos que o arqueamento é, de fato, o MNM mais frequente para marcar a prótase das condicionais. Todavia, outras funções podem se sobrepor (como dúvida, negação e reprovação), o que levará as sobrancelhas a assumirem a forma franzida, em vez de arqueadas. Essa sobreposição, contudo, só ocorre se os marcadores manuais estiverem presentes, quer dizer, em condicionais introduzidas pelas conjunções SE ou EXEMPLO. Portanto, em orações justapostas, o arqueamento *sempre* vai estar presente.

Quanto ao **piscar de olhos**, embora não tenhamos encontrado um padrão de uso categórico, sustentamos que há uma tendência ao seu uso na língua para marcar os limites entre

prótase e apódose. Quando isso não acontece, ou haverá o relaxamento/franzimento das sobrancelhas ou uma mudança do movimento de cabeça entre os constituintes.

E, em se tratando do **movimento de cabeça**, é característica das condicionais da Libras a inclinação para a frente durante a prótase das condicionais, retornando à posição inicial durante a apódose. Esse uso também não é categórico, na medida em que outros usos relacionados a outras funções podem se sobrepor. Por exemplo, em contextos de dúvida, a cabeça pode ser inclinada para trás. Vale dizer que, no caso de o informante inclinar a cabeça para a esquerda ou para a direita, uma projeção para a frente sempre ocorrerá, a não ser, como dissemos, em contextos onde há a sobreposição de funções.

Sendo assim, o uso mais prototípico das condicionais na Libras é o arqueamento das sobrancelhas sobre a prótase, juntamente com a produção do *mouthing* de "si" e com a projeção da cabeça para a frente. Isso pode ser seguido por um piscar de olhos que demarca a passagem do constituinte antecedente para o consequente; na apódose, há uma mudança no formato das sobrancelhas, bem como uma mudança na inclinação da cabeça. Esses usos, reiteramos, podem sofrer influência de outras funções no discurso, o que pode alterar, também, a sua realização.

Com relação à **posição sintática** que os constituintes ocupam nas sentenças condicionais da Libras, observamos que a anteposição, ou seja, a sequência prótase > apódose, tem uso bem mais representativo (96%). A posposição, todavia, também é atestada. Assim, a ordem não marcada para as condicionais é a anteposição, e a ordem marcada, a posposição.

As prótases das condicionais antepostas veiculam informações dadas/inferíveis; as das condicionais pospostas, em contrapartida, veiculam informações novas – não no sentido apenas de que a informação não tenha sido mencionada anteriormente, e, sim, estabelecida na relação entre os constituintes da condicional (LAMBRECHT, 1994). Ressaltamos que, embora

tenhamos obtido apenas duas ocorrências de condicionais pospostas, essa realização indica um dado ainda não registrado para outras línguas de sinais (RODRIGUES, 2020; RODRIGUES; ALEIXO, em preparação). Nesse sentido, as prótases das condicionais antepostas funcionam como tópicos das sentenças em que ocorrem, ao passo que as pospostas funcionam como adendos restritivos.

Uma vez estabelecido que as condicionais antepostas sempre veicularão informações dadas/inferíveis, funcionando como tópicos de suas sentenças, observamos, nos termos de Ford e Thompson (1986) e de Hirata (1999), se pertenciam aos grupos denominados "retomada", "contraste", "exemplificação" ou "opção". Aferimos que os quatro grupos foram encontrados em nossas ocorrências, de modo que há uma distribuição relativamente equivalente com relação à função exercida pelos tópicos das condicionais antepostas (por frequência, foram utilizados os tópicos de opção (31,26%), seguidos pelos tópicos de retomada e de exemplificação (25,43% cada) e pelos tópicos de contraste (18,75%).

Observamos, então, ao fazer o cruzamento dos dados obtidos quanto ao tipo de tópico encerrado pelas condicionais antepostas com os tipos de enlace que investigamos, que os tópicos de retomada e de opção são os preferidos quando o sinalizante introduz as prótases com a conjunção manual SE. Com relação às condicionais introduzidas por EXEMPLO, observamos que todas as realizações foram produzidas por meio de tópicos de exemplificação, o que corrobora a tese de Rodrigues (2020) de que esse sinal manual está passando por um processo de gramaticalização.

Com relação aos **graus de hipoteticidade** das orações condicionais, nossos dados demonstram a impossibilidade de distribuí-las em grupos discretos, uma vez que muitos usos de MNM e de outros sinais manuais se sobrepõem às ocorrências, o que interfere no modo como podemos interpretar as noções de factualidade. Sendo assim, propusemos uma análise a

partir de um *continuum*, em que situações que se estabelecem mais próximas do polo esquerdo demonstram noções +factuais, e, à medida que "caminham" pelo *continuum*, passam a ter uma interpretação +hipotética. Logo, quanto mais à direita do *continuum*, menor a possibilidade de realização (-factual).

Consideramos essa análise uma importante contribuição que nossa tese traz para a área da descrição de línguas de sinais, uma vez que apresenta uma forma totalmente inédita de olhar para as condicionais das línguas de sinais. Assim, assumimos que, para avaliar a hipoteticidade de uma oração condicional na Libras, é preciso levar em consideração a sobreposição de usos manuais e não manuais, pressionados pelo contexto discursivo.

A proposta de representação dessa inter-relação entre os usos manuais e não manuais elaborada na Figura 34 serve, assim, como ponto de partida para mais pesquisas sobre esse aspecto, de modo que uma análise de outros córpora pode contribuir para uma expansão do que apresentamos.

Com relação aos **domínios de uso**, identificamos ocorrências para os quatro grupos, a saber, de conteúdo, epistêmico, de atos de fala e metatextual. Apontamos que o domínio epistêmico foi o mais recorrente, com maior uso de orações introduzidas pela conjunção SE. Com relação às introduzidas pela conjunção EXEMPLO, os usos estiveram concentrados nos domínios epistêmicos e dos atos de fala. Para as justapostas, o único domínio impossível de se realizar é o das metatextuais, que assumem a ordem posposta; isso ocorre porque, na Libras, como dissemos anteriormente, é impossível o uso posposto sem o uso de uma conjunção manual.

É importante que enfatizemos que, para esse tópico, os poucos dados que obtivemos comprometeram uma análise mais aprofundada do fenômeno, uma vez que não conseguimos encontrar qualquer padrão de uso, seja manual, seja não manual. Todavia, evidenciamos que os

quatro domínios podem ser codificados na Libras. Pesquisas futuras podem contribuir para o aperfeiçoamento dessas noções.

De um modo geral, portanto, podemos concluir que:

1) Nossa hipótese inicial de que haveria usos gramaticais de MNM específicos para a realização das condicionais pôde ser confirmada, uma vez que há a tendência de uso na Libras do arqueamento da sobrancelha, do *mouthing* de "si" e da projeção da cabeça para a frente sobre as prótases das condicionais, seguidos de um piscar de olhos e de uma mudança na configuração das sobrancelhas e da inclinação da cabeça. Todavia, observamos que outros MNM podem se sobrepor a esses usos, dependendo do contexto de realização, como, por exemplo, no caso de perguntas.

2) A hipótese de que haveria fatores semântico-pragmáticos que viabilizassem a posposição das condicionais na Libras também se confirma, na medida em que observamos que as condicionais pospostas sempre trarão uma relação de novidade na oração dependente, funcionando como adendos restritivos da oração principal. Além disso, observamos que, assim como em outras línguas, elas se manifestam sob o domínio de uso metatextual, característica da posposição. Por fim, observamos que, no caso de justaposição, a sequência apódose > prótase é impossível na Libras.

3) Também é confirmada a nossa hipótese de que o contexto de uso carrega em si grande parte da responsabilidade pela identificação das relações semânticas referentes ao grau de hipoteticidade, mas que o uso de marcadores manuais e não manuais contribuem, também, para essa identificação. Graças a isso, mostramos que os graus de hipoteticidade precisam ser analisados de um

modo multidimensional, na forma de um *continuum*, quer dizer, sem que sejam inseridos em categorias discretas.

4) Com relação aos tipos de usos (de conteúdo, epistêmico, de atos de fala e metatextual), não confirmamos nossa hipótese de que há marcadores específicos para esses usos, o que demonstra que mais pesquisas nesse sentido, partindo de outras bases de dados, ainda precisam ser realizadas.

Por fim, sugerimos que, futuramente, sejam realizadas investigações que relacionem as orações condicionais a outros tipos de orações que, sabemos, também podem veicular a expressão de condicionalidade, como as causais, as temporais e as concessivas. Com isso, certamente, mais contribuições surgirão para esse fenômeno que, satisfatoriamente, nos propusemos a pesquisar.

6. REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *Gramática Mínima para o domínio da língua padrão*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2003

AKATSUKA, N. Conditionals are discourse-bound. In: TRAUGOTT, E. C.; MEULEN, A. T.; REILLY, J. S.; FERGUSON, C. A. (Eds.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, [1986] 2009.

AMPESSAN, J. P. *A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da libras pelo sistema SignWriting*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: UFSC, 2017.

ANDRADE, R. E. H. *Introducción a la lingüística funcional*. Santafé de Bogota: Imprensa patriótica del Instituto Caro y Cuervo, 1992.

ARAUJO, A. D. S. *As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira*. Brasília: UNB, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística).

ARROTÉIA, J. *O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. Campinas: UNICAMP, 2005

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press, 1962.

AWUERA, J. V. Conditionals and speech acts. In: TRAUGOTT, E. C.; MEULEN, A. T.; REILLY, J. S.; FERGUSON, C. A. (Eds.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, [1986] 2009.

AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

BAKER, Charlotte; PADDEN, Carol. *American Sign Language*: a look at its history, structure, and community. Silver Spring: Linstok Press, 1976.

BAKER-SHENK, C.; COKELY, D. *American Sign Language*: A teacher's resource text on grammar and culture. Green Books, Teachers resources. Washington DC: Gallaudet University Press, 1980.

BARBOSA, J. *Foco e Tópico*: algumas questões terminológicas. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras, 2005.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

BERENZ, N.; FERREIRA-BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. *SLR '87: Papers from The Fourth Internacional Symposium on Sign Language Research*, v. 10, p. 26-36, 1990.

BITTENCOURT, A construção condicional hipotética e a modalidade: uma inter-relação lógica. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 44, p. 75-96, jun. 2012.

BRAEM, P. B. *Introduction to sign language and its research*. 3. Ed. Hamburg: Signum, 1995.

BRAGA, M. L.; KATO, M. A.; MIOTO, C. As construções-Q no português brasileiro falado. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BURKOVA, S. I.; KIMMELMAN, V. *Russian Sign Language*: Grammatical overview. Languages 2, 2019.

CAPOVILLA, F. C. et al. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil*: a Libras em suas mãos. São Paulo: Edusp, 2017.

CARNEIRO, B. G.; KHOURI, J. I. B; LUDWIG, C. R.. Articulação de orações em LIBRAS: um breve panorama. *Línguas de Sinais da América Latin*a, v. 7, n. 26, 2021.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view In: LI, C. (Ed.). *Subject and topic.* Nova Iorque: Academic Press, 1984.

_____. *Discourse, consciousness and time*: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

COERTS, J. *Nonmanual Grammatical Markers*: An Analysis of Interrogatives, Negations and Topicalizations in Sign Language of the Netherlands. Doctoral dissertation, Universit of Amsterdam, 1992.

COMRIE, B. Conditionals: A typology. In: TRAUGOTT, E. C.; MEULEN, A. T.; REILLY, J. S.; FERGUSON, C. A. (Eds.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, [1986] 2009.

COULTER, G. R. *American Sign Language typology*. PhD thesis, University of California, San Diego, 1979.

CRASBORN, O. Nonmanual structures in sign language. In: BROWN, K. *Encyclopedia of language & Linguistics*. Oxford: Elsevier, 2006.

CRISTOFARO, S. *Subordination*. Nova Iorque: Oxford University press, 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L, F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed., reimpr. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DACHKOVSKY, S. *Facial expression as intonation in ISL*: The case of conditionals. Israel: University of Haifa, 2005.

DACHKOVSKY, S. Facial expression as intonation in Israeli Sign Language: The case of neutral and counterfactual conditionals. *Signs of the time*. Selected papers from TISLR 8. Hamburg: Signum, p. 61–82, 2008.

DACHKOVSKY, S; SANDLER, W. Visual intonation in the prosody of a sign language. *Language and Speech*, 52(2/3), p. 287-314, 2009.

DANCYGIER, B. Conditionals and prediction: Time, knowledge, and causation in conditional constructions. 2. ed. *Cambridge Studies in Linguistics*, n. 87, Cambridge: Cambridge University Press, [1998] 2003.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Mental Spaces in Grammar*: Conditional Constructions. Cambridge University Press: Cambridge, 2005.

KORTMANN, B. (Eds.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitiveand discourse perspectives*. Berlim, Degruyter, 2000.

_____ . *Mental Spaces in grammar*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2005.

DIK, S. *The theory of functional grammar:* Parte I. Dordrecht: Foris, 1989.

_____ . *The Theory of Functional Grammar*: complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DUCROT, O. *Le preuve et le dire*. Paris: Mame, 1973.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. V.; HAGER, J. C. *Facil Action Coding System*. Salt Lake City: Network Information Research corporation, 2002.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. V. *Unmasking the face*: a guide to recognizing emotions from facial expressions. Cambridge: Malor books, 2003.

ELAN. Eudico Annotator – ELAN. Disponível em: https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/. Acesso em: 02 jun. 2018.

FERGUSON, C. A. et. al. Overview. In: TRAUGOTT, E. C.; MEULEN, A. T.; REILLY, J. S.; FERGUSON, C. A. (Eds.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, [1986] 2009.

FERREIRA-BRITO, L. Similarities and Differences in Two Sign Languages. *Sign Language Studies*, Silver Spring, v. 42, p. 45-46, Linstok Press, 1984.

FERREIRA BRITO, L.; LANGEVIN, R. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Babel, 1995.

FIGUEIREDO, L. M. B.; LOURENÇO, G. O movimento de sobrancelhas como marcador de domínios sintáticos na língua brasileira de sinais, *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v.1, n. 48, p. 78–102, 2019.

FORD, C. E.; THOMPSON, S. A. Conditionals in discourse: a text based study. In: TRAUGOTT, E. C. et al. (Eds.) *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, [1986] 2009.

GRICE, H. Paul. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L (Eds.). *Syntax and Semantics.* New York: Academic Press, 1975.

HAIMAN, J. *HUA: a Papuan language of the eastern highlands of new Guinea*. Amsterdam: John Benjamins, 1980.

_____ . Conditionals are topics. *Language*, n. 54, p. 564-89, 1978.

_____ . Constraints on the form and meaning of the protasis. In: TRAUGOTT, E. C.; MEULEN, A. T.; REILLY, J. S.; FERGUSON, C. A. (Eds.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, [1986] 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K; WEBSTER, J. J. *Continuum companion to systemic functional linguistics*. Londres; Nova Iorque: Continuum, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistics*, v. 3, p. 199-244, 1967.

HAUG, T.; MANN, W. Adapting tests of sign language assessment for other sign languages: a review of linguistic. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, n.13, v. 1, p. 138-147, 2008.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L.. *Functional Discourse grammar*: a typologically-based theory of language structure. Oxford: University Press, 2008.

HERRMANN, A. *Modal and focus particles in sign languages*: a cross-linguistic study. Boston: De Gruyter Mouton, 2013

HILL, J. C.; LILLO-MARTIN, D. C.; WOOD, S. K. *Sign languages*: structures and contexts. Oxon: Routledge, 2019.

HIRATA, F. B. M. *A hipotaxe adverbial condicional no Português escrito contemporâneo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 1999.

HIRATA-VALE, F. B. M. *A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil*: contínuo semântico-pragmático. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2005.

ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Unicamp, 1992.

JANZEN, T. The grammaticization of topics in ASL. *Studies in Language*, n. 23, p. 271-306, 1999.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. *Australian Sign Language (Auslan)*: An introduction to sign language linguistics. New York: Cambridge University Press, 2007.

KARNOPP, L. B. *Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da LIBRAS*: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre, 1994.

_____ . *Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais*: estudo longitudinal de uma criança surda. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.

KIMMELMAN, V.; PFAU, R. Information structure in sign languages. In: FERY, C.; ISHIHARA, S. (eds.). *The Oxford handbook on information structure*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KLOMP, U. Conditional Clauses in Sign Language of the Netherlands: A Corpus-Based Study. *Sign Language Studies*, v. 19, n. 3, p. 309-347, 2019.

LACKNER, A. *Functions of head and body movements in Austrian Sign Language*. A corpus based analysis. Graz: University of Graz, 2013.

LAKOFF, R. If's, and's, and but's about conjunction. In: FILLMORE, C. J; LANGENDOEN, D. T. (Eds.). *Studies in linguistic semantics*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston Inc, 1971.

LAMBRECHT, K. *Information Structure and sentence form*: topic, focus and the mental representations of discourse referents. Nova Iorque: Cambridge, 1994.

_____. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics*, University of Texas at Austin, n.39, v.3, p. 463-516, 2001.

LANE, H; PHILIP, F. *The Deaf Experience* – classics in language and education. Cambridge: Harvard University Press., 1984.

LEITE, T. A. *Segmentação da língua de sinais brasileira (libras)*: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese (Doutorado em estudos linguísticos e literários em inglês) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

LIDDELL, S. K. *American Sign Language Syntax*. Mouton Publisher: The Hague, 1980.

_____. Head thrust in ASL conditional marking. *Sign Language Studies*, v. 52, p. 244-262, 1986.

_____ . Spatial representations in discourse: Comparing spoken and signed language. *Lingua*, v. 98, 1996.

_____ . *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LILLO-MARTIN, D. *Universal grammar and American sign language*: setting the null argument parameters. Massachusetts: Springer-science+business media, 1991.

LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. Focus constructions in american sign language and língua de sinais brasileira. *International Studies on sign language and communication of the deaf*, n. 51, p. 161-176, 2004.

LIMA, L. R. *Relações de causalidade em orações complexas na Língua Brasileira de Sinais*. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MAHER, J. *Seeing language in sign: the work of William C. Stokoe*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de Gramática. In: _____. Manual de Linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINET, A. *A functional view of language*. Oxford: At the clarendon Press, 1978.

_____ . *Elementos de linguística geral*. Tradução adaptada para leitores de língua portuguesa por Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Pontes, 1978.

MEIR, I.; SANDLER, W. *A language in space*: The story of Israeli Sign Language. Taylor & Francis, 2008.

NAPOLI, D. J.; SUTTON-SPENCE, R. Order of the major constituents in sign languages: Implications for all language. *Frontiers in Psychology*, n. 5, p. 1-18, 2014.

NEIDLE, C. J. *The syntax of American Sign Language:* Functional categories and hierarchical structure language, speech, and communication. Massachusetts: MIT press, 2000.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____ . *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

_____ . *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____ . Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, São Paulo, n. 38, p. 109-127, 1994.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L.; DAL'AGLIO-HATTNHER, M.. As Construções Hipotáticas. In: NEVES, M. H. M; DAL'ÁGLIO-HHATTNHER, M. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil:* Classes de Palavras e Processos de Construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

OLIVEIRA, T. P. *As conjunções e orações condicionais no Português do Brasil*. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2008.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. A condicionalidade como zona conceitual, *Revista Delta*, São Paulo, n. 33, p. 219-313, 2017.

OLIVEIRA, T. P. As bases conceituais dos conectores condicionais em português. *Revista Odisseia*, v. 4, n. Esp., p. p. 194 - 210, 23 nov. 2019.

OUSHIRO, L. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o Elan. In: FREITAG, Raquel; MEISTER, Ko (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher. 2014.

PADDEN, C. A. *Interaction of morphology and syntax in American sign language*. Nova Iorque: Routledge, 2017.

PADDEN, C. A.; GUNSAULS, D. C. How the alphabet came to be used in a Sign Language. *Sign Language Studies*, v. 4, n. 1, p. 10-33, 2003.

PAULUS, L. *Conditional clauses in DGS and LIBRAS*: A systematic comparison. No prelo.

PFAU, R. Topics and conditionals in sign languages. In: Workshop on "Topicality" at the *Annual Meeting of the Deutsche Gesellschaft für Sprachwissenschaft (DGfS)*. Bamberg, 2008.

_____ . Syntax: complex sentences. In: BAKER, A. et al. (Eds.). *The Linguistics of Sign Languages*: An Introduction. A'dam: Benjamins, 2016.

PFAU, R.; STEINBACH, M. Grammaticalization in sign languages. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

_____. Complex sentences in sign languages – modality, typology, discourse. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; HERRMANN, A. (Eds.). *A matter of complexity*: Subordination in Sign Languages. Berlim: Degruyter, 2016.

PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. *Sign Language*: An international handbook. Nijmegen: De Gruyter Mouton, 2012.

PFAU, R.; QUER, J. Nonmanuals: Their prosodic and grammatical roles. In: BRENTARI, D. (Org.). *Sign languages*. A Cambridge language survey. Cambridge: Cambridge University Press, 381–402, 2010.

_____. Toward a Taxonomy of Given New Information. In: Cole, P. (Ed.). *Radical Pragmatlcs.* Nova Iorque: Academic Press, 1981.

QUER, J. Intonation and Grammar in the Visual-Gestural Modality. A Case Study on Conditionals in Catalan Sign Language (LSC). In: ARMSTRONG, M. E.; Henriksen, N.; Vanrell, M. M. (Eds.). *Intonational Grammar in Ibero-Romance*: Approaches across Linguistic Subfields. Amsterdam – Philadelphia: J. Benjamins: 369-386. 2016.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos*: a aquisição da linguagem. Artes Médicas. Porto Alegre, 1997.

_____ . *Phrase structure of Brazilian sign language*. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.

_____ . A transcrição de textos do Corpus de Libras. *Revista Leitura*, v. 1, n. 57, p. 8-34, 2016.

_____ . *Língua de Herança*: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira*: estudos lingüísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. *Língua brasileira de sinais II*. Florianópolis: UFSC, 2008.

QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Petrópolis: Arara Azul LTDA, 2008.

QUADROS, R. M.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LEITE, T. A.; e colaboradores. *Corpus de Libras*. Disponível em: http://corpuslibras.ufsc.br/. Acesso em: 10 abr. 2021.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, A. *Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira de Sinais*: um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais. São Paulo: Unesp, 2020 (inédito). Tese de Livre-docência.

RODRIGUES, A.; SILVA, A. A. Reflexões sociolinguísticas sobre a libras (Língua Brasileira de Sinais). *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 2, 2017.

ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (eds.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SANKOFF, G.; LABERGE, S. *On the acquisition of native speackers by a language*. Georgetown: University Round Table on Languages and Linguistics,1972.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Pensamento-Cultrix, [1916] 2002.

SANDLER, W. The medium and the message: Prosodic Interpretation of linguistic content in Israeli Sign Language. *Sign Language & Linguistics*, v.2, n.2, p. 187–215, 1999.

SCHEMBRI, A.; Johnston, T. *Sociolinguistic Variation in the Use of Fingerspelling in Australian Sign Language*: A Pilot Study. Sign language studies, v. 7, n. 3, 2007.

SILVA, A. A. A (in)definitude no sintagma nominal em Libras: uma investigação na interface sintaxe-semântica. Campinas: Unicamp, 2019. (Tese de Doutorado em Linguística).

STOKOE, W. *Semiotics and human sign languages*. Paris: Mouton, 1972.

_____ . *Sign language structure*. Silver Spring: Linstok Press, [1960] 1978.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. *The linguistics of British Sign Language*: An introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structures. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, [1990] 2002.

TANG, G.; LAU, P. Coordination and subordination. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Eds.), *Sign Language*: An International Handbook. Berlin: Mouton De Gruyter, 2012.

VELUPILLAI, V. *An Introduction to Linguistic Typology*. Amsterdam: John Benjamins, 2012.

WILCOX, S.=. The phonetics of fingerspelling. Jhon Benjamins, 1992.

WILCOX, S. Gesture and language: cross-linguistic and historical data from signed languages. *Gesture*, n. 4, v.1, p. 43–73, 2004.

WITTGEINSTEIN, L. *Philosophical investigations*. New York: Macmillan, 1953.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua de sinais brasileira (libras)*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

_____. Uma ou duas? Eis a questão!:um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua brasileira de sinais (libras). Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

_____ . A estrutura interna dos sinais da Libras à luz do modelo de análise fonético-fonológica de Liddell e Johnson (1989). In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (Orgs.). *Libras em estudo*: descrição e análise. São Paulo: Feneis, 2012.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. Com quantas mãos se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (Libras). *Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 111-128, 2013.

XAVIER, A. N. Análise preliminar de expressões não-manuais lexicais na libras. *Revista Intercâmbio,* São Paulo, v. XL, p. 41-66, 2019.